

BRANCO E NEGRO



PREÇO 40 RÉIS

CABEÇA DE MULHER

N.º 23



PIANOS
HARMONIUMS
CORDIS
REBECAS
BANDOLINS, ETC.
ACCESSORIOS
PARA TODOS OS
INSTRUMENTOS
MUSICA
LAMBERTINI
43, P. DOS RESTAURADORES, 49
LISBOA

CASA LAMBERTINI

ARTIGOS NOVOS

SURDINA para violino, com molla.....	Réis	₤ 03
RESINA BONN (aceite, economia e qualida- de superior)	"	₤ 240
RETININA para impedir que as cravelhas es- correguem.	"	₤ 200
CAVALLETES de 4 pés, para violino e vio- loncello	" e	₤ 500
TECIDO IMPERMEAVEL , para conser- var as cordas, 15 cent.2.	"	₤ 050
PREPARADO «REDIVIVUS» para livrar os arcos e instrumentos, cada frasco	" e	₤ 00
OLEO «PREMIER» para lustrar instru- mentos de corda e para as chaves dos instru- mentos de madeira, cada frasco.	" e	₤ 300

Estes artigos só se encontram n'esta casa

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 40 réis

Redacção e Administração — Rua Augusta, 47, 2.º andar — LISBOA

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	10100 réis	20200 réis
Africa Portuguesa.....	650 "s	12300 "s	24600 "s
Estrangeiro (paizes da União Postal).....	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	10050 réis	20100 réis	40200 réis

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 23

LISBOA, 6 DE SETEMBRO DE 1896

1.º ANNO

VIAGENS NO PAIZ

(VII)

VILLA REAL DE TRAZ-OS-MONTES



VILLA REAL — Igreja de S. Pedro — (Segundo uma photographia do sr. Lopes Martin.)

Na assentada d'um pequeno e verdejante monte, que se ergue em natural amphitheatro, fronteiro ao alcantilado e gigantesco Marão, correndo lhe aos pés os rios Corgo e Cabril, levantou D. Diniz, o rei lavrador, em 1289, a risonha e formosa villa, que denominou a *Real*, porque, diz a chronica, foi por sua real indicação que se escolheu tão aprazível sitio ou porque, d'entre as demais villas do reino, a futura capital da região trasmontana sobrelevava ou havia de sobrelevar a todas.

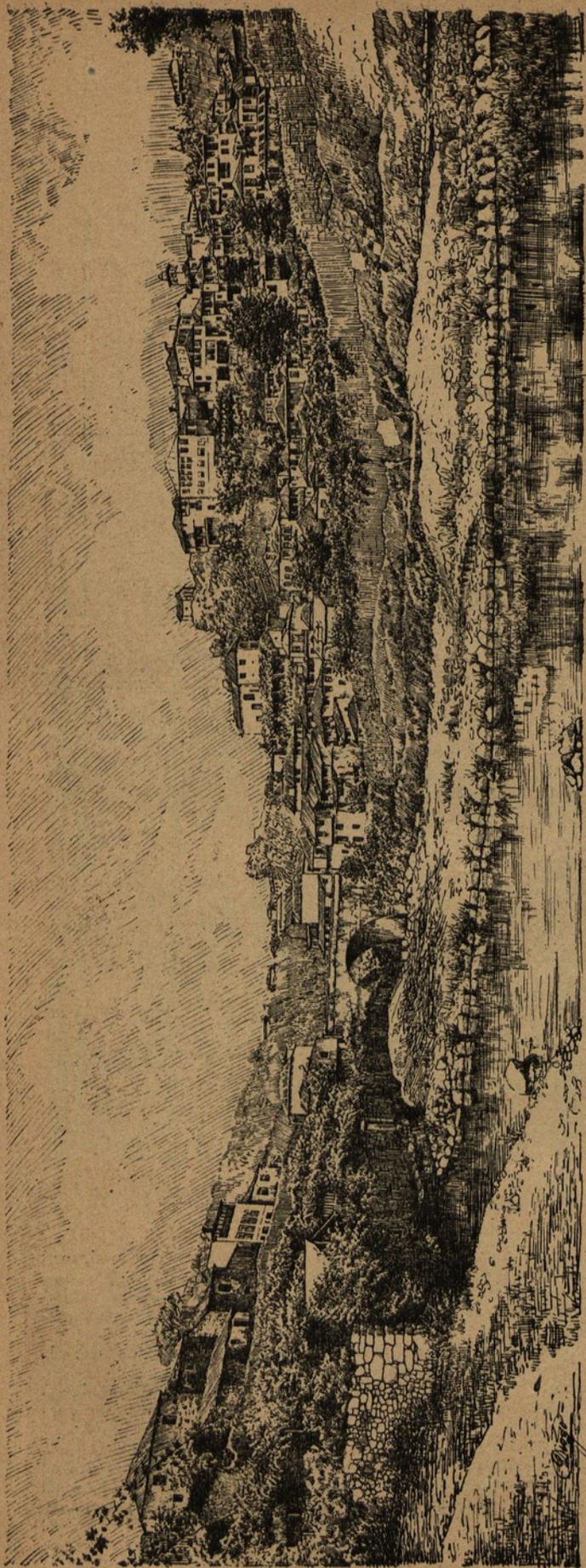
E, ou fosse vaidade de momento ou predição do poeta coroaado, o que é facto, é que hoje, o vaticínio se vaticinio houve, está realisaado. Villa Real é incontestavelmente uma das primeiras e principaes villas do paiz.

Tem sido controverso a etymologia do nome d'esta importante povoação do Norte, fazendo-o alguns derivar da situação topographica da terra banhada por dois rios, vindo d'esta sorte a chamar-se *Real* e por corrupção, mais tarde, *Real*.

Com tão accommodaticio criterio tinhamos muitas povoações em Portugal com a mesma denominação.

Parece nos, todavia, salvo o devido respeito a tão conspicuos investigadores, que se deve ter como certo, que do facto de D. Diniz ter fundado a villa, mandando lhe edificar um castello e cercando-a de muralhas — já nada d'isto existe, — e de ter sido elle proprio quem, com a ponta da sua espada, indicou o lugar em que se devia erguer, se tirou o nome da villa.

Chamar-se ia ella *Real*, porque, fundada por D. Diniz, foi por este monarcha doada á rainha Santa Isabel, de cujas mãos passou para o senhorio da rainha D. Brites, esposa de D. Affonso IV e mais tarde da ja pelo incons-



VISTA GERAL DE VILLA REAL — (Segundo uma photographia do sr. Lopes Maruns)

tante D. Fernando como presente de nupcias á formosa D. Leonor Telles, permanecendo sempre d'esta forma em poder da casa *real*, até D. João I, que fez d'ella mercê a um fidalgo de nome João Rodrigues Porto Carrero? E' possível.

A estreiteza do espaço de que dispomos e a propria indole do nosso semanario, não nos permitem o alargar-nos em mais considerações historicas.

Não nos propozémos a fazer uma monographia circumstanciada de Villa Real, nem a desempoeirar velhos archivos para profundas investigações ácerca do que era e que papel politico desempenhou a villa nos primeiros tempos da nossa monarchia e nas luctas que se travaram para a implantação do regimen liberal entre nós.

Não está egualmente bem assente qual é o brazão d'armas de Villa Real.

Uns fazem n'ò consistir n'uma corôa de loiro tendo no meio escripta a palavra *Aléo*; outros, e a meu ver, com mais justificada razão, descrevem-n'ò da seguinte forma: em campo vermelho uma espada com a ponta virada para baixo; emblema significativo da mais provavel origem do nome da villa.

Reza a tradição, explicando o brazão — «corôa de louro com a palavra *aléo*», — que estando D. Pedro de Menezes, 2.º conde de Vianna, a jogar a *choca* ou o *truque*, — jogo que consistia em fazer saltar uma bola batendo lhe com um pau, a que chamavam *aléo*—, se acercara d'elle el-rei D. João I convidando o a ir tomar conta do governo de Ceuta, havia pouco conquistada, convite a que promptamente accedeu o denodado cavalleiro; e perguntando-lhe o monarcha se poderia defender a praça das investidas dos mouros, lhe respondera D. Pedro de Menezes, «que com o *aléo* que tinha na mão a defenderia».

A maneira esforçada com que o conde de Vianna, e, mais tarde, conde de Villa Real, se houve no governo de Ceuta, fez que a esta villa fosse dado o brazão acima indicado.

Felizes tempos em que os fidalgos jogavam a *choca*, governavam cidades em terras de inimigos, ganhavam batalhas e... escreviam *modestamente* com a ponta da espada as mais bellas paginas da historia portugueza!!

A villa, que é toda illuminada a luz electrica, tem aproximadamente 7.000 habitantes nas suas duas freguezias de S. Diniz e S. Pedro.

Logo á entrada da villa, quando chegamos da Regoa, corre um vasto e ajardinado *boulevard*, formando as praças de Camões e de Lopo Vaz.

Destacam-se n'uma das extremidades d'este largo passeio o importantissimo edificio do hospital civil e a camara municipal que tem ao seu lado esquerdo o governo civil, um verdadeiro palacete moderno; e na outra extremidade o velho convento de Santa Clara, uma elegante praça para os tres mercados se-



VISTA DE VILLA REAL TIRADA DA TORRE DE S. DINIZ

manaes e uma archi-vetusta casaria, onde está installado o lyceu. Encontram se aqui tambem tres bons hoteis. Villa Real conta hoje tres importantes institutos de beneficencia, alem do hospital civil, — asylo d'infancia desvalida para o sexo feminino ; asylo-escola para o masculino e asylo para invalidos d'ambos os sexos.

Submettido a todos os principios da hygiene e da architectura moderna, existe n'esta villa um collegio para instrucção primaria e secundaria, que pode comportar mais de duzentos alumnos.

Este importante melhoramento moral e material deve-se ao benemerito villa realense dr. Jeronymo do Amaral, que o fundou a expensas suas.

Foi tambem ha pouco aqui creada uma escola central para habilitação ao magisterio primario, criação devida á rasgada iniciativa do digno Director Geral de Instrucção Publica, conselheiro José d'Azevedo e de seu irmão, o nobre ministro da Justiça, dois illustres filhos de Villa Real.

No extremo da Villa, á margem esquerda da estrada de Chaves, Pedras Salgadas, Vidago, Murça e Sabrosa, e fronteiro ao elegante quartel d'infanteria 13, depara-se-nos o lindissimo jardim publico que o bom gosto foi collocar n'um socalco do monte do Calvario e d'onde se disfructa um soberbo panorama, espaiando-se á vista pela formosa bacia formada pelo Marão e outras pequenas montanhas, povoadas de pittorescas aldeias das quaes se destaca a de Matheus, importante pelo magnifico palacio do actual conde de Villa Real.

Ponto forçado para as Pedras Salgadas e Vidago, Villa Real offerece n'esta epoca de *touristes* e de *banhistas* ou melhor *agustas*, como sóe dizer-se em linguagem moderna, um movimento desusado, imprimindo-lhe durante quatro mezes muita vida e animação.

CARVALHO CORDEIRO.



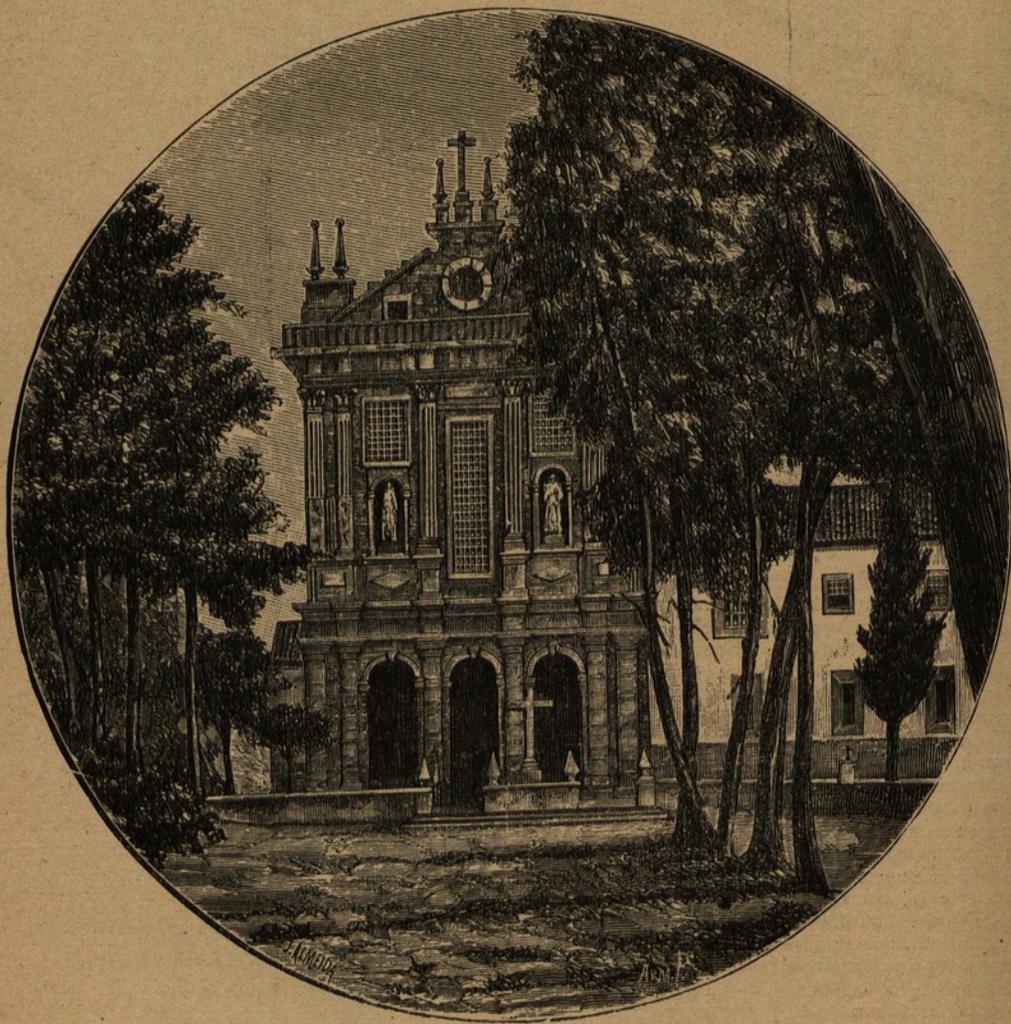
VILLA REAL — Capella de Christovão Gonçalo no Largo do Piolledo
(Segundo uma photographia do sr. Lopes Martins)

PASSEIOS PITTORESCOS

O correspondente de Espinho para o *Correio da Manhã* descreve assim o pittoresco sit'o de Grijó, que está constituindo na presente epocha balnear, um dos passeios preferidos pela colónia d'aquella praia:

Aqui temos nós um passeio muito agradável, o passeio a Grijó. A estrada corre entre pinhaes e campos de milho. Encontram-se, estrada fóra, as lavadeiras, as sardinheiras, as camponias, calcurriando, carros carregados e puchados pelos bois de grandes paus, algum lavrador abastado cavalgando a sua garrana, que vaca n'um desfechado furta-passo. Grijó, povoação sita a uma legua d'Espinho, é alegre, saudavel, fresca, uma terreola onde não se conhecem tuberculoses, escrophulas, e a gaiatagem de pantorrilhas ao léo, pedinchona e tro-tadora, muito nossa conhecida d'outros logares.

Ahi labuta-se, amanha se a terra, come-se a brôa, o caldo verde, e ch. nfanas varias, regadas com o verdasco



O CONVENTO DE GRIJÓ

autochtone; passa-se a vida maniatado ás gramalheiras do trabalho, e, á hora das sextas com o sol a pino, dorme-se de papo arriba ao sombral d'as parreiras.

Grijó é um recolhimento d'irmãs da caridade, em casa propria, d'adiva d'um cavalheiro portuense. Teve tambem um convento de frades cruzios, cuja igreja é hoje a parochial, e cujo claustro é dependencia d'esta. Do resto, parte está ao Deus dará. O proprietario da cerca faz d'alli um deposito de palha! N'outra parte está installada uma fabrica de manteiga, que um inglez estabeleceu arrendando um pedaço do edificio por cinco annos. A' entrada da igreja está o cemiterio da freguezia, cemiterio que se continua nos corredores do claustro.

Por costumeira local cada sepultura tem uma pucara ou uma tigella cheia d'agua benta, com um raminho para as aspersões.

O sachristão, rapazola com balandrau de baeta encarnada, sapatões e meias de campino, mostrou-nos a igreja onde ha alguma coisa que vêr. Tem altares com esplendida obra de talha, e á esquerda do altar-mór o tumulo d'um filho de D. Sancho I, o infante D. Antonio, se bem nos lembra. Dos altos da igreja goza-se uma boa vista. Os campos estendem-se como successivas toalhas em que scintilla o esmeraldino molhado das ervas; ondulam, com viçosa alegria, as banderolas dos milhos, os pennachos dos olmos que crescem rente aos regatos, e a ramaria verde escura dos pinheiraes, onde a brisa passeia o seu pente invisivel; mais para lá admira-se um lençol azulino — o mar; e para o outro lado, n'um pico altissimo, enxerga-se, entre a claridade dourada, a torrinha branca da ermida dos Carvalhos, em que se costuma realizar uma grande romaria annual, concorridissima do povo das cercanias.

PINTO DE CARVALHO (TINOP).



HISTORIAS PARA CRIANÇAS

O BURRO E O ROUXINOL

(A' ménina Helena Pereira Barroca)

ERA uma vez um burro que fizera fortuna; jogava na Bolsa; as especulações eram felizes e dentro em pouco o burro tornou-se um capitalista, não como muitos que ha que fazem mover os estados com o dinheiro e que se arruinam a fazer reis, mas tão capitalista como o pôde ser um burro!

Mudando de condição, este burro pensou em mudar de sociedade, mas, não querendo offender os antigos camaradas pondo-os terminantemente na rua, esperou que, renovando de habitos, os amigos se afastassem espontaneamente.

Vendeu a pessima cavallariça e a sua detestavel mangedoura, e mandou construir uma éstribaria á ingleza com soberbas mangedouras de marmore, celhas d'acaju, lampadas de bronze, etc.; era um luxo principesco.

O nosso burro, que se chamava Martinho, como quasi todos os burros, achando este nome improprio para um burro da sua condição, logo quiz ennobrecer-se, juntando ao nome proprio o nome da terra natal que era Montmartre; portanto ficou a chamar-se prin.eiro o sr. Martinho de Montmartre e depois achou mais simples assignar se só o sr. de Montmartre.

Um dia convidou todos os seus collegas para um grande banquete. Julgou que o luxo os envergonharia e que elles, acostumados a beber n'uma má celha, e a mascar a ruim palha n'uma cavallariça, não estariam á vontade, quando sentados á meza d'um fidalgo, porque elle imaginava-se já um fidalgo. Tinha mandado accender os lustres, julgando que os burros se envergonhariam de que lhe vissem as albardas ignobeis e as cabeçadas ruças, tão crua-mente illuminadas. Tinha tambem dado ordem para que se não servisse á mesa o menor cardo e esperava ver os convivas desgostosos, mas enganava se: os burros são mais difficeis de enganar do que se pensa; gostam do luxo e não se espantam do esplendor.

Estiveram, pelo contrario, contentes pelo luxo que os rodeiava, endireitavam as orelhas e as gravatas (a cabeçada pôde considerar se como a gravata do burro); a grande luz que mostrava a sua miseria não lhes metteu medo.

Serviu-se o banquete.

Bem longe de lastimarem o não haver cardos, nem sequer deram pela sua falta; ficariam até muito espantados se lh'os servissem: — O quê; cardos! — exclamariam elles, em mangedouras d'acaju! não é crível!

O dono da casa enchia-os de delicadezas, demais fazia tenção de não tornar a convidal-os. A semcerimonia e as maneiras familiares d'estes burros desagradavam lhe em extremo.

Para o vexarem puzeram-se a recordar-lhe o tempo em que tinha sido pobre:

— Ah! exclamava um, quando ias levar trigo aos moinhos, quem te diria que ainda um dia havias de ser um grande personagem!

— Recordas-te, dizia outro, da herdade em que estavas e da pancada que levavas do teu dono, todas as vezes que querias provar da carga? Ter palha perto das orelhas e não poder comer nem um bocadinho, é cruel! Então todos riam d'esta malicia, com esse rir de burro tão ruidoso que me abstenho de imitar por conveniencia.

E depois, se os senhores vissem aquelles pimpões, a troçarem com o dono da casa promptos a encontral-o ridiculo, porque elle tinha bom gosto, e achando mau que elle tivesse trocado a albarda pela sella ingleza, criticando o traje, a libré dos creados, falando baixinho ao ouvido com fignra e entreolhando se maliciosamente.

— A fazer de rico! diziam, que insolencia de luxo!...

— Comquanto que isto dure; ajuntou uma velha burra invejosa.

Assim os ingrates convivas não podiam perdoar a um amigo um luxo de que elle os convidara a partilhar.

Riam se porque fazia, por causa d'elles, grandes despezas, e comtudo se não tivesse procedido assim ter lh'ham chamado unhas de fome.

— Os amigos são o que vêmos, pensou o ricasso; experimentemos os indifferentes.

Decidido a viver n'outra sociedade e sobretudo a livrar-se d'aquella, o burro viajou.

Foi ás Caldas de Monte d'Ouro; ahi foi acolhido com azafama; tudo o que é extravagante, alegre n'uma estação thermal. O burro divertiu-se muito; o habito que tinha de subir montanhas, fel o procurado por toda a gente. To-mou parte em todos os passeios; as fêmeas disputavam-n'o. Ainda que fosse ignorante, como tinha viajado muito durante a mocidade, a conversação era agradável. Cantava maravilhosamente; e até aquelle defeito d'origem tão censurado nos seus semelhantes lhe dava uma certa graça; era muito teimoso nas suas opiniões, mas esta teimosia, insupportavel n'um caminho estreito ou quando se tratava de transpôr uma ribeira, applicada á discussão não deixava de ter os seus encantos, servia para vivifica-la e para a manter.

O sr. de Montmartre ainda tinha outras aptidões de sala, cantava com certo gosto e podia apresentar-se n'um concerto; no bilhar jogava mal, mas pagava bem. Por isso relacionára se com muitos moços levianos, encantados por poderem assim reparar as suas perdas á custa do novo amigo.

(Trad.)

HENRIQUE MARQUES JUNIOR,

(Continúa).

Santa Joanna

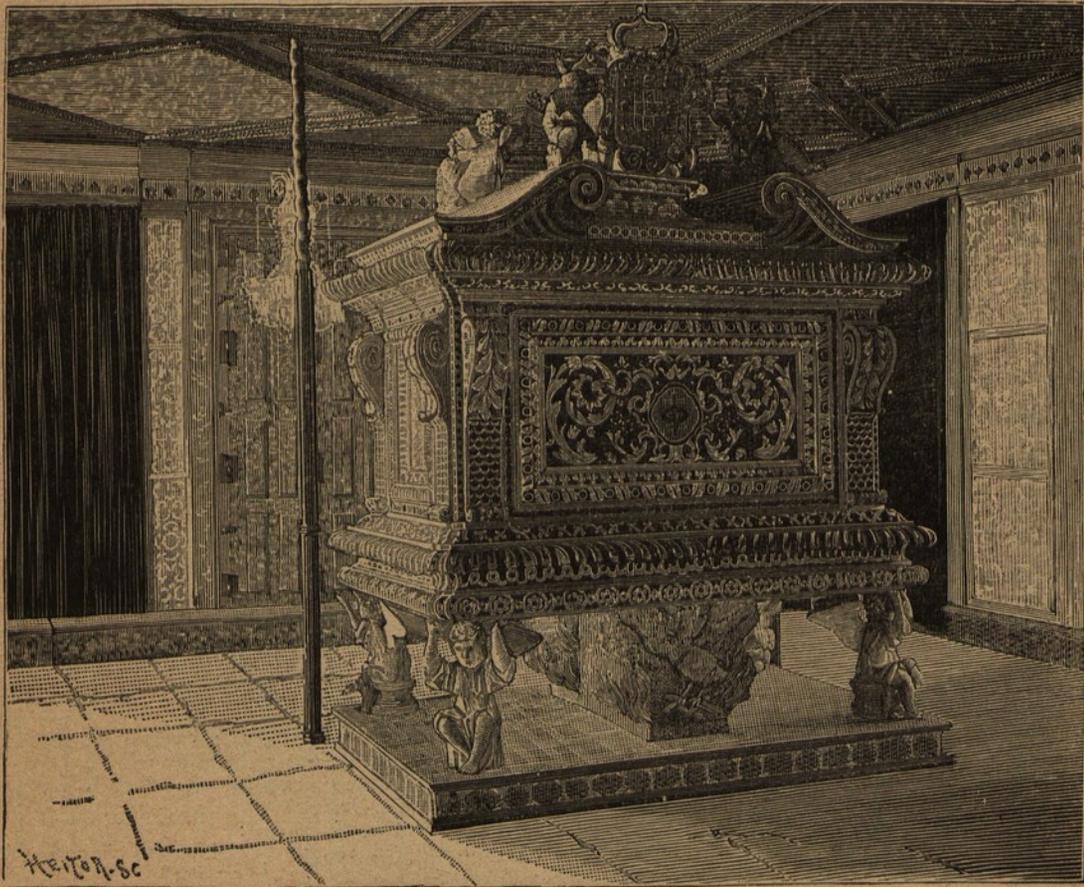
Foizheando um alfarrabio da vida de Santa Joanna, padroeira d'esta cidade de Aveiro, pude colhêr o seguinte, em prol da egregia filha de D. Affonso v:

D. Joanna de Portugal, filha primogenita de D. Affonso V, nasceu em Lisboa, no paço da Alcaçova, a seis de fevreiro de 1452.

Completava cinco annos de idade quando ficou orphã de mãe, ficando ao cuidado de D. Beatriz de Menezes, sua aia, que a educou com esmero e gentileza.

D. Joanna passou a sua meninice favorecendo as pobres com esmolos e confortos. Aos dezeseite annos era formosa — cabellos loiros annellados; o rosto oval; o nariz proporcionado e a bocca, pequena, entreabria se n'uns labios purpurissimos. Alta de estatura, mas donosa; o trajar simples, mas elegante.

No dia 3o de julho de 1472 chegou D. Joanna a Aveiro, e a 4 de agosto teve logar o seu ingresso no convento de Jesus, que foi com o maior esplendor. Tomou habito de noviça no dia 25 de janeiro de 1475.



AVEIRO — O tumulo da princeza Santa Joanna

Em junho de 1479 a peste oriental entrou em Aveiro e D. Affonso ordenou a D. Joanna que desamparasse o convento e se dirigisse a Aviz, tendo logar a sahida em andor, a 27 de setembro.

Após alguns mezes de residencia em Aviz, encaminhou-se para Abrantes, aonde falleceu a Princeza D. Beatriz Leitão a 3 de maio de 1480 que comsigo levou, e decorridos alguns dias depois da morte d'aquella senhora, voltou no fim de agosto ao convento, por haver noticia que a peste tinha abandonado Aveiro.

D. Affonso v falleceu no anno immediato de 1481 no paço de Cintra.

Desenvolvendo se a peste novamente em 1485, D. Joanna foi obrigada a ausentar se do convento pela segunda vez, regressando a Aveiro em fevreiro de 1486. Começou então a soffrer horrivelmente com uma dose de veneno que uma dona que ella expulsára pelo seu mau comportamento, lhe ministrára n'um copo d'agua, até que d'isso veio a fallecer a 12 de maio de 1490.

Pedira a Princeza que a sepultassem no côro de baixo; sendo aberta a sepultura junto dos degraus do commungatorio.

Quando o cortejo funebre era conduzido ao côro debaixo, as flôres cultivadas por as proprias mãos da Santa seccaram como querendo tambem chorar a morte da sua santa agricultora.

Fôram trasladados, em 1572, os restos mortaes de D. Joanna para um caixão de ebano, dadiva de D. Anna, duqueza de Caminha No anno de 1603 foi beatificada, por bulla de 4 de abril.

Depois de alguns annos da beatificação, D. Pedro II mandou ao prior de S. Domingós meios necessarios para a construcção d'um sumptuoso tumulo, sendo incumbido da obra João Antunes, que a principiou no anno de 1699. O custo foi de réis 4:800.000. E' esse o tumulo que a nossa gravura representa e que tem chamado a attenção dos visitantes não só do reino como do estrangeiro.

ACTUALIDADES

O SENHOR DA SERRA

(NOTAS)

Fostes ao senhor da serra
E nem um anel me trouvestes!

Logo á entrada da quinta, o arrayal do Senhor começava. Sob lonas, em mesas de pinho, o leitão lourejava, esfarrapado já. Desde a madrugada que alli se comia e bebia. D'aquella romaria da estrada, regulada pelas horas dos comboios, a vanguarda abancava logo, cheia de sede, e então d'uma quartola n'uma qualquer carroça enfeitada, o vinho começava a espirrar, roxo e fresco.

O portão dava sobre uma alameda sombreada e comprida, e n'essa passagem, de cima das arvores altas, cahia sobre os grupos uma luz peneirada que o verde das folhas tonalisava.

Ao fim da alameda era compacta a multidão. Promiscuidade grande! O burguez a ares, de bambu alto e bonnet bordado; o varino de fato domingueiro, a cinta vermelha, o jaquetão forte, o registo do Senhor entalado na fita do chapéu enorme; a cachopa limpa, de fatos claros, largas rodas de saias, corações amarellos sobre os seios rijos, as arrecadas compridas; a saloia feiinha no seu trajar atravessado de pretenção selvagem; o Pintas, fadista illustre, pallido moço d'olheiras fundas e ar gingão. — De tudo!... até eu!

Atravessado aquelle macisso de gente cuidadosamente canalizada de fôrma a não

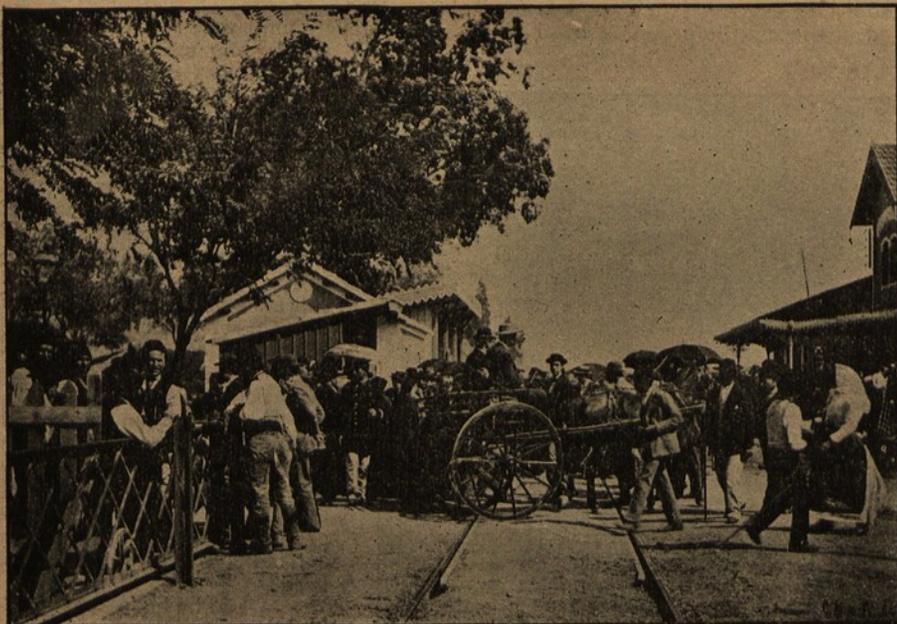
partir a fragil feira d'uma vendeira de louça, entrava-se então n'uma clareira grande.

Plena kermesse!

Um trigueiral ceifado, e ao redor massas altas de verdura em bases velhas, rugosas. Retalhado aquelle horisonte verde, dava os tons d'um dia inteiro em paisagens multiplas. Um pedaço além esfumava-se suavemente recortando-se no ceu azul prenhe de luz, em feitos bruscos, rectos, como um bastidor de theatro n'um pôr de sol artificial. Mais perto, a luz em cheio, um molho d'eucalyptus evidenciava folha por folha o seu feitio esguio, a sua côr azulada e baça estampada em troncos que o sol pintava côr de chocolate. Uma brepha isolada no alto d'um morrosito tinha transparencias de vidro glauco, e cortada pelo matto amarellado que lhe sahia



A chegada de um comboio



Atravessando a linha depois da partida do comboio



De Lisboa a Fe'as

d'uma viola. E no chapéu, d'aba curta, enrolada, tinham todas espetado no pé d'um carvalho enorme uma dança se formára com cantares rijos e um ruído chocalhado de guitarra. e viam-se sobre os grupos, como bicos de moringues, as mãos das varinas de braços erguidos, castanholando.

E sempre, por toda a parte, o grande instinto portuguez, peninsular: comer, beber. Homens desciam de borracha na mão a buscar vinho, homens subiam das vendas, e atravessavam, cheios de cuidados, toda a largura do trigal, a panella de barro bem agarrada a mãos ambas, ou então o cesto de verga ás costas, a bilha e o farfel suspensos. E os grupos augmentavam sempre, internavam-se pela mata. Por um momento apenas fez-se um silencio n'aquelle ar calido; só as cigarras se respondiam pelas brenhas, o *zum-zum* da guitarra continuava monotonamente, e uma senhora, n'um grupo burguez, ria o seu riso tilintado de delicada. E era tambem delicioso aquelle grupo de mediana em festa, onde abundavam as femeas. Algumas



Na serra

mesmo sem chapéu, tinham umas vermelhidões d'alcool nas bochechas finas, um desprezo claro de posições, e muito risonhas, espreguiçando-se na chita larga dos vestidos, estendidas sobre o matto secco, deixavam ver o seu pé miudo, calçado em carneira vermelha.

No mais copado da mata havia um remanso grande que o susurro do bulicio ao longe fazia sobressair mais. E os grupos continuavam-se, rareando, escondidos, por vezes dois, disfarçando ternuras ao sentir gente, fazendo idyllio — bebendo sempre.

Subindo, subindo, chegava-se então á capellinha, e da porta via-se logo o Senhor crucificado, ao fundo, entre azulejos; e rodeando o, umas floresitas suspensas, grupos d'anjos como bouquets, collados, trepados pelas humbreiras.

— Tão lindinho...!

E repousada a sua cabeça de martyr sobre a clavícula esquerda, o da Serra parecia deixar esgotar lentamente a sua vida justa,



por bicas sangrentas que lhe salpicavam a pelle nua e amarella, de magro.

— Tão lindinho...!

Descia se depois uma escada velha ladeada de nichos espaço a espaço, e cá ao fundo, como um obelisco, um monumento esguio furava o reticulado fino dos ultimos troncos. Dois velhos olhavam tristemente um arco de pedras amarellas, artificialmente erguidas em cascata. O homem tinha o typo curvado dos sedentarios, miudo, sobr'olho espesso, os labios finos, um teimoso evidente em questãõ de habitos,romeiro que ha vint'annos não falta ao arr.ial; a mulher era forte ainda na sua vehice accentuada, um chapéu infame no cucuruto da cabeça bem penteada, onde dois olhitos vivos ralhavam espirrantes de indignação, com qualquer coisa. E tristes ambos!... Junto com a vida que sentiam ir-se, a mudança que tinha feito o arraial, a quinta! Uma agua que corria por ali aos borbotões, n'um barulho fresco e pacifico, com brilhos bruscos no seu zigzaguear metallico, desaparecera já havia annos. E toda aquella serra, cheia de frescura outr'ora, hoje estalava de calor sem aquelle refrigerio saudavel. Era bem o sangue da montanha que se esvaira por outra banda. Depois, o mundo que tambem mudára...!



Descantes

Fóra da quinta a feira bohemia de barracas de lona, e rodas de jogar. E predominando n'aquellas ruas improvisadas de mercado chinezissimo a tasca com mezas de pinho, immensos fogões de barró, á entrada, onde estrugia o peixe frito e a panella enorme fumegava.

A' multidão compacta um saltimbanco gritava o extraordinario do seu trabalho: a menina gorda — o homem serpente — o alto baixo — o preto-branco. Pasmavam lapuzes p'r os *m.iltors* sujos, lantejoulados. E cobrindo tudo, gente e coisas, um pó fino, como uma polvilhação carnavalesca, punha no cimo arredondado das arvores copadas e baixas um tom esbranquiçado de velhas cabelleiras de estopa.

Uma varina correrá p'r'á compra d'um anel a rua da quinquilha, e safára o afinal por 25, sendo o preço d'elle 30 réis. Descompozera duas barraqueiras e perdera n'um aperto um pingente de filigrana da arrecada... mas levára-o afinal por 25!

N'uma roda, um trigueiro gastava vintens com o engodo d'uma placa de prata sob um caco, empurrando sempre nervosamente o pnteiro da rolleta. E já lá s'iam tres tostões!

Um velho que passava, tonto de vinho, e a multidão premia sem olhar, tinha enrolado, o satyro! á copa do chapéu como uma corôa á sua cara alegre, um grande ramo de hera.

Vinha das vendas um cheiro farto de vinho e de gordura. D'algumas mesmo junto com guitarrada dolente, cantos cresciam, na digestão do Torres que é pesado e terno.

Começavam já pela estrada a partir carroças com saloias, que se debruçavam por entre os fueiros ás graçolas da gente que seguia.



A' volta

...E dentro ainda, n'aquelle cair da tarde de dia alegre, que ia morrer em crepusculo dourado por detraz da serra, continuava a liberdade da kermesse, n'um movimento irrequieto, contagioso, estonteador. Tudo ria, as mulheres perseguiam se em corridas barulhentas, cheias de gritos, a carne quente, irritada, com o macho a assular de longe, espreitando desleixos, apreciando d'olhar vermelho aquelle quebrar de linhas, onde a carne é dura e tenra em certos pontos.

Pelas sombras, a satisfação do chymo, a animadaide espojada, saciada, a que o vinho fizera esquecer a canga.

E então no alto do morrosito a que inda ha pouco a luz dava tons humidos de valla e que o sol feria agora quasi horizontalmente, uma mulher pousava só e immensa.

Boa mulher, aquella! D'uma lindeza especial de femea, a valer femea! A pelle d'uma transparencia macia, feita de leite que reflectisse uma folha de rosa desbotada; nos o.hos uma suavidade meiga; a bocca pequena, ligeiramente escarlate; o collo alto, d'uma pujança rija; o braço roliço repuxando a seda da manga, n'um trasbordar de carne — que hem saberia sentir-se no pescoço! — Conjunctamente grande e bella n'um pousar de estatua allegorica, bem plantada, o olhar enorme por sobre a superficie illuminada, bebendo o verde de fundo espesso e rendilhado, quebrada um pouco pela cintura estreita, a mão apoiada n'um cajado alto. Boa mulher, aquella!



Na serra

Observando talvez o marulhar d'aquelle povo, cevando em horas de refocilação, a sua carne castigada de proletario.

Respirando talvez uma sensualidade grande, petiscada do contacto quente da femea e misturada ao cheiro do mato que o calor fazia supurar.

Boa mulher, aquella!

Pelos campos havia uma fervilhação á superficie como o vapor d'um corpo humido n'uma athmosphera quente. Umaz rochas em escasso olival tinham tons de tições monstros, carvão mal queimado que a'guem cobrisse de cinzas no auge da combustão.

E pelos valles, lá longe, um sulco secco que freixos altos sombreavam intensamente, fazia lembrar a crosta estalland', esbeijando-se como a casca dura d'um fructo tropical, áquelle brazido enorme que se extinguiu em cima, entre oliveiras.

E pela noite quente a boda prolongava-se...

(Photographias de Arnaldo Fonseca).

ARNALDO FONSECA.



NOS_ARREDORES DE MAFRA — (Photographia de Arnaldo Fonteca)

SETUBAL

SETUBAL é, como naturalmente sabem, uma cidade pequena, na margem do Sado, vivendo magramente de banhistas e de sardinha. Tem quatro velhas parochias, de roda de cujas igrejas se enroscam vielas nauseabundas, dois conventos ou tres, sem maior importancia archeologica — excepção feita ao de Jesus — e como obras modernas, uma extensa avenida marginal sem teraplenos de caes occultando a inmundicie da praia coberta de dejectos, alguns desmazelados jardins impasseaveis, e uma estatua a Boccage, vestida de creado d'opera defronte d'um portal gothico, e ao pé d'um chafariz secco. Na varruscadella á pressa das ruas, na brunidura modica de certas casitas novas, na ornamentação dos passeios e alamedas suburbanas, uma pelintrice salta, de cidade que se acapitala, sem estipendios fixos, particulares ou municipaes, e a quem a clientella banhista impõe no verão, despezas, cujos fructos a penuria do inverno inutilisa.

Nos bairros velhos, como as construcções são primitivas, nullo o conforto, a hygiene um mero accinte, acontece que a podridão dos lares córre nas ruas, descoberta, em jorros negros, cujo fartum humano se intrómette ao peixe podre, e ao dos monturos acoagulados pelos cantos. Esta povoação de meias sujas, velha e mesquinha, especie de Ribeira Velha complicada d'Alfama e Cruzes da Sé, alastra-se á beira rio n'um leque branco, circumtornado de pomares e d'arvores, para além de cuja fimbria se altea de um aro de serras magnificas, com thiaras de rochas e pinhaes.

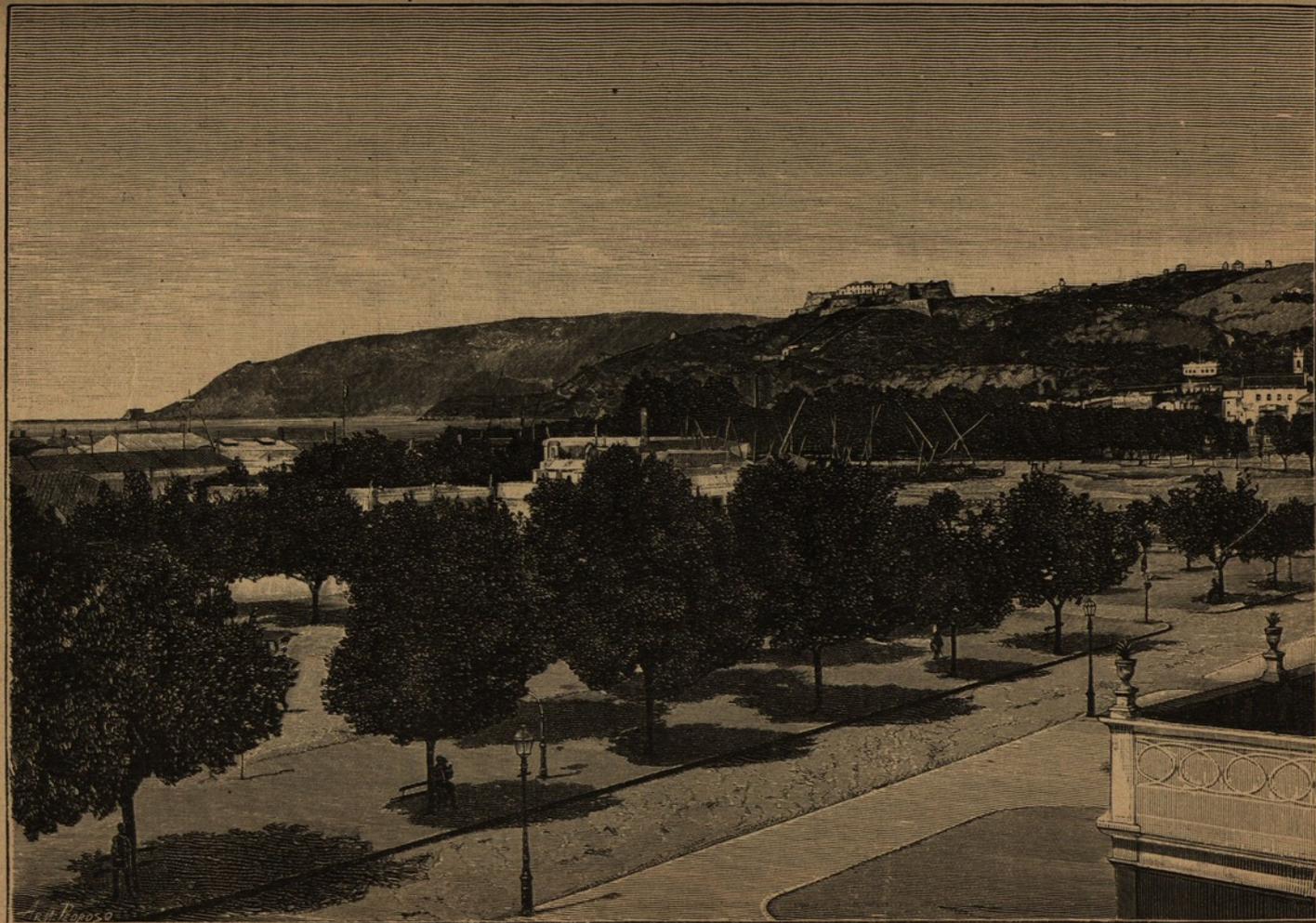
Estes pomares, laranjaes na maior parte, que a epidemia arrasou em alguns annos de devastações não combatidas, foram por muito tempo em Portugal um oasis raro, tornando o vale de Setubal n'uma *corbeille-caçoila*, reconstruida sobre desenhos do Eden, e a que parecia estar de guarda, Palmella, a prumo na serra, crenelada e estupenda, com o seu formidavel ar de ninho de dragões. A laranjeira morta, as vinhas phylloxeradas, outras frondes cobriram a argilla riquissima das veigas, arvores novas supriram nos regadios das quintas, os cadaveres das antigas, e o pinheiral desceu até dos pincaros, a povoar as calvas que os agricultores não replantavam. De sorte que o forasteiro sincero, depois que passeado na cidade, se vai desinfectar do seu máu cheiro aos campos, ao surprender o contraste da obra de Deus com a dos homens, a primeira oração que faz é pedir aos ceus o terremoto, agora que o Marquez de Pombal já cá não volta, com um indulto para o convento de Jesus, para os castellos de S. Fillipe da Serra e S. Thiago d'Outão, para os portaes da igreja do Sapal, e algumas miudezas mais de que este exiguo roteiro não dá conselho.

Foi o que eu fiz em toda a consciencia, depois d'um dia de passeios no Bomfim e gazosas no Lapidio, vendo as sécias alemtejanas, com coláres de varina, pavonear modas confeccionadas nos ateliers da rua do João Gallo e beco das Derzellas, sobre fazer das de quatrocentos e quarenta o metro, entrando as guarnições.

FIALHO D'ALMEIDA.



AVENIDA DO CAMPO DO BOMFIM



SETUBAL — AVENIDA DA PRAIA E CASTELLO DE S. FILIPPE

CONSTANTINOPLA

Agora que na capital do imperio ottomano bandos de fanaticos se batem ferozmente por odios religiosos e politicos, semeando o terror, sem que ate hoje nenhuma nação do occidente tenha posto termo aquella selvageria sem nome, parece-nos de palpitante actualidade transcrever aqui, acompanhando a *Vista geral de Constantinopla*, um pedaço da fulgurante prosa de Edmundo d'Amicis, o scintillante prosador italiano.

DISSIPOU-SE a visão d'esta manhã. Aquella Constantinopla, toda luz e toda belleza, é uma cidade monstruosa, disseminada por um infinito numero de ladeiras entre colinas e valles; é um labyrintho de formigueiros humanos, de cemiterios, de ruinas, de solidões; uma confusão nunca vista de civilisação e de barbarie, que apresenta uma imagem de todas as cidades da terra, e em si reúne todos os aspectos da vida humana. Não tem verdadeiramente de uma grande cidade senão o esqueleto, que é a pequena parte dos seus muros; o resto é uma enorme agglomeração de barracas, infinito acampamento asiatico, onde zumbe uma população que nunca foi recenseada, de gente de todas as raças, e de todas as religiões. E' uma cidade em transformação, composta de cidades velhas que se desfazem, de cidades novas que brotaram hontem, de outras cidades que estão brotando. Está tudo revolvido; vêem-se por toda a parte os vestigios de um trabalho gigante; montes perfurados, collinas desbastadas, burgos arrazados, grandes ruas desenhadas, uma immensidade de montes de pedras, de ruinas de incendios, n'um terreno perpetuamente atormentado pela mão do homem. E' uma desordem, uma confusão de aspectos desconcentrados, uma sensação continua de vistas surprehenderes e estranhas que faz vertigens. Chegaes até ao fundo



VISTA GERAL DE CONSTANTINOPLA

de uma rua senhorial, está fechada por um precipicio; sahís do theatro, achae-vos no meio dos tumulos; subis ao alto de uma collina, vêdes um bosque debaixo dos pés e outra cidade na collina fronteira; o burgo que atravessastes pouco antes ides vê-lo, voltando-vos de improviso, no fundo de um valle profundo, meio escondido pelas arvores; dae volta a uma casa, e ahí tendes um porto; descei por uma rua, adeus cidade! estaeis n'uma garganta deserta d'onde se não vê senão o céu; as cidades despontam, escondem-se, tornam a apparecêr continuamente por cima da vossa cabeça, aos vossos pés, pelas vossas costas, proximas e distantes, ao sol, á sombra, entre os bosques, no mar; dae um passo para diante, vêdes um panorama immenso; dae um passo para traz, já não vêdes cousa alguma; levantaes a cabeça, mil pontas de minaretes; descei um palmo, todas desaparecem; as ruas, que formam uma rede infinita, serpeiam por entre monticulos, correm por cima de terraplenos, vão rentes a precipicios, passam por baixo dos aqueductos, fragmentam-se nas viellas, descem em degraus, entre silvados, sujidades, ruinas, areias. De espaço a espaço a cidade como que respira fortemente na solidão do campo, depois recomeça, mais densa, mais florida, mais alegre; aqui espraia-se, agrupa-se de novo; n'um sitio é toda fumo e estrepito, n'outro dorme; para um lado toda se avermelha, para outro é toda branca, para outro ainda o que domina é a côr do oiro, e para outro apresenta o aspecto de um monte de flôres. A cidade elegante, a aldeia, o campo, o jardim, o porto, o deserto, o mercado, a necropole, alternam-se incessantemente, erguendo-se umas cousas sobre as outras, em escalão, de modo que se abrangem n'um só olhar, n'uma encosta unica, todas as variedades de uma provincia. Desenha-se por todos os lados no céu e na agua, uma infinidade de contornos extravagantes, tão densos, tão doidamente quebrados e denticulados pela variedade de architectura, que se confundem aos olhos do espectador como se tremulassem e se enredassem uns nos outros. No meio das casinhas turcas ergue-se o palacio europeu; por traz do minarete

O campanário; sobre o terraço a cupula; por traz da cupula o muro com ameias; os tectos dos kiosques á chineza por cima dos frontões dos theatros; as varandas gradeadas dos harens d'efronte das grandes janellas com vidraças, as janellas mouriscas em frente dos terraços com balaustradas. Os nichos das Virgens debaixo dos arcos arabes, os sepulchros nos pateos, as torres entre os tugurios; as mesquitas, as synagogas, as egrejas gregas, as catholicas, as armenias, umas por cima das outras, como se procurassem esmagar-se, e em todos os vãos, cyprestes, pinheiros de copa, figueiras e platanos que estendem os ramos sobre os tectos. Uma indiscriptivel architectura toda de expedientes concilia os infinitos caprichos do terreno com uma miuçalha de casas cortadas aos pedaços, em forma de torres triangulares, de pyramides direitas ou tombadas, cercadas de pontes, de espeques e de fossos, amontoadas confusamente como os rochedos cahidos de uma montanha. De cem em cem passos tudo muda. Aqui estaveis n'uma rua de um arrabalde de Marselha; voltai vos, é uma aldeia asiatica, tornaes-vos a voltar, é um bairro grego; voltai-vos ainda, é um arrabalde de Trebizonda. Pela lingua, pelas physionomias, pelo aspecto das casas, reconheceis que mudastes de nação; são pedaços da França, faxas da Italia, engastes de Inglaterra, enxertos da Russia. Na immensa face da cidade se vê representada em architecturas e em côres a grande lucha que se pelega entre a familia christã que reconquista e a familia islamicita que defende com as suas ultimas forças a terra sagrada. Stambul, outr'ora toda turca, é assaltada por todos os lados por bairros christãos que a vão roendo lentamente ao longo da praia do Corno Aureo e do mar de Marmara: por outro lado a conquista procede com furiosa precipitação; as igrejas, os palacios, os hospitaes, os jardins publicos, as officinas, as escolas, rasgam os bairros musulmanos, destroem os cemiterios, avançam de collina em collina, e já desenham vagamente no terreno revolvido a forma de uma grande cidade que um dia cobrirá a margem europea do Bosphoro, como a de agora cobre as praias do Corno Aureo.

Mas d'estas observações geraes distrahem a caça passo mil coisas novas; n'uma rua o convento dos derviches, n'outra a caserna do estylo mourisco, o basar, o café turco, a fonte, o aqueducto. N'um quarto d'hora se torna mister mudar se de andadura; descer, trepar, saltar por uma encosta abaixo, subir uma escada de pedregulhos, atascar na lama, evitar mil obstaculos, abrindo caminho ora por entre a multidão, ora por entre os arbustos, ora por entre trapagem penduraja, ora tapando o nariz, ora aspirando ondas de ar odorifero. Da grande luz de um sitio aberto, d'onde se vê o Bosphoro, a Asia e um céu infinito, immerge-se a gente a poucos passos na escuridão triste de uma rede de viellas flanqueadas de casas a cahir, e semeadas de calhaus como leito de regatos; de um verde fresco e umbroso para uma poeirada suffocante, asseteada pelo sol; de encruzilhadas cheias de côr e de ruxores, para recessos sepulchraes onde nunca souu uma voz humana; do divino Oriente dos nossos sonhos para outro Oriente lugubre, immundo, decrepito, que excede tudo o que de mais lobrego possa idear a imaginação.

Depois de um giro de poucas horas já se não sabe da cabeça. A quem nos perguntasse de improviso o que é Constantinopla, não saberiamos responder senão pondo a mão na testa para socegar a tempestade dos pensamentos. Constantinopla é uma Babylonia, um mundo, um chaos. E' bella? Pro ligiosa. E' feia? Horrenda. Agrada-vos? Embriaga. Ficareis aqui? Quem sabe! Quem pode affirmar que se deixaria ficar n'outro astro? Volta-se para casa cheio de entusiasmo e de desenganos, a-rebatado, enojado, esbaforido, atordoado, com uma desordem na mente que parece o principio de uma congestão cerebral, e que se aquieta depois a pouco e pouco n'uma prostração profunda e n'um tedio mortal. Vivemos á pressa uns poucos de annos, e sentimo nos avelhentados.

EDMUNDO DE AMICIS.

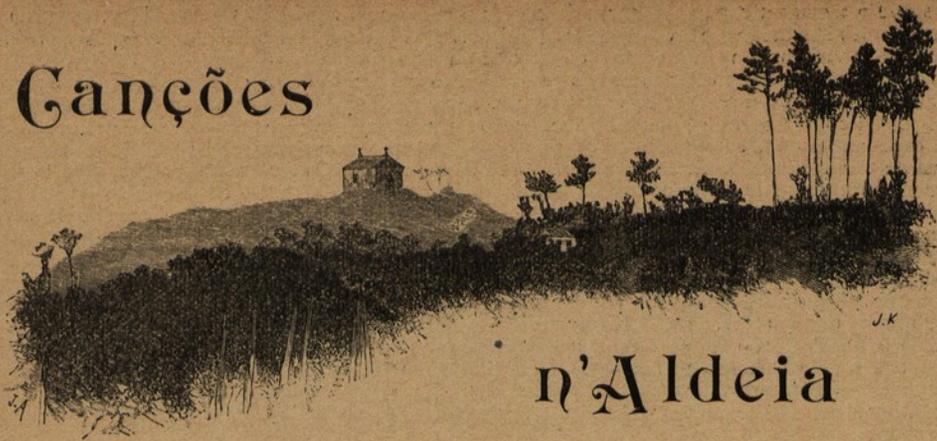
Na Serra do Gerez



GADO BRAVO

(Photographia de E. Biel & C.^a, do Porto)

Canções



n'Aldeia

Vinde, vinde raparigas
às horas da noite morta
sentar-vos á minha porta.
Vinde, vinde raparigas,
desfiar na roca estrigas.

Juntas com as dos rapazes
vossas almas vão noivando
pelo céu — enorme oasis!...
Juntas com as dos rapazes,
vossas almas vão cantando...

Vão perdidos pelos brejos
os soluços das cantigas!...
Sonhai... sonhai raparigas!
Vão perdidos pelos brejos,
uns sons que parecem beijos!

Quem me dera ser o linho
esse linho que fiais...
poder ouvir vossos ais!...
Quem me dera ser o linho,
em que dais tanto beijinho!

Tenho inveja d'esses beijos
que vós, lindas raparigas,
daes no linho das estrigas.
Tenho inveja d'esses beijos,
tenho inveja... são desejos!

Os beijos são lavradores,
lavradores — vão arando;
o campo que vão lavrando
esses beijos lavradores,
não tem fim... se elle é d'amores!

Andam de noite e de dia
os mesmo campos lavrando,
perdidos, sem nenhum guia.
Andam de noite e de dia,
os mesmos sonhos criando.

Andam perdidos meus beijos
na seára dos teus cabellos,
na seara dos meus desejos.
Andam perdido; meus beijos,
não sei, não posso detel os.

Dourados, lindos cabellos
que prendeis meu coração,
enredai esta paixão.
Dourados, lindos cabellos,
enredai meus pezadellos.

Auras meigas soluçai
as nössas ruivas cantigas
que de beijos são mendigas!
Auras meigas soluçai
as canções das raparigas.

Morrendo vão as cantigas
e anda o linho das estrigas
desfiado pelos brejos!...
Morrendo vão as cantigas,
morrendo vão nössos beijos!...

ANNUNCIO

Direcção das Obras Publicas do Districto de Lisboa

ESTRADA DISTRICTAL N.º 145

CARREGADO Á ESTRADA DISTRICTAL N.º 61

Lanço do Pero Negro á Ribeira das Gravaças

CONSTRUÇÃO

Faz-se publico que no dia 12 de Setembro, ás 11 horas da manhã, na secretaria da administração do Concelho de Torres Vedras, se procederá á arrematação de duas tarefas, uma de terraplenagens, outra de pavimento, constantes do mappa seguinte, sob a presidencia do engenheiro chefe de secção Arthur Alberto Falcão Rodrigues:

Designação dos trabalhos a executar	Quantidades e extensões	Preço por unidade	Importancias		Praso para a conclusão dos trabalhos
			De cada tarefa e base de licitação	Do deposito definitivo	
CAPITULO 3.º					
1.ª TAREFA					
Terraplenagens, entre perfis 134 e 160:					
Terra franca.....	2:507 ^{m3} ,0	45	} 342\$10	18\$000	1 mez
" dura	600 ^{m3} ,0	80			
Baldiação á pá.....	103 ^{m3} ,0	30			
Transporte a carro de bois.....	375 ^{m3} ,0	160			
" " " " mão.....	2:629 ^{m3} ,0	45			
CAPITULO 4.º					
2.ª TAREFA					
Pavimento entre perfis 76 e 98.	455m1,6	900	410\$000	20\$500	3 mezes

As condições especiaes d'estas tarelas estarão patentes na secretaria da secção de estradas n.º 2 em Lisboa, Rua de S. José, todos os dias não santificados desde as 10 horas da manhã até ás 4 da tarde.

Lisboa, 24 de Agosto de 1896.

O ENGENHEIRO DIRECTOR

Antunes Navarro

ROVER CYCLES

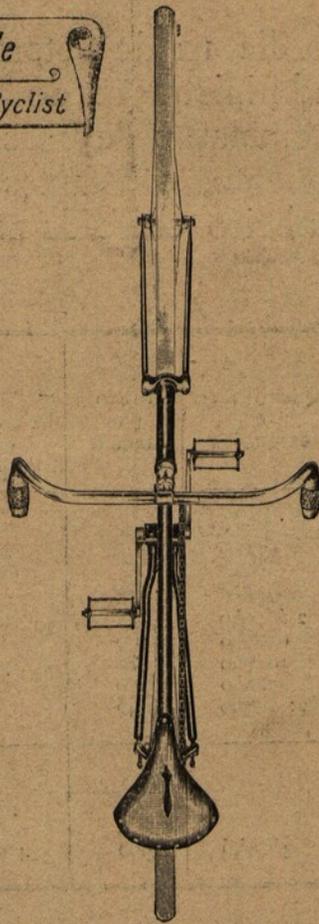
OU BOM
OU NADA

*Le Rover a donné la Mode
au Monde Entier* *The Cyclist*

Mais uma vez se acaba de confirmar a superioridade d'esta machina, cuja solidez de construcção é, felizmente, bem conhecida de todos os cyclistas.

As ultimas corridas de AZAMBUJA a VILLA NOVADA RAINHA, em que, n'um percurso de 7 kilometros, esta machina alcançou em 11 minutos o primeiro premio, evidencia bem claramente o seu valor.

O premio era uma linda faxa, primorosamente borda-



da a ouro, constituindo um objecto de grande estimação!

Esta machina era montada pelo sr. Thomaz Coelho, que ha apenas 8 mezes cultivava este genero de *sport*, e que n'estas corridas fez a sua estreia, na sua ROVER de estrada.

Aguardamos o principio do proximo mez para darmos a relação de todos os premios ganhos em outras corridas por esta machina.

O unico representante em Portugal da machina ROVER é a firma F. Santos Diniz, proprietario da

CASA FAVORITA

51 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 51

AVENIDA DA LIBERDADE

LISBOA

BRANCO E NEGRO



CREANÇA ITALIANA — (Escultura de Teixeira Lopes)

PREÇO 40 RÉIS

N.º 24

REPRODUÇÕES

DE
Planos,
Cartas geográficas,
Laminas e
Pergaminhos antigos.
Desenhos à penna,
a lápis
e a carvão.
Quadros a óleo,
aguarella, etc.
Ilustrações de toda
a classe de obras,
periódicos, etc.



PHOTOGRAPHIAS

DE
Estabelecimentos
e gravuras
para toda a classe
de
anuncios.
Trabalhos em
phototypia, autotypia,
photozincographia,
e
zincographia.
Perfeição, rapidez
e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do que se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc. São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante.

Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem accrescimo de preço; nas ampliações é que na tabella respectiva soffre determinado augmento.

Encarrega-se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todos os generos; assim como de quaesquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproduções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-se de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distinctos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.

Executam-se quaesquer trabalhos de zincographia em 5 horas.

Representantes: — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º; em Coimbra, Delphim Gomes, Rua Velha.



PIANOS
HARMONIUMS
CORDAS
REBECAS
BANDOLINS, ETC.

ACCESSÓRIOS
PARA TODOS OS
INSTRUMENTOS

MÚSICA

LAMBERTINI

43, P. DOS RESTAURADORES, 49
LISBOA

CASA LAMBERTINI

ARTIGOS NOVOS

SURDINA para violino, com molla.....	Réis	\$200
RESINA BONN (aceio, economia e qualida- de superior).....	"	\$240
RETININA para impedir que as cravelhas es- correguem.....	"	\$200
CAVALLETES de 4 pés, para violino e vio- loncello.....	\$400	" e 1 \$500
TECIDO IMPERMEAVEL , para conser- var as cordas, 15 cent.2.....	"	\$050
PREPARADO «REDIVIVUS» para lavar os arcos e instrumentos, cada frasco.....	\$200	" e \$200
OLEO «PREMIER» para lustrear instrumen- tos de corda e para as chaves dos instru- mentos de madeira, cada frasco.....	\$200	" e \$300

Estes artigos só se encontram n'esta casa

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 24

LISBOA, 13 DE SETEMBRO DE 1896

1.º ANNO



O ALMIRANTE JOSÉ BAPTISTA D'ANDRADE, Ex-Vice-Presidente do Conselho do Almirantado

decreto pelo qual acaba de ser exonerado, a seu pedido, o venerando almirante do cargo de Vice-Presidente do Almirantado. São tão honrosas para o glorioso marinheiro as palavras d'esse decreto, que não resistimos ao desejo de as transcrever aqui:

Attendendo ao que me representou o almirante conselheiro José Baptista de Andrade, chefe da minha casa militar, e tomando em consideração as muitas e repetidas instancias do illustre e venerando almirante, baseadas na sua avançada idade e abatimento de forças, que lhe tornam pesado encargo a accumulção do serviço da minha casa militar com as elevadas funções de vice-presidente do conselho do almirantado; e sendo certo que não pode nem deve recusar-se, nem demorar-se por mais tempo, a concessão de relativo descanso a que tem sobejo direito quem, por tão longo tempo, e de modo tão brioso, alevantado e patriótico serviu honrada e dedicadamente o seu paiz e, menos ainda, quando o pedido se fundamenta no natural quebrantamento de forças, tão generosamente gastas em proveito da patria, e com excepcional lustre e perduravel gloria para si e para o nome portuguez, personalizando, pela forma a mais noore, as brilhantes qualidades e tradicionais distincções que exornam e, fi talgamente, caracterizam a armada real: hei por bem, como deferimento ao seu pedido e instancia, conceder ao referido almirante a exoneração do cargo de vice-presidente do conselho do almirantado, aliando ao sentimento de justiça que manda deferir, o sentimento de magua profunda e sincera, pela perda de tão auctorisada collaboração no mencionado conselho.

O ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e ultramar assim o tenha entendido e faça executar. Paço, em 3 de setembro de 1896.

—REI.— Jacintho Candido da Silva.

AS PRAIAS

A FIGUEIRA DA FOZ



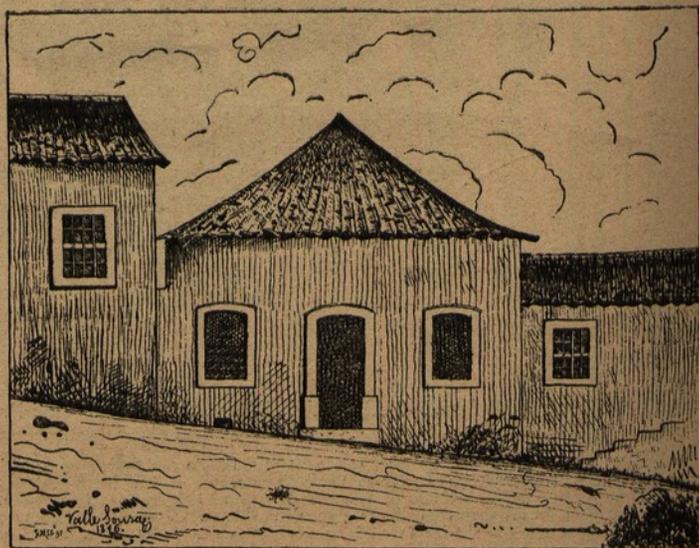
VISTA GERAL DA FIGUEIRA, no panno de bocca do theatro Saraiva de Carvalho

A Figueira é uma praia esplendida, unica, inapreciavel. Ante a vista do observador que divaga pela praia desenrola se em toda a sua magestade o espectáculo do céu e do mar, o grande elemento que no dizer de Lacedéde tem a unidade e a diversidade que dão o bello; a grandeza e a simplicidade que formam o sublime; o poderio e a immensidade que infundem respeito.

A praia, vastissima, tem a forma d'uma grande concha, revestida de branca e finissima areia pela qual o mar se alastra com indolencia vindo beijar os pés da Figueira, como gigantesco sultão, de cabellos nevados, prostrado ante a mais vaporosa das odaliscas do seu harem.

A um lado trepa encosta arriba a vetusta e pittoresca villa de Buarcos com a sua ridente casaria que nos dá a suggestão d'uma terra musulmana e com as suas torres que parecem viuas do *muezzim*, que em tempos idos chamava os fieis á oração do alto das mesquitas; n'uma pequena eminencia ao cimo d'uma encosta ingreme e pittoresca eleva se a risenha capellinha de Nossa Senhora da Encarnação, com festa a 8 de setembro, campeando entre as scintillações dos lumes e as offerendas dos maritimos que imploram a sua protecção nas tormentas do mar.

A outro lado ergue-se o velho forte de Santa Catharina, do qual as tisdadas



FIGUEIRA — Casa onde nasceu Manuel Fernandes Thomaz

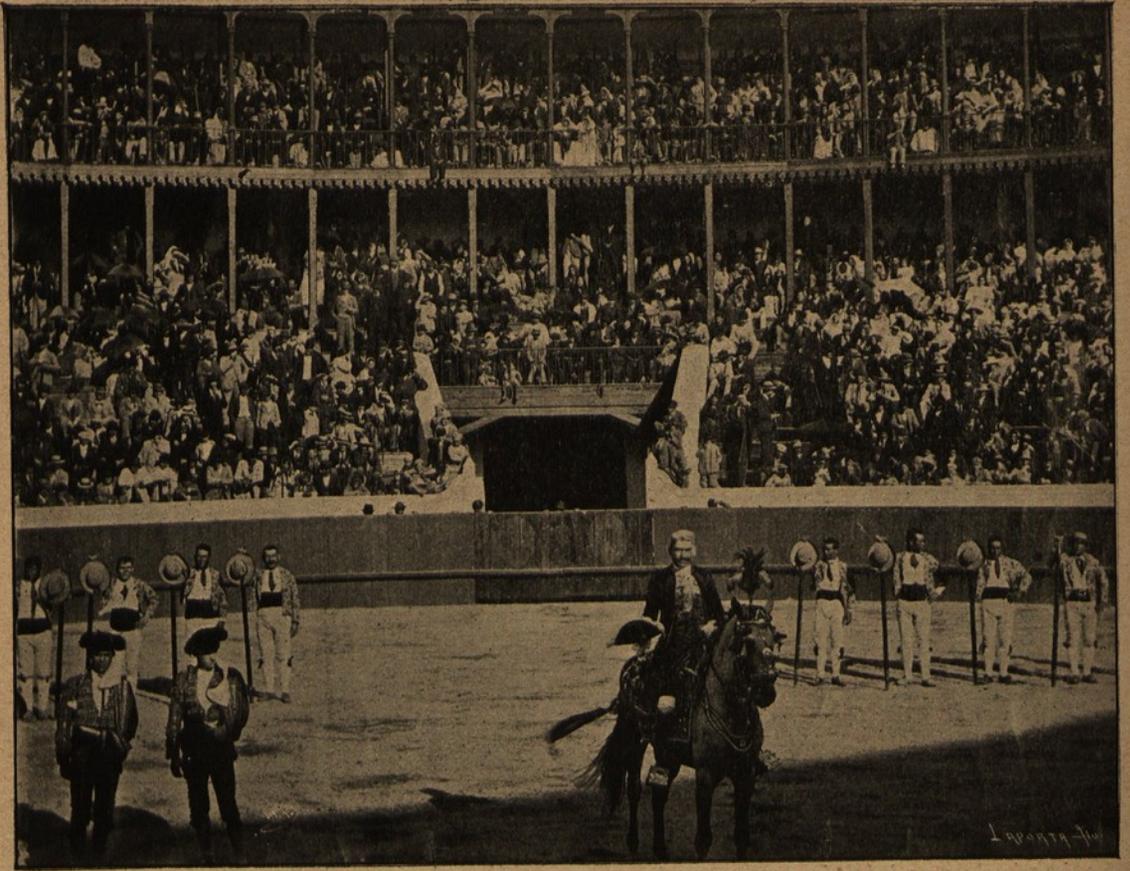


FIGUEIRA — Vista da praia e bahia de Buarcos

ameias dentelando o azul do céu, apregoam pelos tempos em fóra o heroísmo de Bernardo António Zagallo, sargento de artilheria do corpo de voluntarios academicos, que sahindo de Coimbra com quarenta companheiros



FIGUEIRA — O novo mercado e passeio Infante D. Henrique



FIGUEIRA — Vista interior da praça dos touros

na maior parte estudantes veio pôr cerco e obrigou a capitular esta fortaleza de que estavam de posse os francezes de Junot com o fim de impedir que os nossos podessem communicar com a esquadra britannica.

Nos mezes de agosto e setembro a Figueira principia a sua epocha de florescencia, assumindo um aspecto extraordinario de animação; predominando o elemento hespanhol que envergando os seus trajos tradicionaes imprime uma nota alegre á cidade, dando-lhe o aspecto d'uma cidade andaluza; nas ruas por assim dizer só se ouve fallar a lingua de Cervantes e Lope de Vega e nos *Casinos* algumas salerosas *hjas* mimoseiam nos com *sevilhanas* que são recebidas no meio do maior delirio e corôadas dos mais quentes applausos.

A vida corre alegre e despreoccupada entre a praia e os *Casinos*, duas casas magnificas podendo hombrear com as melhores no seu genero.

.....

A cidade da Figueira está situada a 50 kilometros de Coimbra, junto á foz do poetico Mondego e na sua margem direita. Foi levada á cathegoria de villa por decreto de D. José I, de 12 de março de 1771, e á de cidade ha pouco mais ou menos d'uma dezena d'annos. E' hoje uma cidade esplendida, plena de actividade, e aformoseada com magnificas praças, ruas e bellos edificios tanto privados como publicos, de que diremos duas palavras pela falta de espaço se oppôr a noticia mais desenvolvida. Mas antes d'isso, lembraremos que foi n'esta cidade que nasceu o grande patriarcha da revolução de 1820, Manuel Fernandes Thomaz, n'uma casa de modesta apparencia da rua dos *Tropeções*, hoje rua de *Quibra-Costas*, e que foi demolida ha annos. Refere o nosso presado amigo e distinctissimo homem de letras, sr. dr. Antonio dos Santos Rocha que revolvendo o archivo da Alfandega d'esta cidade, encontrou no *Livro de entradas* o nome d'um individuo que julga ser o pae do grande homem. Chamava-se João Fernandes Thomaz, e commandava o navio *Nossa Senhora e S. Lourenço*, que fazia o commercio de pequena cabotagem.

A igreja de S. Julião é um templo de mesquinha architectura e de acanhadas dimensões. A construção e do seculo XVIII e foi feita no local onde existia uma

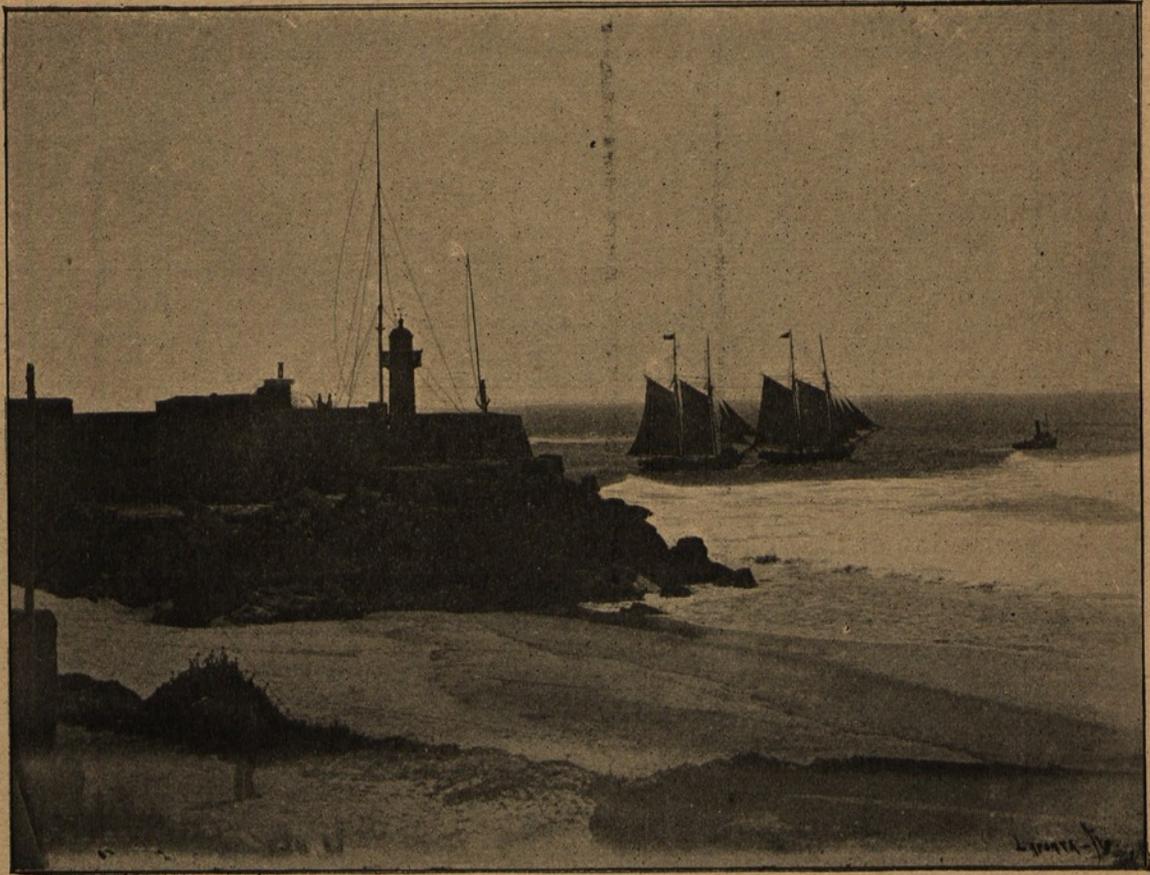


FIGUEIRA — Typos das rua.

outra igreja de S. Julião a que se refere o *Livro Preto*, da Sé Velha de Coimbra e que foi doada á mesma Sé, sendo bispo D. Cresconio, cujo governo vae de 1092 a 1098.

A Misericórdia da Figueira é um estabelecimento de caridade dos melhores da provincia, para o que tem corrido os esforços do seu digno provedor sr. Affonso Ernesto de Barros. Neste hospital esteve enfermo, luctando entre a vida e a morte e rodeado da maior dedicação o nosso estimadissimo amigo e chorado bandarilheiro Vicente Roberto, quando foi aqui ferido n uma toirada. A capella da Misericórdia em cujo local tudo leva a acreditar que existisse outro edificio religioso do seculo XVI, mixto de gothico e de Renascença, encontra-se inteiramente mudada na sua disposição interior, sendo digro de reparo pela sua antiguidade os relevos do portico que dá ingresso na capella. Com esta capella communica a pertencente á Irmandade dos Terceiros, estando separadas apenas por uma porta de grades.

Ha na Figueira dois theatros, o do Principe D. Carlos, inaugurado em 1874 e o Theatro-Circo Saraiva de Carvalho, inaugurado em 4 de setembro de 1884, e soberbamente decorado pelo pincel eximio do scenographo da ca-



FIGUEIRA — Fortaleza de Santa Catharina

pital, Eduardo José Machado; sendo tambem d'este artista o panno de bocca do palco, delicioso trabalho, que representa a vista da Figueira, e de que damos uma reprodução.

A Figueira conta duas praças de touros; uma antiga, pertencente á Santa Casa da Misericórdia, outra moderna; edificada no Viso a expensas d'uma sociedade de que fazem parte o distincto clinico sr. dr. Neves, Irmãos Antunes, etc. Foi construida sob a direcção do habil mestre d'obras sr. João d'Assumpção Costa, de harmonia com os preceitos que demandam as casas d'este genero, podendo comportar perto de 8.000 pessoas. Foi inaugurada em 25 d'agosto do anno passado. Damos uma vista interna d'esta praça tirada por occasião da tourada de 9 d'agosto findo, em que tomou parte Fernando d'Oliveira, Theodoro Gonçalves, Cadete, o espada Quinito, etc.

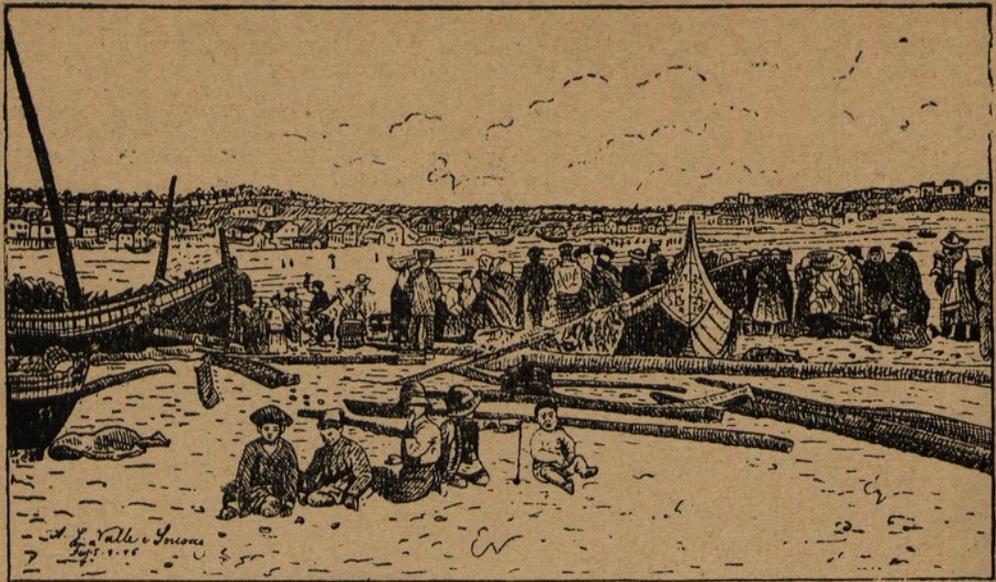
Como já dissémos os Casinos da Figueira, o *Montego* e o *Peninsular*, são duas magnificas e elegantes casas de recreio, possuido sumptuosos salões de baile, salas de jogo e parques. Todos os dias ha *matinées* em que cantam e tocam algumas senhoras e á noite dança-se com frenesi até á meia noite, offerecendo os salões um aspecto imponente de elegancia e distincção.

Outro melhoramento importante, de ha poucos annos, é o novo mercado, de forma quadrangular, rodeado de pequenos estabelecimentos e coberto por uma *marquise* de ferro. Defronta com o Passeio do Infante D. Henrique, um bello largo que se acha ajardinado.

Na Figueira anda em construcção os Paços do Concelho que devem ficar um edificio de primeira ordem.

Não terminaremos esta breve resenha sem prestar vehemente homenagem a dois estabelecimentos que a Figueira se orgulha de possuir; um d'elles é o *Museu Municipal*, riquissima collecção de objectos devido aos esforços do sr. dr. Antonio dos Santos Rocha; outro a escola industrial *Bernardino Machado*, instituida em fevereiro de 1894 e de que é director o nosso querido amigo e distincto paisajista Francisco Gil; este estabelecimento fundado pela camara d'accordo com o nosso estado tem apresentado nos poucos annos que tem d'existencia eloquentes manifestações da sua vitalidade, não obstante ser uma das escolas industriaes que custam menos dinheiro ao thesouro publico. Ambos os estabelecimentos se encontram installados provisoriamente no paço dos Condes da Figueira.

Eis em dois traços uma ligeira noticia ácerca d'esta praia que é a primeira de Portugal; ao leitor erudito que



FIGUEIRA — O mercado do peixe

deseje conhecer o passado da Figueira, que é interessante, recommendamos o trabalho do infatigável homem de sciencia sr. dr. Antonio dos Santos Rocha, o benemerito conservador do muzeu municipal d'esta cidade, de que contamos dar n'um dos proximos numeros uma succincta descripção, acompanhada do retrato d'este illustre filho da Figueira.

O livro, em questão, intitula-se *Materiaes para a Historia da Figueira nos seculos XVII e XVIII*, e é um vasto repositorio de factos, colhidos nos archivos poeirentos com uma paciencia benedictina.

Ao distincto photographo da Figueira sr. José Gonçalves, proprietario da conceituada photographia *Europa*, agradecemos profundamente as primorosas photographias com que nos brindou para illustrarmos este artigo.

VALLE SOUSA.

Folhas Caídas

(Ao Bartholomeu Dias)

Toalhas d'oiro a arder por sobre o Mar
Com crispações alacres e mordentes,
Gargalhadas de luz, risos ardentes...
E na minh'alma é noite sem luar!...

Parece que no Azul sinto vogar
As minhas Esperanças sorridentes,
N'um baixel d'oiro feito de Poentes...
E na minh'alma é noite sem luar!...

Tudo ri, tudo é luz, alacridade!...
Só eu sinto o meu peito, lentamente,
Rasgar-se fibra a fibra de Saude

Até que a Morte venha, friamente,
Dizer me com um riso de bondade:
— Morre, infeliz, descança eternamente!

(Do livro *Biblia do Campo*, em preparação).

JOÃO BARRETO.

Ao par e ao passo que, pela illustração e pelo commentario, o nosso jornal acompanha os acontecimentos mais em destaque na vida portugueza, fixando-os nos seus aspectos mais vividos e pittorescos, nos empenhamos tambem para que a nossa parte litteraria seja o mais brilhante e variada.

D'est'arte é que, com 24 numeros de publicação apenas, já o *Branco e Negro* tem dado magnificos inéditos de GUERRA JUNQUEIRO, GOMES LEAL, EÇA DE QUEIROZ, RAMALHO ORTIGÃO, quer dizer dos nomes mais prestigiosos das letras portuguezas e bem assim dos escriptores novos de valor mais real e provado.

Para o proximo numero póde o *Branco e Negro* offerecer aos seus numerosos leitores uma notavel producção do grande mestre do romance contemporaneo portuguez

Eça de Queiroz.

E' um magnifico conto

○ MILHAFRE,

uma pequenina obra prima de imaginação, profunda e eminentemente suggestiva, que o talento artistico de

E. CASANOVA,

o nosso primeiro aguarellista, illustrou com carinho.

AS LOTERIAS



Estes, nos tres desenhos que se seguem, o apparatus da extracção da Loteria da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, nova boçeta de Pandora, cujo fundo a tantos traz imaginativos e imbuídos em fallaz sonhar!

Lá está a roda movimentada sobre que pousa a cega *Fortuna*, sem aqui merecer que se denomine *Nemesis*. Lá está tambem o globo sobre o qual se levanta o *Destino*, e que é assim mesmo a urna em que guarda a *sorte* dos homens.

Teimosa e arreigada vida a d'estas duas divindades da velha theogonia, que, sobreviventes a toda a formosa mythologia grega, até se atreveram a tomar pousada dentro da Santa Casa da Misericordia de Lisboa! São os penates d'essa loteria, que, sem padecer discussão, é um jogo d'azar.

E o jogo, no dizer eloquente de um — entre os vivos — dos nossos maiores oradores sagrados, é: «o vicio nefando, mais infesto do que o roubo, mais fatal do que o assassino; em que se perde o tempo, a saude, a honra, a familia, e a fortuna; e a que nada escapa; e que nenhuma consideração demove.»

Mas, quando o instrumento do jogo é a loteria da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, esse vicio, expurga-se da nefaria condição, e, assim como as duas mythologicas divindades, a *Fortuna* e o *Destino*, se christianisáram, transpondo os aditos do beneficentissimo e santo estabelecimento, assim tambem elle se levanta de ruim paixão a quasi virtude, cobrindo-se com o ceruleo manto da caridade, e sobre dourando-se com o ouro fino da pura e lidima esmola. E' que um terço inteiro dos liquidos lucros da loteria entra nos cofres de estabelecimentos de beneficencia, na proporção de:

46% para os Expostos; 23% para o Hospital de S. José; 23% para a Real Casa Pia; 8% para o Asylo da Mendicidade.

*

E, limpa assim a loteria, como jogo, do peccado, e da pecha de abominavel e indigna do trato humano, vamos procurar a sua origem, o seu assento de nascimento.

Nasceu a loteria, em Portugal, do decreto de 18 de novembro de 1783, que autorisou uma loteria annual do capital de 36000 cruzados; sendo os lucros applicados em partes eguaes: aos Expostos; ao Hospital de S. José; e á Academia Real das Sciencias.

Depois, e até ao actual regimen, muitos diplomas se promulgáram acerca da loteria, mas apenas importa conhecer como mais notaveis e interessantes os seguintes:

Portaria de 27 de maio de 1834 (restabelecimento das loterias) que autorisou a emissão d'uma loteria em cada trimestre; applicando metade dos lucros aos Expostos; um quarto ao Hospital de S. José; um quarto á Casa Pia.

Decreto de 5 d'outubro e portaria de 26 de novembro de 1838, concedendo ao Asylo da Mendicidade os lucros de quatrocentos bilhetes em cada loteria.

Portaria de 22 de maio de 1888, autorisando o contracto celebrado, em 26 d'esse mez, com os cambistas, e pelo qual as loterias ficáram restrictas ao numero de 36 em cada anno, sendo cada loteria de 5200 bilhetes, cada bilhete do preço de 5000 réis, e tomando os cambistas contractadores 80% firmes de cada emissão.

Decreto de 28 d'abril de 1892, que rescindiu o alludido contracto de 26 de maio de 1888; declarou a loteria — *Loteria Nacional Portugueza*; permittiu a venda das loterias estrangeiras dos paizes que dessem a reciprocidade a Portugal; rescindiu o contracto do exclusivo da compra do papel sellado para a emissão de caute-las das loterias estrangeira; por compensação concedeu ao arrematante d'este rescindido contracto e aos contractadores da loteria, o exclusivo da compra das emissões da Loteria Nacional Portugueza pelo praso de oito annos — que deviam findar em 1 de julho de 1900 — garantindo os compradores o minimo da venda de dois mil contos no primeiro biennio, com o augmento successivo de cem contos em cada um dos biennios seguintes, e de vendo formar no praso de trinta dias, a contar da assignatura do contracto d'adjudicação, uma companhia para a exploração da concessão da venda da Loteria Nacional Portugueza. A administração da Loteria Nacional Portugueza seria exercida pelo estado, delegando em uma commissão de sete membros a sua direcção. A commissão, presidida pelo Provedor da Misericordia e secretariada por um empregado d'esta, compunha-se de mais cinco vogaes, sendo quatro nomeados pelo governo, e o quinto delegado da empresa concessionaria. Do producto da venda da loteria pertenciam ao governo 30% da receita illiquida. D'estes 30% eram 30% para os estabelecimentos pios, que já tinham partilha nos proventos das loterias da Santa Casa da Misericordia de Lisboa.

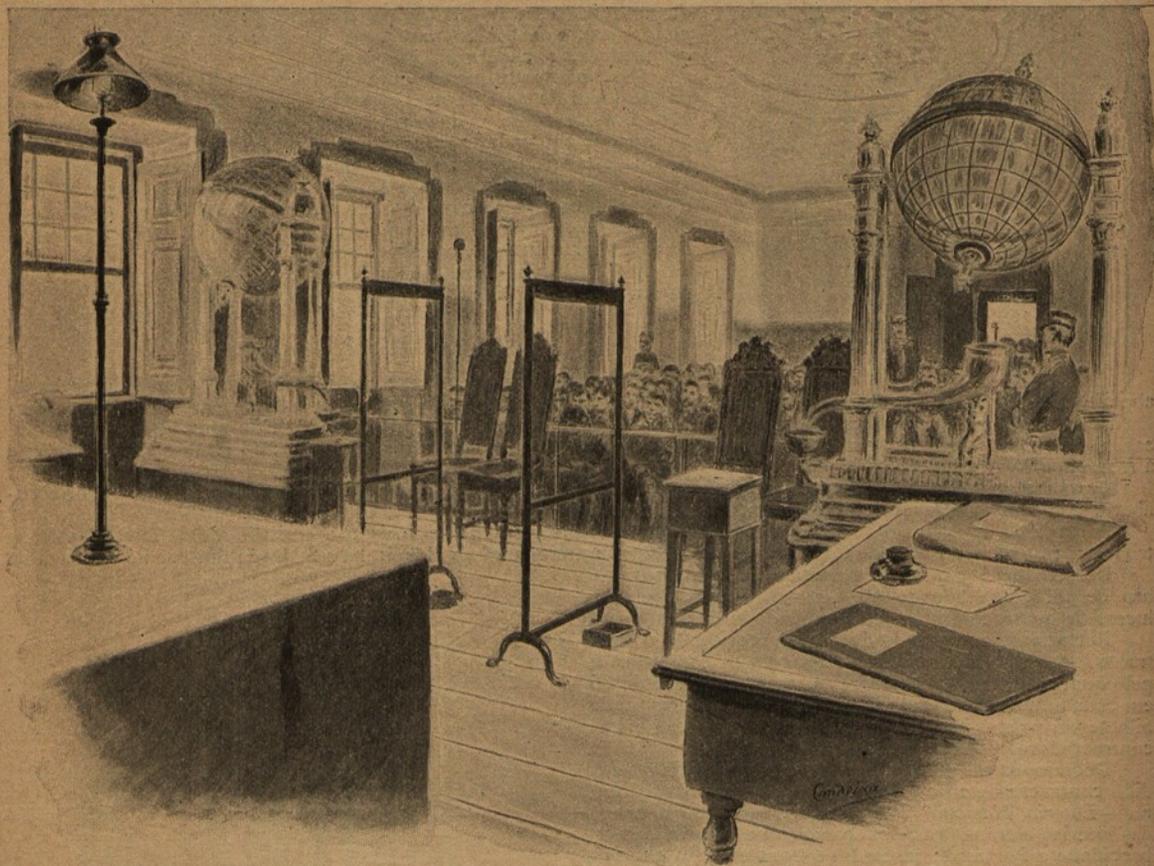


Decreto de 10 de dezembro de 1892, prohibindo a importação, por qualquer forma, de bilhetes ou rações de loterias não autorizadas, nos termos declarados no artigo 20 do decreto de 28 d'abril d'esse anno.

Decreto de 6 d'abril de 1893, que rescindiu o contracto de 9 de maio de 1892, celebrado entre o governo e os concessionarios do exclusivo da compra das emissões da Loteria Nacional Portugueza, então representados pela *Companhia Alliança de Loterias*; mandou que a loteria voltasse a ser explorada sob a antiga denominação de — *Loteria da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, mas por conta do estado, e sob a administração de uma comissão composta do Provedor da Misericórdia e seus dois Adjuntos, dos Provedores da Real Casa Pia e do Asylo da Mendicidade, do Enfermeiro-mór do hospital de S. José, e do Director geral da thesouraria do ministerio da Fazenda, sendo o primeiro presidente; estabeleceu: que os planos das loterias sejam elaboradas pela comissão e submettidos á approvação do ministerio da fazenda, — que do capital de cada loteria sejam divididos em premios 70% — que da parte, liquida de todas as despesas, dos restantes 30% sejam $\frac{2}{3}$ para o estado e $\frac{1}{3}$ para os estabelecimentos de beneficencia interessados na loteria, — que as emissões das loterias sejam sempre postas á venda com sessenta dias d'antecedencia ao da extracção, — e que os bilhetes sejam divididos em decimos, sendo permitida a emissão de cautelas em todo o paiz, mas não podendo nenhuma ser de valor excedente a 80% de cada decimo de bilhete; e manteve a prohibição das loterias estrangeiras.

Decreto de 25 de maio de 1893, approvando o regulamento provisorio das loterias, d'essa data.

Estes dois ultimos diplomas constituem o regimen da loteria, em vigor.



Actualmente ha uma loteria ordinaria em cada semana; e de vez em quando, sem epochas fixas, loterias extraordinarias.

As loterias ordinarias tem sido em regra de 5500 bilhetes, a preço de 6000 réis cada bilhete dividido em vigesimos, e com o premio maior de doze contos de réis.

As extraordinarias variam em numero de bilhetes, e no preço d'estes.

E' verdadeiramente notavel o augmento que a loteria tem tido sob o regimen da actual legislação. Tomando-se os ultimos dez annos economicos anteriores ao decreto de 6 d'abril de 1893, acha-se que n'esses dez annos a emissão annual foi em media de 858:257\$500 réis, tendo em um de taes annos chegado á somma de 939:000\$000 réis. Tomando-se os ultimos trez annos economicos, acha-se que a media da emissão annual foi n'elles da somma de 1773:633\$333 $\frac{1}{3}$ réis, e que no anno economico de 1894-1895 a emissão se extendeu até á grande somma de 2043:900\$000 réis. Desattendendo este particular, que é muito singular, ainda assim a media dos tres ultimos annos é excedente (em não pouco) ao dobro da media dos anteriores dez annos.

Não tem cabimento n'este pequeno trabalho o fazer a historia critica da loteria; mas, se o tivesse, facilimo seria mostrar, á luz de toda a evidencia, os prejuizos enormes, que, para o estado e para os estabelecimentos de beneficencia, foram emergentes do contracto de 22 de maio de 1888 e do decreto de 28 d'abril de 1892.

Figurar-se o extraordinario dispendio de trabalho, de cuidado, e de zêlo que é necessario ao serviço actual da loteria, é fazer o mais levantado, e conjuntamente o mais merecido, elogio dos honrados empregados da contadoria da Misericórdia, aos quaes esse serviço está incumbido.

No regimen do decreto de 28 de abril de 1892 estabeleceu-se dentro do edificio da Misericórdia uma typographia, que se denomina — *Typographia da Loteria da Santa Casa da Misericórdia*. Esse estabelecimento, sob a direcção intelligente e vigilante do secretario da comissão administrativa, e hoje chefe da 3.^a repartição, é um mode-

lo, e satisfaz perfeitamente a todo o serviço da loteria, a todo o serviço da Misericórdia, e ainda ao serviço de outros estabelecimentos.

E agora vamos vêr como se extrae uma loteria, como funcionam os aparelhos do nosso desenho.

A sala das extracções é uma vastissima quadra de levantado tecto, e á qual dão inundações de luz onze rasgadas janellas; seis que olham para o largo, de S. Roque,—cinco que se lhes defrontam e olham para um claustro.

A maior parte da larga estancia da loteria é reservada para o publico com suas bancadas; a outra parte, fechada com uma baixa tã, é aquella onde está o apparatus da extracção, e esta completamente se faz.

Dá-se principio com a introducção, nos grandes globos de rãde d'arame, das espheras em que estão todos os numeros da emissão, e todos os premios da mesma. Este acto é praticado pelos chefes das 2.^a e 3.^a repartição e a elle preside o official maior.

Como o peso das espheras, que representam o numero de bilhetes emitidos, é muito superior ao das espheras que representam os premios, para se conservar o equilibrio do aparelho e não se correr o risco de algum dos grandes globos alquebrar, revêsa-se o serviço d'estes; de modo que nos primeiros seis mezes do anno introduzem-se os premios no globo que fica á direita do espectador, e os numeros no outro; e nos segundos seis mezes introduzem-se os numeros no globo da direita e os premios no da esquerda. Actualmente a differença de peso é de um para dez, porque os premios estão para o numero de bilhetes n'essa proporção.

Feita a introducção das espheras, que são de madeira de buxo, a todos os mais processos da extracção preside o chefe da 1.^a repartição, acompanhado de um dos administradores dos quatro bairros, de dois conferentes, e de quatro empregados que hão de escripturar o sorteio, sendo dois com a ordem com que os numeros e respectivos premios vão sahindo, e os outros dois pela ordem numerica. Ainda fazem parte do pessoal da extracção dois pregoeiros, e dois individuos estranhos ao estabelecimento e de reconhecida probidade.

O maquinismo, que dá aos dois grandes globos, em rotação conjugada, o movimento automatico, compõe-se de um volante, uma correia de transmissão, um veio vertical, uma roda dentada, outro veio horisontal; e é invento do talentoso e mallogrado engenheiro Joaquim Pedro Ribeiro da Costa Holtreman, tendo servido pela primeira vez na extracção que teve logar no dia 22 d'agosto de 1863.

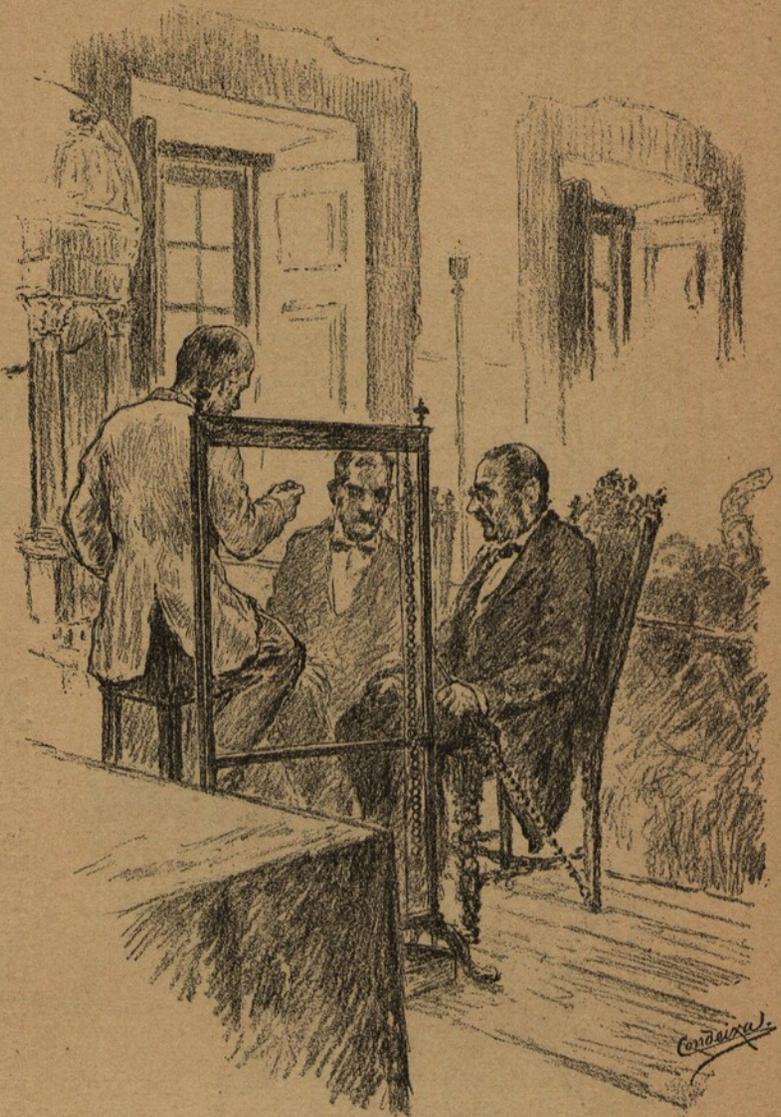
Postos os globos em movimento, sae primeiro uma esphera com o numero d'um bilhete, e logo em seguida sae uma esphera com o premio que corresponde a esse numero. Os pregoeiros, que tem tomado ás mãos as espheras sahidas — cada um a sua — em alta voz, e por duas vezes, apregoam o numero e o premio, passando as mesmas espheras para as mãos dos dois conferentes, os quaes verificam a exactidão dos pregões e depois as entregam áquelles dois estranhos de reconhecida probidade, de que já falámos. Estes as tomam e as vão enfiando n'uns arames soltos, cada um dos quaes comporta cincoenta espheras. Quando um dos arames tem as cincoenta espheras enfiadas é levado ao presidente da extracção e ao administrador de bairro, os quaes verificam o numero de cincoenta.

E claro que as espheras se vão enfiando nos arames com a mesma ordem por que os globos as vão lançando, sendo n'um os numeros de bilhetes, e n'outro os correspondentes premios.

E assim se vae seguindo até que o globo onde estão as espheras que designam os premios lançou a ultima; porque com a sahida d'ella se acabou a extracção, sendo *brancos*, na frase vulgar, os numeros dos bilhetes cujas espheras o outro globo não lançou.

E assim tambem, com feliz sorte para quem nos leu, está acabado o nosso trabalho.

Para os felizes já radiou a luz sorridente e alegre da boa sorte. Para os infelizes fez-se a negra sombra da desillusão; mas, como a doce e virente esperanza é o ultimo bem que desampára o homem, talvez que... para a semana, na futura loteria, serão mais afortunados; e então... é tratar de ir depressa *habilitar*, — outra palavra que na gíria, no calão, ou, como agora querem os sabedores dizer, no dialecto da loteria significa: *a reincidencia!*



Antes da data e da assignatura, — e para concluir com um bocadinho d'ouro — uma phrase do bom, do mau, do, para a nossa memoria e para o nosso coração, sempre vivo João de Deus.

Quando em sua presença se falava de premios da loteria que tinham sahido a este e áquelle, dizia sempre : «Ah ! bem sei ! é uma cousa que sae aos outros.»

Agosto de 1896 — 26.

EMILE CAR.



Almoço de morangos

— E' um almoço, essa mulhersinha ! tinham-me dito, levantando do hombro.

Um lindo almoço, vos digo eu, lindo e succulento, em verdade. Beijar-lhe primeiro os olhos pestanudos e meigos, que absintho, meus filhos, para a devorar toda depois ; ir-lhe sugando o mel dos labios, descer a trincar-lhe as pomas rijas — ó fructa deleitosa, ó fructa prohibida ! — que sensações em tão pouca carne, quantos deleites em tão pouca vista !

Fraca e pequenina, com saltinhos de corça perseguida, arrebitando o nariz n'uma ancia de sorver emanações desconhecidas ; a saia alta, pésinho ao léo, indo como radiosa Juno sem tocar de leve o asphalto ; graça de deusa, o honesto enfronhado em deshonesto, com gaiatices de creaturinha que sabe que a olham, e vae, de rodilhão, cidade fóra, levando após si a canda hilare d'esses grotescos d'esquina, empavezados p'ra conquista, galeões enfunados de bazofia ; lindo ponto de mira para um beijo essa covinha no rosado queixo, com leve sombra á roda, sombra de carne que pede e chora por uma delicia de morde-

dura á flor da pelle, e que fôge, espriando se, em arrepios por todo o corpo.

O bello, o delicioso almoço !

Essa meia de seda preta que ella nos mostra erguendo a roda do vestido ; esse pequeno pé...

Oh ! calçava lh'o de beijos !

pé chinez, pé sei lá o quê, pé que et traria na ponta de um dedo, na lapella do casaco, no alfinete da gravata, nos labios.

Não, não foi tua graça feita p'r'andar por este mundo, ó perola das conchas ; tal graça só no céo. Mas não creias que só Deus admiraria a esculptura do teu corpo — o estuario sublime, -- não creias ; eu tambem ando aqui preso.

E que lindo olhar ! Anda-lhe o coração diluido nos olhos, bem se vê por seu claro brilho que é ao mesmo tempo um affago e uma ternura.

... é um almoço !

— Oh ! o rico almoço de morangos !

DOMINGOS GUIMARÃES.



LEÇA DA PALMEIRA — (Segundo photographia de J. Ilharco)

VERSOS À MORTA

(Ao Mario Quintella)

Aos quinze annos cortada, ó pobre flor!
Morta, quando a ventura mal nos tange
No coração um cantico d'amor.

Quando a minha alma esta desgraça abrange,
Murchas em ti as ultimas chimeras,
Dentro de mim toda ella se confrange.

Se Deus fosse tão bom como tu eras
Tu, que choravas se uma flor morria,
Não te ceifava as tuas primaveras.

Tu que eras como um ramo d'Alegria,
Se ouvias o queixume d'uma pomba,
Teu coração piedoso se fundia.

Ah, se a minha alma dolorida zomba
De Deus, é porque Deus não se commove,
Quando uma flor tão delicada tomba.

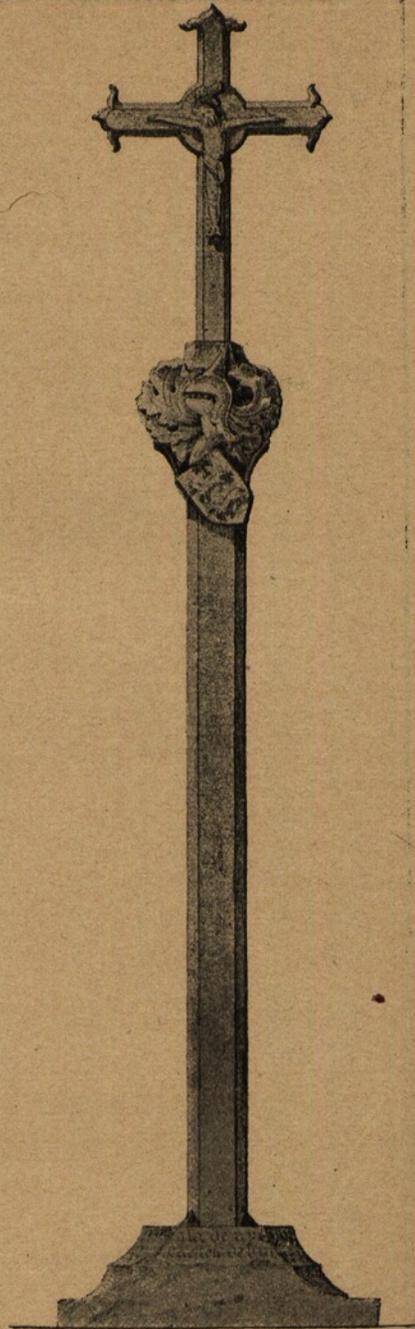
O' pombinha melhor de quantas houve,
Porque não te ouviu Deus, voltando a face
Ou para que enganar nos, se não ouve?

Oiço-te ainda á hora do trespassse,
Olhos no céu, mãos postas a resar,
A Deus pedindo que te não levasse.

Se a vingança de Deus era matar,
Fizesse me dobrar o meu joelho,
Para a terra fizesse me curvar.

Que me matasse a mim. sou quasi um velho,
Uma bondade como tu não tinha,
Nem sou da crença um cristallino espelho,

Se é peccado ferir uma andorinha,
Ferir quem não faz mal, ó Deus celeste,
Porque matar a pobre innocentinha?...



Mesmo sorriso, o mesmo olhar é este.
Ah, quando assim o teu olhar alargas,
Que alva doçura o teu olhar não veste?

Onde não iam tuas azas largas
Mandavas esse olhar que ao longe acalma
Tempestades de lagrimas amargas.

Ah, que essa luz opalescente e calma,
Como um manto caindo todo em pregas,
Venha envolver-me e agasalhar-me a alma.

Não é á terra que esse olhar entregas,
E' para nós que o teu olhar se enfeixa
Viver sem elle é caminhar ás cegas,

E's tal qual como a erva que se deixa
Calcar aos pés que ainda nos perfuma,
Sem ao menos soltar uma só queixa.

Não é pelas estrellas uma a uma
Que deve ir o caminho que tu regras
A' tua Alma branquissima d'espuma.

Mancharias n'aquellas nuvens negras
Tuas azas tão fulgidas que basta
Abril as um momento e o mundo alegras.

O'lírio aberto, em ti é que se engasta
O ceu, o ceu és tu. Onde se achava
Alma tão bella, immaculada e vasta ?

Não era em Deus que essa alma se encarnava,
Deus não te ouviu a amargurada prece
E se Deus fosse bom, não te matava.

Mas que importa que as folhas arremesse
D'uma arvore o vento pelo ar,
Se dentro em pouco o sol a reverdece ?

Se Deus a tua vida quiz levar,
Que importa lá, se logo a terra-mãe
Em boninas e rosas te mudar ?

Não é no ceu que has de espalhar o Bem,
E' comnosco nos ultimos extremos
E p'ara que tu nos faças bons tambem.

Não era a nós, os que te conhecemos
E que por isso te adoramos muito,
Que levarias este bem que temos,

Porque é decerto, pomba, o teu intento
Ficar comnosco para nos falar
E reunir em lucido circuito.

Veste o meu coração do teu olhar
E ficará mudado n'um sacrario,
Um sacrario de luz p'ra te guardar.

Já o meu coração não tem calvario
E contigo lá dentro, ó minha rola,
Posso d'elle fazer meu breviario.

E como pomba, a tua voz consola,
Tu falarás pelos meus labios, flor,
E eu darei a tua Alma como esmola.

Toda feita de luz, feita d'amor,
Será a eucharistia dos doentes
E a coragem dos faltos de valor.

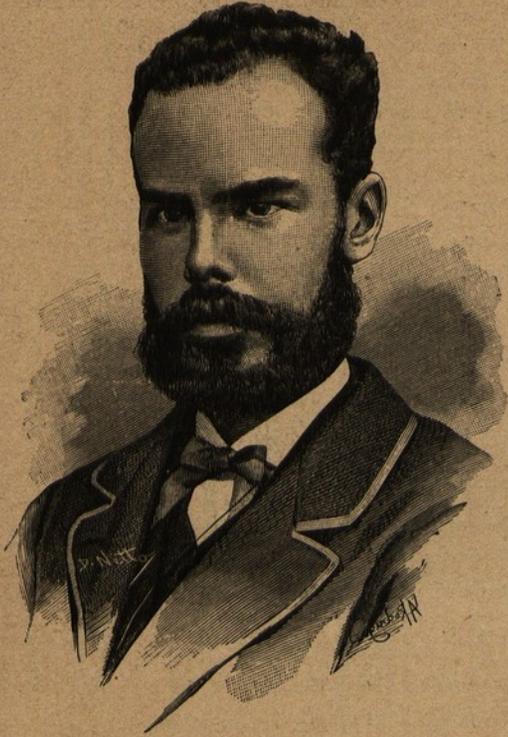
E irei, para os tornar resplandescentes,
Pendurar pelos raios da alvorada
A tua Alma em pedaços refulgentes.

E, se alguém do meu peito, ó minha amada,
Quizer levar o Sonho que enthesoiro
Ha de se erguer minha alma revoltada.

Hei de te defender, ó joia d'oiro,
Agua fresquissima e cantante gômo
Delicado do Amor, ó meu thesoiro !

E só quando me reste o ultimo assômo
De vida, é que então hei de fugir
P'ra morrer sobre ti chorando como
Sobre Cordelia o vulto do rei Lear.

Julio Diniz



PASSOU hontem, 12, o anniversario da morte de Joaquim Guilherme Gomes Coelho, conhecido nas letras portuguezas pelo doce pseudonymo de Julio Diniz. O *Branco e Negro* que tem pelo amavel e fino romancista das *Pupillas* e da *Morgadinha*, o maior culto, presta-lhe a sua homenagem publicando o retrato do melancolico e enternecido poeta e acompanhando o d'um magistral estudo do insigne critico José Sampaio (Bruno).

EM origem bretã se esteiam as grandes qualidades e os grandes defeitos de Julio Diniz. Timido, minado por uma doença assassina, na melancolia da sua alma a bondade leva-o a essa pacificação interior, que as religiões procuraram na humildade que Schopenhauer define como a santidade na vida. Na palavra do sr. Eça de Queiroz, Julio Diniz viveu de leve, escreveu de leve, morreu de leve. O acanhamento particular das generosas naturezas, em que a vivacidade imaginativa retira ao acto todo o impeto que se gastou na abstracta concepção, tece-lhe uma existencia de solitario, em que a alma se despedaça nas apparencias da insensibilidade, como se deprehende d'essa quasi auto biographia de *Uma flôr entre o gelo*. E quando a educação scientifica, que possui, lhe não permite conservar enganos sobre a irremediabilidade d'um proximo acabamento, as suas lamentações são ternas, as suas despedidas suaves, como convém a um doce espirito que se esquivava sem ruido, que lhe foi sempre penoso, conforme se vê dos seus versos, que recordam, como nas *Andorinhas*, a commovente tristeza de Millevoye, mas sem os artificios classicos que inutilisam essa pagina do *Cahir das folhas*.

A realidade, nos seus aspectos asperos, perturba-o; ella é para o equilibrado coração do escriptor como que o cynismo da natureza. Não que a não comprehenda, que lhe desconheça a existencia; pelo contrario, no pouco que condescendeu em a pintar, revellou que poderia, se quizesse, traçar quadros magistraes do genero, como se vê na apresentação d'esses devassos aldeões dos primos do Cruzeiro, na

d'esses corruptos mundanos da *Familia inglesa*. Mas o seu delicado nervosismo, d'uma vibratilidade immediata, arripia-se do aspecto do vicio, de modo que os contornos cortantes dos caracteres inferiores o escriptor esbate-os, deformando-os até pela irrisão caricatural, como na sr.^a Antonia e no sr. José Fortunato. Elle não procura photographar um canto da vida, com os seus ares puros e com as suas plantas venenosas; mas, na verosimilhança do meio, idealizando o fundo, realisar, não um romance de costumes, antes um estudo da consciencia. E, como esta é systematicamente escolhida limpida, o odioso pormenor afasta-se com tedio.

Os romances de Julio Diniz são assim amplificações d'um thema moral, onde o categorico imperativo d'uma these a deduzir se impõe á simplicidade narrativa. Nos *Fidalgos da casa mourisca*, essa preocupação torna-se aparente, e é por isso que certos criticos repudiam este livro como o signal da decadencia do escriptor. Todavia, nos anteriores trabalhos, ha o mesmo, cumprindo advertir que na novella condemnada se sente mais firme o pulso do mero artista da palavra.

Mas, d'uma mesma causa resultam corollarios magnificos. Com effeito, o seu amor pela vida simples, pelos caracteres sympathicos, a sua amizade pelos episodios da existencia commum, que o sol espiritual da bondade aquece e doura, afasta o romancista dos *imbroglios* complicados, apesar de uma opulencia de afabulação que tece o interesse da intriga de situações triviaes, pasmando o leitor, surprezo ao encontrar drama nos factos que se lhe afiguravam os mais prosaicos.

O successo de Julio Diniz proveio, pois, d'esta alegria do publico em se sentir passar de espectador a actor em obra litteraria e o sr. Luciano Cordeiro engana-se, julgando que o exito da obra do escriptor era um desfastio, porque, mais do que isso, ella correspondia a uma intima necessidade de se encontrar na novella a representação da sociedade viva.

Este motivo primeiro foi ajudado na execução pelas qualidades do artista, como n'esse volume da *Familia inglesa*, que as condições especiaes do condicionalismo moral do Porto lhe suggeriram espontaneamente.

Se bem que o preconceito moral do escriptor ameace transformar-lhe a obra n'um sermão, conforme espirituosamente Taine reparou para Dickens, como n'este é maravilhosa a exactidão dos accessorios, a verdade do dialogo, a humanidade dos personagens secundarios, apanhados em flagrante, d'uma restricta categoria, mas no seu particularismo, evidentes, levantados de bloco, com os seus *tics*, como a repetição das aneddotas em João Semana, com o seu geito, com o seu ar. Isto é mesmo o que não permite aperceber, ao primeiro aspecto, essa idealidade fluida que corre em toda a obra e que se condensa nas figuras principaes, como Jenny, colorido figurino, de brinde de pensionato.

D'estas creações, chegam a ser odiosas, á força de pureza moral; ellas movem-se no mundo como o *deus ex machina* do drama classico; nenhum pensamento ruim lhes perpassa, nem roçando-os de longe, pelos seus cerebrosinhos de bonecas de Nuremberg; são excellentes, mas não vivem; possesas de generosidade, são insipidas.

Logo, porém, o que marcham direitos esses burguezes solidos, como Richard Whitestone, promptos ao trabalho, irreflectidos na censura; a clareza com que se vê esse publico mesclado, que mexerica pela *Praça*, que intriga e calumnia! E, mais depressa do que nas idealizações de *miss* sonhadas, a realidade humana salta das visagens de Morlay e de Brains, onde tumultua toda a vehemencia frenetica d'essa rude raça inglesa, excessiva na alegria, excessiva na dôr, filão de dissipados, como de avaros, e sempre prompta a esgotar em tudo tudo!

Não é, todavia, esse o intento do escriptor; elle refugia-se com delicia, no trabalho delicado das suas aquarellas frescas; e eil-o que se vae aperfeiçoando, aperfeiçoando, aperfeiçoando os santos varões e as santas donzellas que ciciam entre as suas paginas.

Este modo particular fê-lo comprehender do publico estrangeiro, como se vê das versões americanas, das inglesas de lord Stanley de Alderley, das vulgarizações em edições baratas, prefaciadas por Augusto Soromenho, do

livreiro Brockhaus, de Leipzig, e das recentes traducções de Olivier du Chatel no folhetim dos jornaes de Paris. Tal geito devia naturalmente levar Julio Diniz ao idyllo campestre, como sendo o campo, refugio de todo o melancolico e, no caso especial, estancia de allivio para o enfermo, quadro mais proprio, do que o corrupto meio das cidades, ás visões d'uma sentimentalidade em busca de caracteres idoneos onde se concretisar.

N'esta tendencia, a aldeia não é o terreno disputado pela ignorancia e pelo fanatismo, onde uma boçalidade de troglodyta se allia com requintes de manhã de civilisado, como se vê da argucia do aldeão nos seus interminaveis pleitos judiarios. É uma symphonia de cores na natureza e de virtudes na alma; e, se á realidade se concede o exterior, se os pastores não vestem já sedas e brocados, mas se apresentam sujos e feios, elles não são esses aldeões de Balzac, dissecados até á medulla. Os seus sentimentos inspirariam Florian, como as suas paizagens Gesner. Debalde, o escriptor alewanta uma ponta do veu, nas intrigas dos serões e nas coscuvilhices das tendas, na imbecilisação jesuitica das mulheres pelos missionarios e na lamentavel inconsciencia politica das eleições. Logo, o bom reitor ou a espirituosa, demasiado espirituosa, morgadinha dos Canaviaes se encarregam de indicar o bom caminho do dever aos irregulares; e Damiel e Henrique de Souzaellas resolvem se no heroe edificante, á maneira de Carlos Grandisson, insupportaveis nos seus conceitos de melhoria e nos seus protestos de que não mais uivará n'elles a loba famelica da paixão.

Se, n'estes livros, como nas decorações dos theatros, a rhetorica das lonas pintadas não esconde o tablado immundo, a paizagem, toda ella, canta.

Não que a paizagem de Julio Diniz seja a reproducção fiel do fragmento de natureza observado; como um pintor habil, elle arranja a, e, quando uma excrescencia grosseira o embaraça, elimina-a. Os seus quadros esfumam-os, vaporizam-os o nimbo de poesia que sobre elles se evola da penna do escriptor. Assim, a impressão deixada não é nitida, determinada, precisa; é uma impressão generica, como a capitulou o sr. Eça de Queiroz. Mas, lançada de relance, ella suggere. Depois de se lér essa admiravel pagina em que a aldeia corre, atravessada pelo trote da egoa de João Semana, tem se nos olhos o deslumbriamento d'um sol de meio dia em verão asphyxiante, como o espirito se deixa ir ás tranquillaes chimeras bailando no luar manso, que escorre dos dentes das folhas do arvored, quando os apaixonados dizem d'amor, scena deliciosa em que Zola poz menos frescura, no episodio de Silverio e Miette.

O teclado em que, com uma felicidade serena, suavemente passam os dedos do artista não arfa da paixão em frenesi; e a melodia meiga, se se afasta ao de leve da rubrica aberta no começo da clave, arrependida, beatamente recae na tonica.

D'onde, um embalsamado sópro que, percorrendo estes livros, nos encanta e faz devanear.

E como nos accommette, a todos a quem, esmagados pela pesada atmosfera nevoenta dos rancores mal apagados, das amarguras sem consolação, das tristezas sem allivio, das luctas sem um momento de paz, sollicita a mesma solidão, essa deusa romantica, cujo sacerdote é Zimmermann, e que arrastava os sombrios, Obermann ou Ortis, para as praias desertas ou para os pincaes das montanhas, nas mudas conversas mysteriosas com o doido mar, com o esmaltado ceu; como nos invade então o desejo de, arrancados ao meio infecto em que fazemos a aprendizagem da morte, ir dar tambem ao seio das florestas murmuradas, cheias dos ruidos profundos, palpitantes do grande sussuro da vida, um banho purificador á nossa pobre alma enxovalhada!

E, todavia, o bom tempo da mocidade, perdemol o, desalentados mas impellidos por uma vertiginosa corrente desconhecida, n'esta ingloria batalha do viver moderno, emquanto a natureza desenrola o painel desdenhado dos seus esplendores, uma claridade ineffavel alegre o ar avelludado, o meigo azul nos occulta, em bom amigo, aos curiosos olhos de Deus, a terra, as plantas, as pedras, a agua tilintante, a verde folhagem entoam uma hosanna universal.

Este bater do ingrato coração esquecido á suscitada lembrança d'um cosmos amigo dá a estes livros o effeito d'um balsamo curante, torna-os como que uma larga fenda na treva odiosa, por onde entra, com a luz, o amor.

Se esta é a nota sentimental, o reparo critico destaca, conforme se disse, estes trabalhos, como estabelecendo a transição da velha theoria da novella, em que tudo é extra humano, para a moderna doutrina do romance, onde a realidade se não tem, comtudo, de apercibir só pelos aspectos sympathicos mas por o seu complexo de filetes brancos e de filetes pretos, paralelos, entrelaçados e confundidos.

A esta comprehensão mais vasta teria de chegar o espirito do escriptor. Mas, subito, em plena mocidade desapareceu, como um luminoso meteoro.

Na quadra, em que, infatigavel na sua resistencia, mal de nó;!, nos segreda ao coração a chimera da esperanca, que, como o ar leve da campanula d'onde é expulso, não deixa atraz de si senão o vacuo, Julio Diniz finalmente morreu.

Como uma mortalha de chumbo, a este espirito esmagal o hia o aniquilamento, para nunca mais?

A luz não se percebe sem a sombra, o calor sem o frio, o som sem o silencio; mas silencio, frio e sombra não existem por si mesmos, não passam de graus inferiores de som, de calor e de luz. E ao lado da vida, como custa a conceber uma horrorosa negativa?

Desde que a chimica ha adquirido, pela balança, a certeza irrefragavel de que nada nas combinações da materia se cria ou se perde, mas simplesmente tudo se transforma, ninguem mais ahi ousou falar de extincção.

O artista não deve desesperar-se, diz Moleschott, quando vê, de seculo em seculo, cahir em poeira o bloco de marmore d'um templo, que a arte havia revestido d'um caracter sagrado. O marmore fica e com a scintella de Prometheu, que creará uma nova obra-prima, porque a materia é imperecivel.

Se esta permanencia se não pôde entender sem a conservação da força, que se manifesta, na palavra de Herbert Spencer, pelas unidades, vistas as mesmas antes e depois do phenomeno considerado; se as leis do universo são immutaveis e geraes, pôde ser que na immortalidade do inconsciente que a sciencia positiva categoricamente affirma, as forças conscientes, essas, de vez se dissipem?

Não será, de resto, em qualquer caso, absurdo lamentar 'esse morto? Pois, o que lucraria elle com continuar na, successivamente mais dura, convivência do mundo do homem? Se é certo o que Shakespeare repete de Pindaro, que a felicidade é não ter nascido; se S. Paulo tem razão, quando, resumindo a dôr universal da natureza, diz, *Omnis creatura ingemiscit*: se Darwin veio confirmar que este mundo é um vasto campo de chacina; se a mentira, a fraude, a ingratição envenenam o coração do homem; se gloria, riqueza, amor não são senão stadios da illusão, segundo o implacavel Hartmann, o que valem saudades egoistas?

Assim, partiu, quando da vida não quizera conhecer ainda toda a miseria, ao avisinhar-se a quadra das desilusões, como a sua meiga andorinha, que foge ao duro inverno, que chega. Do seio da terra, o seu corpo desabrochará em flores mas na immensidade azul a sua alma florirá em estrellas; encherá o espaço; sob as fórmas infinitas da força, a luz, o som, o calor, radiará eternamente; o vento será o portador das suas novas; abraçará sobre a terra os que o amaram; viajará pelos planetas escuros, desfazendo-lhes com a sua doce claridade a sombra que pesa sobre elles; na progressiva reverberação immortal, ascenderá sem cessar para o desconhecido fóco eterno da substancia.

De modo que a morte, tão odiada, deve ser querida como a maior bemfeitora do homem. Elle não pôde ser senão o que Ballanche, córando, dizia da mulher: — uma iniciação.

Os estereis sophismas em que se refugia o consolo da consciencia!



HISTORIAS PARA CRIANÇAS

O BURRO E O ROUXINOL

(Continuado do numero anterior)

ERAM a maior parte *fashionables* inglezes, elegantes cavallos de corridas, adolescentes *lords*, muito orgulhosos da sua origem e falando apenas nos seus avós.

Os *gentlemen* troçavam tambem com o recémvindo, mas o burro supportava-lhes a ironia :

— Gosto tanto, dizia elle, da protecção desdenhosa d'estes amaveis estrangeiros, como da invejosa malevolencia dos meus amigos, porque não conto com a boa affeição dos indifferentes e se a leviandade d'elles pôde ás vezes offender-me, pelo menos a sua ingratição nunca chegará a affligir-me.

Este burro era philosopho e tinha razão, porque a punhalada d'um inimigo dilacera menos o coração do que as picadas d'alfinete d'um amigo.

A estação das aguas passou, o nosso burro voltou para Paris ; as novas relações que elle creara tornaram lhe a vida mais agradável ; eram todas as manhãs corridas no bosque de Bolonha, apostas, passeiatas, *pic-nics*, prazeres indefinidos.

Os burros do bosque de Bolonha, vendo-o sempre com cavallos, aparelhado e galopando como cavallo, não o reconheceram como burro ; só diziam, quando o viam correr :

— Que feio cavallo !

O ricasso não ouvindo aquillo julgava-se encantador e, como admiravam tudo o que possuia, imaginava-se formoso !

Com effeito, não havia ninguem mais elegante, nem apresentava melhor apparencia do que o sr. de Montmartre ; tinha sempre a meza posta, os jantares delicadissimos ; tinha o seu camarote no Franconi, que era o ponto de reunião dos elegantes de Paris ; alli é que se faziam as reputações ; aquelles senhores admiravam os debutantes, davam o signal dos applausos ; ninguem se atrevia a arriscar um *bravo* antes d'elles darem o signal d'approvação, quer erguendo a voz, quer inclinando a cabeça com benevolencia.

Achavam-nos ridiculos, mas, como estavam na moda, tudo se lhes tolerava.

E comtudo o sr. de Montmartre não era feliz : lisongeavam lhe a vaidade mas vivia n'um constrangimento continuo que lhe entristecia os prazeres.

Para esconder as vergonhosas orelhas, o chapelleiro aconselhou-o a que trouxesse orelheiras ; mas essas orelheiras tornavam-n'o quasi surdo, o que o privava de ouvir as allusões que faziam d'elle.

Gostava de se deitar cedo, como bom burguez que era ; pois bem ! esses moços levianos faziam n'o velar noites inte ras, e aproveitavam-se do seu meio somno para lhe ganhar todo o dinheiro ao jogo.

Esta existencia brilhante fatigava-o mais do que os trabalhos da sua mocidade ; sentia um vacuo na alma, soffria por isso, e dentro em pouco a saude alterou-se-lhe seriamente.

Então os medicos aconselharam-lhe o ar puro dos campos e, para lhes obedecer, alugou nas proximidades de Paris uma estrebearia de recreio, muito bonita, para onde se retirou secretamente.

A solidão não lhe deu melhores resultados do que o ruido da cidade ; a doença que o consumia, longe de melhorar, augmentou com o descanço ; ia talvez succumbir, quando um dia...

Morava perto um rouxinol celebre que, sem ser muito rico, gosava de abastada mediania ; tinha um ninho muito fôto situado n'um bosque frequentado por innumerous amigos, de modo que nada tiuha de que lastimar-se.

Tinha uma vaidade, permitta se-me a expressão ; gostava que lhe tecessem todos os louvores.

Se se gabava um dos collegas, qualquer dos collegas, offendia-se ; todo o elogio feito a outrem era um roubo feito a elle ; se algum tivesse a desgraça de ouvir com prazer um seu visinho, o rouxinol não só o aborrecia para todo e sempre, mas tambem detestava o visinho, ao qual, por vingança, perseguia bem como á mulher e aos filhos.

Era realmente insociavel este rouxinol ; não estava bem em parte alguma, despeitava-se de toda a gente, o que mostrava que um talento de nada valia sem boa indole.

— Sou muito tolo, disse um dia, em viver n'esta floresta ; não produz effeito e a rasão é simples : ha aqui vinte rouxinoes, que cantam tão bem como eu e portanto não posso brilhar entre tantos rivaes.

Mudemos de sociedade : vejamos pessoas sem talento ; vamos por exemplo, ter com as gallinhas ; a voz do gallo é sonora, mas elle não a sabe modelár. Os pombos sabem pouca musica, portanto n'aquelle meio não teria ninguem !... Vamos !

Dizendo isto voou para um grande pombal que havia n'uma herdade situada a algumas léguas da floresta. As gallinhas recolheram-se antes da noite ; essas damas temiam o ar fresco da noite : achou tudo no mesmo salão.

(Continúa.)

O NOVO SYSTEMA DE CURAR

DE

L. KUHNE

EXPOSIÇÃO, APRECIÇÃO E GUIA PRÁTICO

POR

J. A. BENTES

1 Volume 400 réis. Pelo correio 420 réis

Livraria do Editor

ANTONIO MARIA PEREIRA

50, 52 — *Rua Augusta* — 52, 54

LISBOA

COISAS UTEIS

O QUE SE DEVE JANTAR

(Vidé n.º 2 e seguintes do nosso Jornal)

SEGUNDA FEIRA. — Sopa de cabeça de vitella. Fataça cosida com molho branco. Peito de vitella recheado e purée de azedas. Perdizes assadas com agriões. Salsifis com molho de nata. Doce — Torta de maçãs.

TERÇA FEIRA. — Purée de grão. Pastellinhos folhados de peixe. Carrié estufada com purée de batata. Vitella (rosbeef) assada com salada. Feijão verde á ingleza. Doce — Compota de pecegos.

QUARTA FEIRA. — Sopa Crecy em substancia de carne. Filetes de linguado com molho mayonnaise. Pá de carneiro estufada com guarnição de feijão branco. Perú assado com purée de maçãs. Doce — Leite crème.

QUINTA FEIRA. — Sopa de gluten. Pargo cosido com molho de manteiga. Galantine de gallinha com geléa. Rosbeef com guarnição de tomates recheiados. Macarroni em leite. Doce — Pastellinhos folhados de fruta.

SEXTA FEIRA. — Sopa de ameijoas. Pastellinhos de bacalhau. Ruivos guizados com ervilhas. Linguado feito com molho de mayonnaisé. Doce — Tortas de pecegos.

SABBADO. — Sopa de purée de azedas. Pescada á Bechamel com guarnição de purée de batatas. Gallinha estufada com macarroni. Perna de carneiro assada com salada de feijão carrapato. Couves-nabos recheiadas. Doce — Crème de chocolate.

DOMINGO. — Sopa Julianna em substancia de carne. Pastelinhos folhados de figado de vitella. Linguado au gratin. Costelletas de vitella estufadas com cogumellos. Pato ganso assado com salada. Doce — Gelado de leite.

SECÇÃO RECREATIVA

PASSATEMPO

Solução do publicado no nosso n.º 22 :

1.ª Viagem — Uma mulher conduz outra que deixa na margem. Volta.

2.ª Viagem — Conduz a outra mulher que abandona tambem. Volta.

3.ª Viagem — Desce do barco, ao passo que se transportam para a outra margem os homens das duas mulheres que lá estão. Vem depois d'ahi um homem com a sua mulher.

4.ª Viagem — A mulher desce e vão os dois homens para a outra margem.

5.ª Viagem — Uma das mulheres que já tinha sido transportada vem no barco buscar uma das mulheres que estava na 1.ª margem.

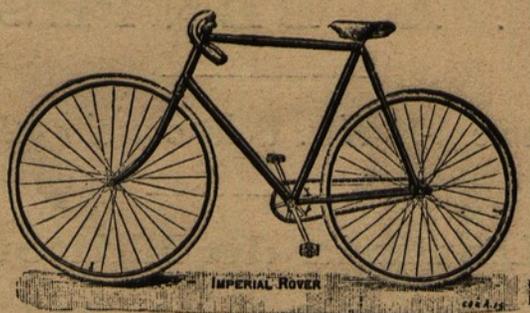
6.ª Viagem — Idem.

ROVER CYCLES

OU BOM
OU NADA

11 Primeiros premios.

6 Segundos premios.



1 Diploma de medalha de ouro.

1 Diploma de medalha de prata.

Na Rover não ha uma unica peça que não seja de superior qualidade.

ESPECIFICAÇÃO

SELVA — Rover N.º B 10.

QUADRO — (55, 60 e 65 centm.) é do melhor tubo Weldless (sem soldadura).

PEDALEIRO — 12 centm. de largura.

RODA DENTADA — desmontavel.

GUIADOR — reduzido.

PINHOS — E. H.

AROS DAS RODAS — occos Westwood.

RAIOS — tangentes, reforçados nas duas extremidades.

PNEUMATICOS — da The Dunlop Pneumatic Tyre C.ª Lt.l.

GARPHO — do melhor tubo Weldless (sem soldadura).

ALVADO — 12 centm. completamente impermeavel.

ROLAMENTOS — todas as caixas e rolamentos são feitos do aço DIAMANT, e temperados por um processo particular.

NICKELADOS — sobre cobre.

ACABAMENTO — esmalte extra brilhante e adrente.

MANIVELLAS — quadradas.

PEDAES — Rover, impermeaveis.

CORRENTE — Renold.

Com material tão escolhido junto a um acabamento esmerado, obtem o cyclista amador ou profissional uma machina de primeira ordem, tanto para a estrada como para a pista.

DEPOSITO DAS "ROVERS," CASA FAVORITA

50 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 52

AVENIDA DA LIBERDADE — LISBOA

BRANCO E NEGRO



PREÇO 40 RÉIS

O PRIMEIRO BEIJO

N.º 25

REPRODUÇÕES

DE
Planos,
Cartas geographicas,
Laminas e
Pergaminhos antigos.
Desenhos à penna,
a lapis
e a carvão.
Quadros a oleo,
aguarella, etc.
Illustrações de toda
a classe de obras,
periodicos, etc.

Photogravura
em todos
os generos!

PERFEIÇÃO,
RAPIDEZ,
ECONOMIA

Photogravura Universal
DE
Castello Branco
&
Albern
Lisboa

R. da Bombarda 48. 1.^o
N.º Telephonico 313

PHOTOGRAPHIAS

DE
Estabelecimentos
e gravuras
para toda a classe
de
annuncios,
Trabalhos em
phototypia, autotypia
photozincographia,
e
zincographia.
Perfeição, rapidez
e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do que se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc. São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante.

Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem accrescimo de preço; nas ampliações é que na tabella respectiva soffre determinado augmento.

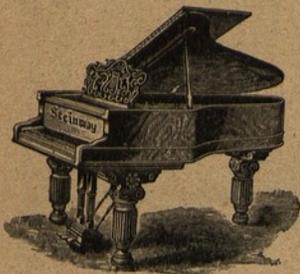
Encarrega-se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todos os generos; assim como de quaesquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproduções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-se de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distinctos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.

Executam-se quaesquer trabalhos de zincographia em 5 horas.

Representantes: — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º; em Coimbra, Delphim Gomes, Rua Velha.



PIANOS
HARMONIUMS
CORDAS
REBECAS
BANDOLINS, ETC.

ACCESSORIOS
PARA TODOS OS
INSTRUMENTOS
MUSICA

LAMBERTINI
43, P. DOS RESTAURADORES, 49
LISBOA

CASA LAMBERTINI

ARTIGOS NOVOS

SURDINA para violino, com molla.....	Réis	₤200
RESINA BONN (aceio, economia e qualida- de superior).....	"	₤240
RETININA para impedir que as cravelhas es- correguem.....	"	₤200
CAVALLETES de 4 pés, para violino e vio- loncello.....	₤400	" e 1₤500
TECIDO IMPERMEAVEL , para conser- var as cordas, 15 cent.2.....	"	₤050
PREPARADO «REDIVIVUS» para lavar os arcos e instrumentos, cada frasco	₤200	" e ₤300
OLEO «PREMIER» para lustrar instrumen- tos de corda e para as chaves dos instru- mentos de madeira, cada frasco.....	₤200	" e ₤300

Estes artigos só se encontram n'esta casa

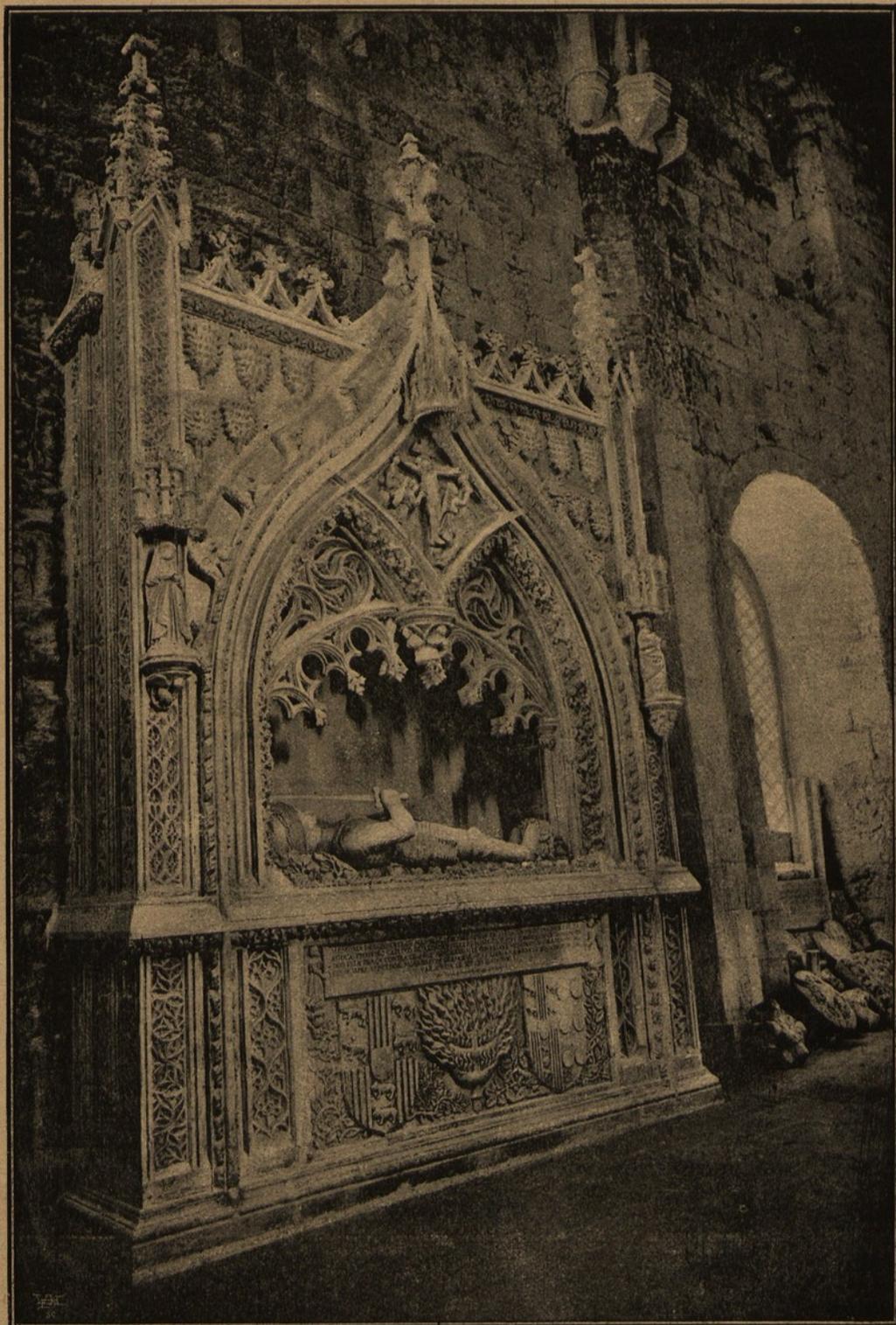
BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 25

LISBOA, 20 DE SETEMBRO DE 1896

1.º ANNO



MAUSOLEU DE D. DUARTE DE MENEZES NO CONVENTO DE S. FRANCISCO EM SANTAREM

Aspectos da minha terra

(A Domingos Guimarães)

No círculo escangalhado das muralhas, como um fendido saial de guerreiro, lá no alto, Minho arriba, fica a villa com as suas casas ainda mais altas, e as suas torres, vestidas de branco, dominando o rio, namorando as margens gallegas. Já pouco dizem os olhos vesgos das guaritas mal vendados pelas heras, derruem os re-velins, escalabram-se os baluartes, entulham-se os fossos. Marte, tendo votado o corpo ás feras do Minis-terio da Guerra, renasce dos seus restos em lavrador e hortelão. Das balas dos Castelhanos surgiram a couve flôr e os saramagos, os morangaes e as uveiras. Em cada panno dos velhos muros ha carradas d'alimento para as pi-lhas d'estrume que uma agricultura sangrada pelo Brazil diariamente não pode aproveitar. E na sombra dos casta-nheiros onde cantam rouxinoes á tarde, nos soutos de frescura e de silencio, á hora suavissima em que a toada morosa dos gallegos cantares nos chegam nitidos n'esta vida de paredes-meias da raia, lembra por vezes uma tran-quillidade de quartel deserto, depois das nove da noite, quando a villa acabasse de assoalhar a sua pobre alegria doirada de fachinas.

E no emtanto como isto em pleno dia é original e videiro! Servida por tres estradas — Melgaço, Arcos e Va-lença, — golpes de theodolito n'uma compacta, luxuriosa vegetação incomparavel, esta terrinha, coração sagrado de uma região tão invejada, as suas lindas mulheres e os seus delicados vinhos, escoras de um pedaço d'existencia



MONSÃO — MONUMENTO A HEROINA DEULADEU MARTINS

feliz que Nosso Senhor lhe deu, esta terrinha, presa aos seus costumes e tradições simples, tem o aspecto ainda das antigas villas do Minho com a sua viação primitiva, antes que os comboios viessem tirar-lhe as agradaveis impressões de o viajar...

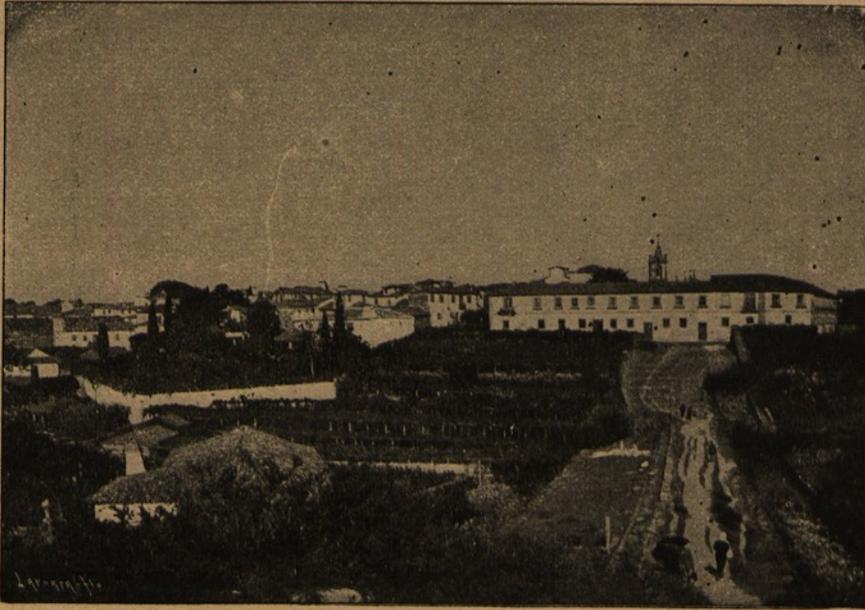
*
* *

Com a chegada dos banhistas e dos passantes para a estancia d'aguas do Pezo, Monsão muda d'aspecto, e, ao cahir do dia, quando as diligencias sujas do pó das estradas entram na villa, ha um pequeno mas notavel movimento ao sol das ruas onde a calçada ainda arde. Depois, passado o *tohu-bohu* dos pontos de paragem é a procissão dos aleijados, para as thermas, sob a verdura cerrada dos vinhedos, a passo grave, olhando o solo, como quem perdeu o mais precioso da vida. Os aguistas, amordaçam lo-se aos lenços brancos, cá ficam agora calcando a praça n'um vai-vem continuo, enquanto as carruagens de posta e os variados trens quebram o silencio da tarde morta...

*
* *

Oh! a ridente paysagem que se descobre do alto das muralhas! todo esse mar de verdura sob pinheiros onde brisas ligeiras passam, campos traçados de lataria, grandes manchas de vegetação atravez da qual mal se descobre

um palmo de terra nua, além dos caminhos estreitos, o rio magro pela estiagem, d'aguas diaphanas, gemendo a sua continua viagem sobre os seixos na linha irregular dos salgueiraes, e, a dois passos a linha d'Orense a Vigo, na outra banda, pela beira-Minho, apparecendo e reaparecendo aqui e além por campos e pinheiraes n'uma linha tremida de curvas para se esconder lá no extremo das altas montanhas, para Arbo e Frieira, até Ribadavia . . e mais

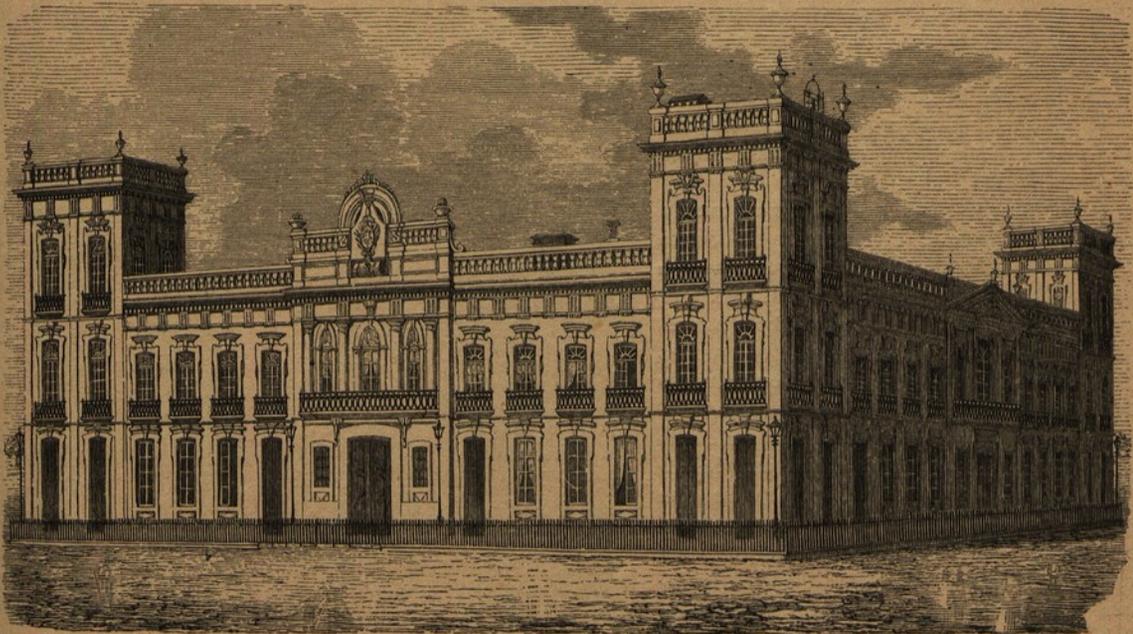


MONSÃO — HOSPITAL CIVIL

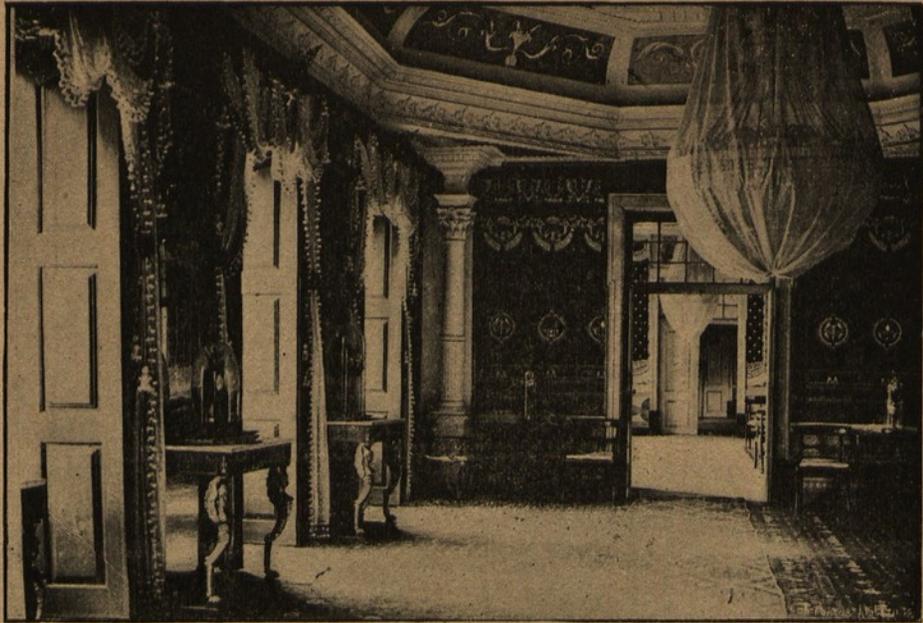
além onde nós todos, minhotos e gallegos, nos abraçamos alfim, como zangados amigos apoz uma viagem que se fez de braço dado.

* * *

— Fica acolá, o palacio abandonado, não o vêem vocês d'aqui, d'esta curva da estrada, acolá, entre os pinheiros? São jardins e torreões nobres, n'uma funda tristeza de eremiterio onde um velho fidalgo caridoso e bom, consumiu tres quartos da existencia, longe do mundo, cego por fim, sedentario e com a unica mania de fazer bem á



MONSÃO — PALACIO DA BREJOEIRA



MONSÃO — PALACIO DA BREJOEIRA — Salão nobre

pobreza, e receber os seus hospedes como casa alguma do paiz o fazia. A sua mocidade, os seus gostos, o seu temperamento, esse homem, dariam um estudo de psychologia, um personagem de romance excêntrico. Rodeado de adoradores sinceros, apostados em varrerem-lhe do amago a nostalgia d'uns mysterios até hoje indecifráveis, andava envolto n'uma lenda popular onde uns viam o eterno-feminino e outros as tendencias d'um ascetismo medievido.

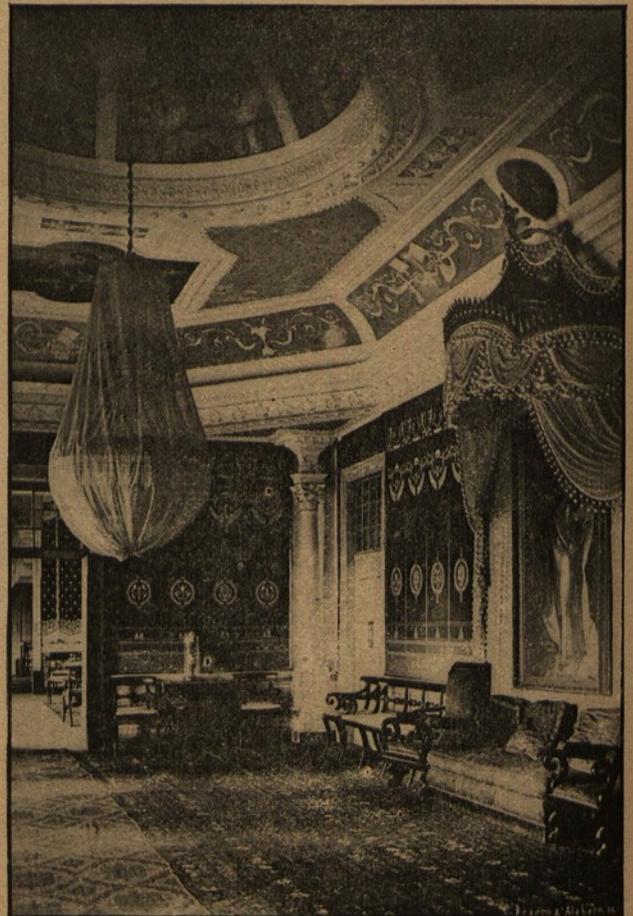
Raro elle apparecia aos visitantes, especialmente já quando a doença começou de acenar-lhe nas quatro paredes d'uma habitação feérica d'onde se deparam apenas em horizontes curtos, os espectros dos pinheiros e os *panneaux* das montanhas escalvadas...

*
* *
*

Na florescencia das magnolias, como vestígios de beijos do ultimo luar nas verduras extensas, ao longo dos pitosporos altos, das alas que se perdem, cobertas pelos abraços das arvores amigas, entre os azuleos borrões das hydranjas calcando as folhas crestadas do sol no grande parque, ao cantar das aguas pelo bico dos cysnes, á beira dos tanques, como é ainda assim, desolador !

Dir-se hia que já alli não cantam as aves, a não ser aquellas que em pores-do-sol dizem adeus á claridade que foge e engrandecem a noite que vem. Foram-se o ruído das baixellas, nos salões magestosos de azul e oiro e os trechos loucos da musica nos pianos e nos orgãos em manhãs nebulosas de tédio. Só, entregue ás litanias dos brejos, tendo d'envolta a grande paytagem sorridente em ondulações de searas e harmonias longinquas de campanarios e canções aldeãs, d'uma melancholia que caracteriza este povo raiano, a Brejoeira é como que um grandioso sonho que um viandante cançado tivesse formado ao repousar n'uma choupana de lavradores para aquem das Serras do Extremo e Coura...

João VERDE.



MONSAO — PALACIO DA BREJOEIRA — Salão nobre



LISBOA — O ANTIGO CAES DAS COLUMNAS



HISTORIAS PARA CRIANÇAS

O BURRO E O ROUXINOL

(Continuado do numero anterior)

As gallinhas acolheram-no com delicadeza e benevolencia mas sem grande interesse. — Não sabem ainda quem sou, pensava o rouxinol; mas amanhã envio o meu bilhete á dona da casa e já d'aqui estou a ver o seu espanto e a sua alegria quando souber o meu nome; como ficará confusa por ter tractado tão frivolamente a maior celebridade do seculo!
No dia seguinte enviou ás respeitaveis gallinhas que o tinham recebido na vespera o bilhete em que se lia :

SR. DE PHILOMELA
Rouxinol

Escreveu a lapis as ultima palavra, *rouxinol*, por temer que fosse confundido com qualquer outra ave, o que era pouco provavel porque o nome de Philomela é muito conhecido.

Para não parecer muito apressado e para não ter ares d'homem que não sabe onde passar a noite, esteve dois dias sem tentar fazer visitas.

Esperava tambem alguns cumprimentos da parte do dono da casa; mas o gallo poz-se nas suas tamanquinhas e não lhe causou admiração alguma o nome de Philomela. Entretanto no terceiro dia o rouxinol fez a sua toilette, sacudiu as azas, vestiu o collete castanho, calçou luvas brancas e voltou a casa da respeitavel gallinha, a quem tinha o fito de seduzir. Ora, seduzir, para o rouxinol, era fazer-se admirar; pouco lhe importava que a gallinha fosse nova ou velha, bonita ou feia: para os verdadeiros elogios, a lisonja não tem idade assim como o incenso tem o mesmo perfume seja quem fôr que o queime.

Entrando no salão, o sr. de Philomela esperava por uma especie d'interesse, d'embaraço causado pela sua presença. Todas as donzellas vão olhar para mim, dizia elle, não de querer inspirar o poeta de fama; prendel-o ao seu carro caprichoso, fazal-o enlanguescer d'amor para que elle cante as suas maguas...

Mas ficou muito surprehendido por ver que não lhe ligavam importancia alguma; estavam n'um canto do salão, ás risadinhas, como pensionistas de collegio e inquietando-se muito pouco com o poeta celebre que devia immortalisal-as.

Uma d'ellas unicamente disse baixinho ás suas companheiras :

— Meninas, vejam como este senhor é pequeno.

Então todas se pozeram a rir e não se tractou mais d'elle.

— São tolinhas, disse com os seus botões o rouxinol descontente; nada lêem, os nossos versos são lhes desconhecidos: comprehendo a indiferença.

Acabadas estas palavras, aproximou se das mulheres casadas e das mães de familia que conversavam entre si; achou-as muito amaveis. Perguntaram-lhe quanto tempo tencionava estar no paiz; se elle lhe agradava; se esperava voltar alli; mas dos seus talentos não disseram palavra; dos seus versos, nem um elogio, nem mesmo um elogio banal.

— São boas mães de familia; todas entregues aos seus filhos, pensou; nada lêem tampouco. Vejamos os homens.

Os homens compunham-se d'um gallo, de doze pombos, de sete ganços e de oito patos.

Dirigiu-se ao gallo e cumprimentou-o.

Era um grande insolente, que, quando falava, fazia muito ruido; estava entretido a conversar em politica, e parecia irritado por o haverem escolhido para representante, para symbolo d'um partido.

— Fui sempre do partido da guerra... , dizia elle

O rouxinol não quiz ouvir mais esta conversa, pois detestava as discussões politicas.

Aproximou-se dos pombos: julgou que se lhes poderia fallar em musica e em poesia, pensando que, estas aves tão ternas gostariam das bellas-artes.

Enganava-se. As bellas artes! disse um pombo muito tolo. servem apenas para enervar a alma!

— São boas para as mulheres, retorquiu um pato com desdem.

— Para as suas, talvez, respondeu um pombo tolo que era casado ha muitos annos; mas as pombas são já de sua natureza muito sensiveis, não precisam de ser excitadas pelas artes.

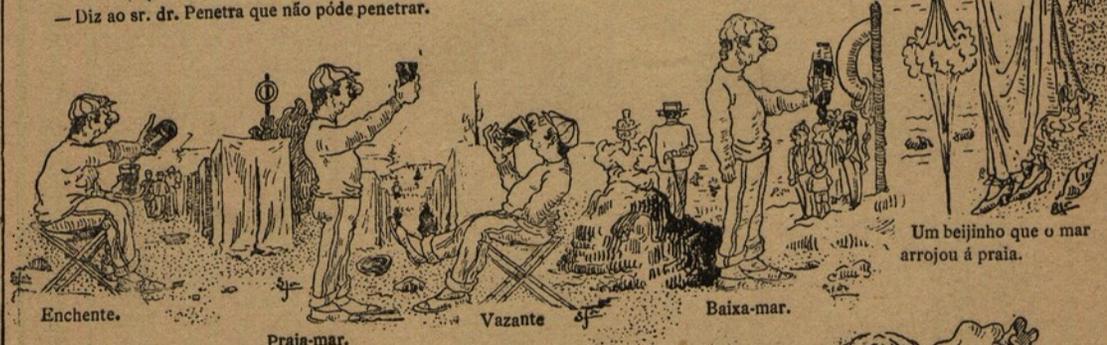
(Continua).

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.



Um seixo negro.

— Senhora D. Fifi: — está aqui o sr. dr. Penetra.
 — Diz ao sr. dr. Penetra que não pôde penetrar.



Enchente.

Praia-mar.

Vazante

Baixa-mar.

Um beijinho que o mar
 arrojou á praia.



Um que
 toma... o pulso
 ás Aguas

As meninas Aguas

O Tubarão e a Baleia



Um carapau

— Então a sr.^a D. Brites hoje não toma?!... — Não, filho!...
 hoje só tomo a minha pitada... — D. rapé, já se sabe?...

— O tu, já tomaste?...
 — Ah!... Já já tomei o chá
 que me deu o patrão, ao levantar da cama.

SIMÕES JUNIOR

EM MONSERRATE

A FESTA DE CARIDADE DE LADY COOK

DIFFICILMENTE poderá fixar a palavra, o incompleto instrumento, a impressão complexa transmittida ao nosso espirito pela adoravel festa a que acabamos de assistir.

Felizmente para o *Branco e Negro*, supprirá todas as deficiencias do que vamos dizer, a collaboração do distincto photographo amator, o sr. Arnaldo Fonseca, que expressamente para este jornal colheu em fóco os principaes aspectos da brilhante *garden party* de Monserrate.

Garden party lhe chamamos; mas superior ao attractivo de uma diversão ao ar livre, em que se agrupava a sociedade elegante, titulares, escriptores, jornalistas, sobresaíndo o elemento estrangeiro, deslizando aqui e alli, por entre a pittoresca e movimentada agglomeração do povo, admittido a partilhar dos gosos offerecidos aos convidados, a fina silhoetta loira das *misses*, com os seus chapéus campestres; superior aos attractivos d'uma *garden party* de ricos, vibrava n'esta inconfundivel festa a profunda, grande e contagiosa alegria dos pobres, a caridade!

Logo que começaram a desfilar as creanças das escolas de Cintra, S. Martinho, Collares, S. Bento, cerca de 300, trazendo á sua frente as respectivas professoras, um subito enternecimento, vindo d'esses pequenitos, regenerados pela escola, adoptados para a sociedade pelo amor humano, arrancados ás trevas da ignorancia pelo *fiat* da



OS VISCONDES DE MONSERRATE E OS SEUS CONVIDADOS

letra redonda, e reunidos alli, para receberem das mãos da sua bemfeitora, o premio dos seus estudos, deu-nos a perfeita e nitida comprehensão d'essa commovente festa.

Emquanto outras mulheres superiores, pensei, ao ver lady Cook approximar-se da legião dos pequenitos, seguidos de perto por outra, não menos sympathica, a dos velhos, tambem largamente soccorrida; acariciando-os, fallando-lhes com maternal bondade e offerecendo-lhes com as suas proprias mãos o premio annual das fadigas escolares, fato, calçado e abundante alimento; enquanto outras, que todos conhecemos, só fazem da sua inutil riqueza e do prestigio que se prende ao seu nome, a moldura da sua vaidade, esta, que possui os dois mais altos prestigios do seculo XIX, o talento e o milhão, só pensa em utilisal-os espalhando o bem por onde passa, semeando beneficios a cada instante, dedicando a sua intelligencia, a sua influencia a levantar por todas as formas o nivel mental e social da mulher e completando a obra providencial, da sua laboriosa existencia, que bastará para immortalisar-lhe o nome, levando ás trevas da ignorancia, geradora de tantas obscuras perversões, de tantos irreparaveis erros, de tantos enraizados vicios que devoram a humanidade, a redemptora luz da instrucção!

Foi pois este o divino encanto da festa de Monserrate, — o talento, a opulencia, — descendo do apogeu onde brilha, para identificar-se com a humilde familia dos desherdados, transformando-a, ao seu contacto, em um grupo operoso de futuros trabalhadores, cegos conquistando a vista do espirito pelo influxo da leitura, e vindo no meio das flores, da musica, como nos jardins de Froebel, trazer á sua prestigiosa bemfeitora os mais limpidos diamantes da sua corôa, crystalisados nos risos do expansivo contentamento infantil.

Logo ao meio dia, abriu a festa pelo desfilar das creanças, realisado ao som do *God save*, pelas philarmonicas de Cintra e Collares.

Seguiu-se a distribuição dos premios, que pelo avultado numero terá de concluir-se na proxima quarta-feira,



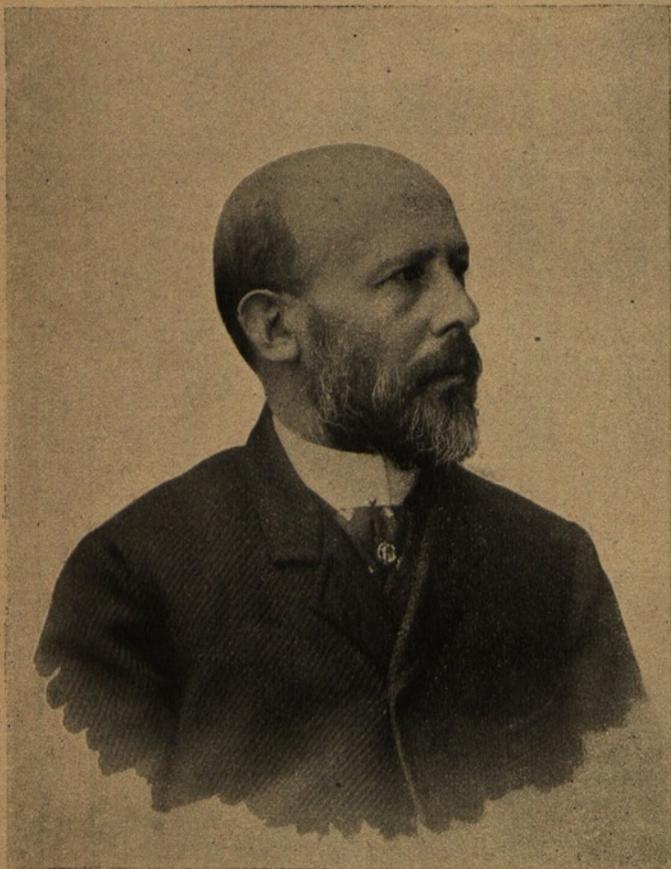
O PARQUE DE MONSERRATE NO DIA DA FESTA DAS CRIANÇAS

e logo apoz a interminavel e exuberante refeição de carnes frias, pão, fructa, bolos, que se estendeu a todo o povo.

Ao *lunche* do palacio de Monserrate, prezidido pelo visconde e viscondessa de Monserrate, com assistencia dos seus hospedes inglezes e portuguezes, miss Adeline Wetton, um fino espirito, entusiasticamente votado á causa da instrucção feminina, que advoga, em Londres, nas suas brilhantes conferencias, Guiomar Torrezão, etc, succedeu o opiparo e pantagruelico *lunche* no principesco parque de Monserrate, servido sob a palpação das bandeiras portugueza, ingleza e americana, ao som da musica, offerecido á imprensa, largamente representada, e a todos os convidados, em numero de 500 approximadamente. Durante o jantar, servido ás 8 horas da noite, a que assistiram alguns dos convidados, tocou a philarmonica de Cintra, queimando-se em seguida algum fogo de artificio, terminando a adoravel *garden party* ás 10 horas da noite, e deixando em quantos entraram no palacio de Monserrate, o palacio da legenda deslumbrante, arrendado em marmore pelos dedos das fadas e constellado de tudo quanto a Arte, illuminada pelo genio, tem produzido de mais assombroso; em quantos percorreram o umbroso e accidentado parque, affestado de flores estranhas, importadas de todas as regiões do mundo e avelludado de arbustos fantasiosos, onde as palmas dos fetos collossaes se enlaçam em luxuriante abraço com as palmeiras gigantes, as australianas e todos os variados representantes do reino vegetal; em quantos sentiram o irresistivel atractivo da gloriosa castellã d'esses regios dominios; em quantos assistiram á evidencia da sua bondade e á bemdita acção fecunda da sua carinhosa beneficencia; em quantos, emfim, viveram o ideal de um sonho em algumas rapidas horas de encantamento, uma profunda e imperecivel recordação, no fundo da qual vibra alto, de uma vibração que não se extinguirá nunca, o nome da grande escriptora americana que se chama lady Cook, (viscondessa de Monserrate).

GUIOMAR TORREZAO.

DR. LOPES DA SILVA



Na magistratura portugueza, onde ha talentos de primeira agua, avulta o nome do dr. Lopes da Silva como um dos que mais brilho tem dado aos difficeis e espinhosos cargos que tem occupado sempre com louvores geraes e sympathias de toda a gente. Sem quebrar nunca a linha de conducta que o dever profissional lhe impõe, o doutor Lopes da Silva tem sabido, apesar d'isso, conciliar a sua bondade innata com a severidade applicada pelos artigos do Codigo.

Na sua já longa carreira de magistrado, em todas as comarcas que tem percorrido, é o seu nome ainda hoje recordado com saudade, facto bastante raro na vida publica de um juiz, pela repugnancia que este elevado cargo exerce no espirito das multidões, que vêem n'elle um algóz e não um recto cumpridor das Leis.

O doutor Lopes da Silva é natural da cidade de Vizeu; exerceu ali o lugar de administrador do concelho em tempos de continuas alterações de ordem publica; e quanto mais difficil se tornava seguir á risca o dever que o seu lugar lhe impunha, tanto mais a sua prudencia e o seu talento brilhavam, conseguindo pela sua cordura e bons juizos o que outros não conseguem pelo emprego dos meios mais violentos. Foi, por este tempo agraciado com o grau de cavalleiro da Conceição de Villa Viçosa.

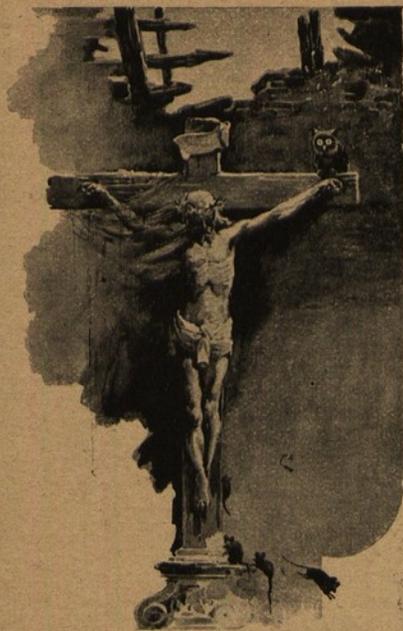
Como delegado a procurador regio conserva elle os mais honrosos attestados.

Os seus meritos como escriptor especial e entendido em questões de jurisprudencia são do dominio de todos os que teem seguido a sua collossal e trabalhosissima obra *Reportorio Juridico Portuguez*, que conta já mais de 20 volumes. Isto e mais obras esparsas valeu-lhe a admissão na Academia Real das Sciencias e no Instituto de Coimbra.

Hoje, o doutor Lopes da Silva occupa o elevado cargo de Auditor do 2.º conselho de guerra territorial na 1.ª divisão militar com toda a proficiencia.

O *Branco e Negro* honra-se com esta homenagem prestada a um cidadão que, apesar de ignorado e modestissimo, tem posto um talento real ao serviço de questões de verdadeira utilidade publica.

○ MILHAFRE



UM dia um homem entrou n'uma casa arruinada. No portal havia um nicho com um santo de pedra que lia uma Bibha de pedra. Em redor, na beira dos telhados, nas fendas das pedras, no canto do nicho, havia ervas molhadas e verdes, e ninhos de andorinhas. O santo tinha sempre as suas palpebras de pedra descidas sobre o livro sagrado. Passavam as cavalgadas, os enterros silenciosos, os noivados, os cortejos, a pompa dos regimentos, e o santo lia attentamente o seu livro de pedra.

Vinham defronte dançar saltimbancos, passavam as frescas serenatas, vinham dos montes rebanhos e ceifeiros; o santo tinha os seus olhos de pedra sobre as paginas inertes. As devotas lentas e desfallecidas beijavam-lhe os pés nus, os homens severos saudavam-o, as creanças espartilhadas e avelludadas, olhavam-no com os seus grandes olhos inanimados, os cães ladravam-lhe á calva; o santo curvado seguia o espirito de Deus por entre as letras do livro.

Passavam os fardos, os mercadores crestados pela industria, os poetas languidos que desfallecem nas cançonetas, os histriões que cantam nos tablados, mulheres mais preciosas que o ambar, os sabios, os mendigos, as virtuosas e as melodramaticas: — e o santo lia o seu livro prophetic.

Ora as torres gloriosas, as bandeiras, os ciprestes, ais de folhagem, os homens, perguntavam entre si: «— Que lê tão attentamente aquelle santo, que nem sequer nos olha?» — E os enchurros, que passam rosnando, diziam: «Que lê tão devotamente aquelle santo, que nem sequer nos escuta?»

Ora o santo lia assim. De noite quando as bandeiras cahem de somno, quando os homens estão cheios de comida e de inercia, — a lua que ao nascer é material e metallica, como uma moeda d'ouro nova, depois, na suavidade do azul, é tão pura, tão casta, tão immaculada, tão consoladora, como uma chaga de Christo por onde se lhe visse a alma.

A essas horas, uma creança, tão pobre e tão esfarrapada como o antigo pastor S. João, vinha deitar-se junto do nicho do santo. E então, o santo afastava um pouco o livro, e toda a noite ficava cobrindo com a grande luz dos seus olhos aquella creança miseravel, adormecida sobre as lages.

Depois os planetas, a lua, a noite seguiam a sua viagem immensa para o oeste e a leste começava uma claridade: eram as hesitações da luz do dia, medrosa por ter de descer ás miserias dos homens.

As bandeiras ainda estavam desfallecidas, sonhavam as arvores, a cidade dormia como outr'ora Sodoma. Acorravam então as andorinhas. Esvoaçavam gloriosas, gritando, e vinham soffregamente, em tumulto, pousar no nicho.

As andorinhas estavam nas intimidades e nas confidencias do santo.

Ora o vento que passa pelos campos e pelas eiras vem cheio de grãos e de sementes: a chuva cáe lucida e fresca. O santo aparava a chuva nas pregas da capa, e os grãos nas paginas do livro. E as andorinhas, quando vinham para o nicho, bebiam na capa do santo e comiam sobre a Bíblia de Deus. E enquanto comiam e bebiam, gritavam, batiam com as azas nas barbas do santo, beijavam-se na sua bocca, aninhavam-se-lhe entre os braços, cobriam-no, e o sol quando chegava, ficava todo maravilhado de vêr aquelle pobre santo de pedra, que elle não conhecia do paraiso, com os pés entre as ervas verdes, rindo, sereno sob a luz immensa, e todo vestido d'azas!

O homem entrou na casa arruinada e foi atravez de pedras esverdeadas, de grandes humidades que escorriam, de madeiros apodrecidos, de muralhas leprosas de musgo, de escadarias miseraveis, até uma sala enorme, escura e tragica, e tão alta, que involuntariamente o olhar procurava as constellações d'aquella sombra.

No fundo da sala havia um grande crucifixo de madeira. Sobre a cabeça macerada do Christo, as traves pódres do tecto, abriam uma larga fenda. Por ali vinha a chuva escorrer-lhe nos cabellos como o antigo suor das oliveiras, vinham os granisos magoal-o como as pedras da Paixão, vinha o sol allumial-o como a tocha de Judas, e a lua vinha, tambem, tornal-o mais livido, como n'aquella noite em que elle depois de ter visto a gente soluçante descer para Jerusalém, sentiu poisar na sua cruz um rouxinol que toda a noite cantou.

Sobre a cabeça e sobre os braços do Christo havia teias d'aranha; em baixo os ratos roiam lhe a cruz.

Então o homem sentiu que aquelle seio constellado, e aquella bocca d'onde sahiu a revelação do amor, do perdão, e da alma, tinha o pó, a podridão, a calça e os bichos; e que, se um dia Christo vendo o homem afflicto e miseravel lhe tinha arrancado da alma o mal, não era muito que o homem encontrando Christo abandonado, profanado e roído, lhe limpasse da cabeça as aranhas! Mas, quando ía a limpar a imagem viu sobre a cruz, junto da mão pregada, um milhafre enorme. O homem com as mãos quiz arredar o milhafre.

E a ave, então, com a antiga voz dos animaes da Biblia, do Apocalypse e dos livros dos prophetas, disse surdamente: «Homem, deixa a cruz socegada!»

Atravez das fendas viam-se os astros sagrados. E o milhafre, batendo as azas, dizia: «Deixa a cruz, deixa, não tenhas medo que apodreça. Lá em cima luzem agora estrelas, sóes, planetas, scintillações, carbunculos. E' o pó dos Deuses mortos. Todos se finaram, histriões ensanguentados, e a sua força acabou em desterros.»

«Morreram velhos, expulsos, esfomeados e nú.»

«Este ficou, solitario, allumiando. Elle perdoou enquanto os outros luctaram, elle amou enquanto os outros choraram, por isso fica enquanto os outros passam. Deixa. Esta cruz que é de madeira vale tanto, como as que lá em cima fazem os raios dos astros, ou no silencio dos myrtos dois olhares bem amados.»

«Deixa as aranhas, o pó, a calça, os bichos, a neve, a geadá, o apodrecimento. Elle que nos deu a nós o seu corpo de carne, póde bem dar ás aranhas a sua imagem de madeira; a vós que prezaes com o mesmo riso e com o mesmo esquecimento os morcegos no alto das janellas e o Christo no alto dos montes; a vós que lhe vindes limpar os cabellos de madeira depois de lhe ter arrancado os cabellos vivos; a vós que quereis lavar as nodoas que elle tem no peito, e não vêdes as immundicies que tendes na alma.»

«Tudo o que elle creou, o amor, o ideal, o perdão, a fé, o pudor, a religião, Deus, todo aquelle evangelho da vida nova, anda pelo mundo, tão degradado, tão coberto de bichos, tão immundo, como o seio d'esta imagem an-

tiga. A materia, o impudor, o appetite rude, o odio, o aviltamento, o trafico, a miseria e a penalidade, andam sujando a tua alma, ó homem, como as aranhas andam sujando a cabeça d'este Christo! E não reparaes! E não vêdes sobre os espiritos, sobre os corações, sobre as consciencias, o pó, a caliça, o caruncho, os ratos e os vermes!

«Sim, é verdade: tudo é magnifico, e são, e banhado de sol. As cidades são limpas e caiadas, só as consciencias é que tem nodos; as praças estão cheias de illuminações, só os corações é que estão escuros; os caes estão arejados, só os espiritos é que suffocam; os corpos estão são, cobertos de estofos, frescos e resplandecentes, só as almas é que andam nuas, miseraveis e leprosas. De resto tendes o riso, a farça, os paraísos artificiaes, as arcas venaes, e tambem o esfriamento do tumulo! Oh, amigos intimos dos vermes, como vós cuidaes do corpo, e o la-vaes, e o amaciaes, e o engordaes — para a pastagem escura das covas.»

«Homem, que fizeste tu da alma? Ao principio não era conhecida, depois foi vendida, depois foi apupada; tu, modernamente, julgaste melhor mata-la, — mas não certamente de cansasso com viagens a Deus! Destel-a a despedaçar á negra matilha do mal. Em compensação guardaste o corpo: para esse uma religião, um asylo forte como o sol, os sete sellos da lei e a escolta dos regimentos. Esse é o sagrado, o immaculado, o pontifical, o victorioso. Proibição a Deus de lhe tocar. Para elle palacios, cortejos, serralhos, estofos, pedrarias, o sol e a illuminação dos astros. Para elle a inviolabilidade: *Não matarás*»

«Começaram então as cruzes a ficarem desertas, os cepos a encherem-se de musgo, as forcas a apodrecerem nos caminhos. Nós os milhafres e os nossos camaradas, os abutres para quem já não havia corpos nos despenha-deiros, ladrões arroxeados pela corda, afogados disformes, deixámos os grandes montes, e os rios, as vastas tradições do sangue, e viemos, para viver, acceitar, com os capões, a domesticidade nos parques resplandecentes, ou andamo-nos mostrando aos imbecis, pelas feiras, n'uma gaiola! E as aves da noite, depois de terem visto a natureza immensa, as afflicções do vento, as nupcias do mar, de terem luctado nas tempestades e insultado as estrellas, vêm modestamente comer bichinhos no saguão dos burguezes! Eu que tinha estado entre a força, quiz ao menos ficar entre a graça, e depois de ter vivido na noite de Deus, quiz ao menos morrer na madrugada de Jesus! E entretanto a alma morre esmagada e solitaria e a grande vida moderna, a vida do sol, da musica, dos metaes, vae, entre fulgurações, pisando e cuspiendo n'aquella coisa miseravel. E ainda está quasi quente o sangue de Jesus!...

«Homem, que fizeste tu do pensamento?

«Anda expulso, perseguido e sublime como um Deus antigo. Cravaste-lhe no seio as sete dôres. Coube-lhe a dôr e o escarneo. E' necessario que nas cidades, os pensadores e os artistas extaticos, sofram e sangrem; os triumphos dos homens da materia são como os dos antigos imperadores, só são completos quando passam entre torturas. E quem havia de soluçar sobre a scena moderna da paixão, senão os que têm alma?»

«Amam, suffocam, caem, agonisam, e entretanto vae passando a cohorte dos victoriosos e dos rabujentos, e as suas bolsas riem-se d'aquelles corações, como os botões d'ouro das suas camisas apupam a luz dos astros.»

«E os que quizerem viver e tiverem a alma grande, bella, e heroica, tem de se baixar á estatura burgueza e mercantil dos cerebros modernos.»

O milhafre dava gritos joviaes como risadas.

«Os deuses olympicos, se não se deixassem ajuizadamente finir nas florestas da Gallia, teriam de se empregar nas secretarias. O antigo pavão de Juno viveria n'um pomar dos arrabaldes. Homero seria localista. Os cavalleiros andantes roubariam lenços nos ajuntamentos, e o tragico S. Jeronymo seria presidente de uma junta de parochia. D'este modo tu accetas a arte, o pensamento, a alma: «não, arte, não te vás; a vida moderna dar-te-ha uma libré resplandecente. Vem, musica, tu que creaste a Allemanha, far-me-has uma contradança! vem, architectura, tu que déste hospitalidade a Deus, far-me-has uma estufa! vem, esculptura, tu que fizeste o povo dos deuses, oh! bella esculptura, vem fazer-me um gavetão. Oh! tristes domesticidades do ideal!»

Houve um silencio. Havia na sala um ar mystico como para a concepção de um Deus.

O milhafre esvoaçava. Ouvia-se o chorar de uma flauta. E o olhar do Christo errava contemplativo e attento, entre as estrellas innumeraveis, emquanto na escuridão, aos seus pés, os ratos lhe roiam a cruz.

«Vae-te, disse o milhafre. Os ratos roem a cruz, eu estou velho: a antiga geração das aves da noite vae-se. Os pregos já se despregam, a cruz apodrece. E quando ella se desfizer atirarei o pó á grande natureza, ao elevar-se da lua que vale o elevar-se da hostia. Irei oh! meu Deus, para alem dos sóes e dos caminhos lacteos, onde as constellações são gottas de sombra; certo, eu que sou da vasta terra, o selvagem dos prados, a respiração dos antros, eu que sou a palpação dos montes, certo, que se os homens não derem a cruz aos Christos não lh'as dará tambem a natureza. E eu, que roí as ossadas verdes, tendo visto sempre Este, que fez o nem, que amou, que perdoou, pregado n'uma cruz, irei tambem entre os sóes meios doidos, eu, que devastai e matei e escorri de sangue, crucificar-me n'um astro.»

Assim fallou, tontamente, aquelle milhafre philosophico e letrado, emquanto as violas gemiam e os pobres tremiam de frio; assim fallava de cima d'uma cruz, n'uma sala legendaria, longe da maravilha dos baius burguezes, n'es'es tempos livres, sensatos, verdadeiros, magnificos em que, como se não podem pôr certas verdades na bocca dos homens, tem de se pendurar do bico dos milhafres.

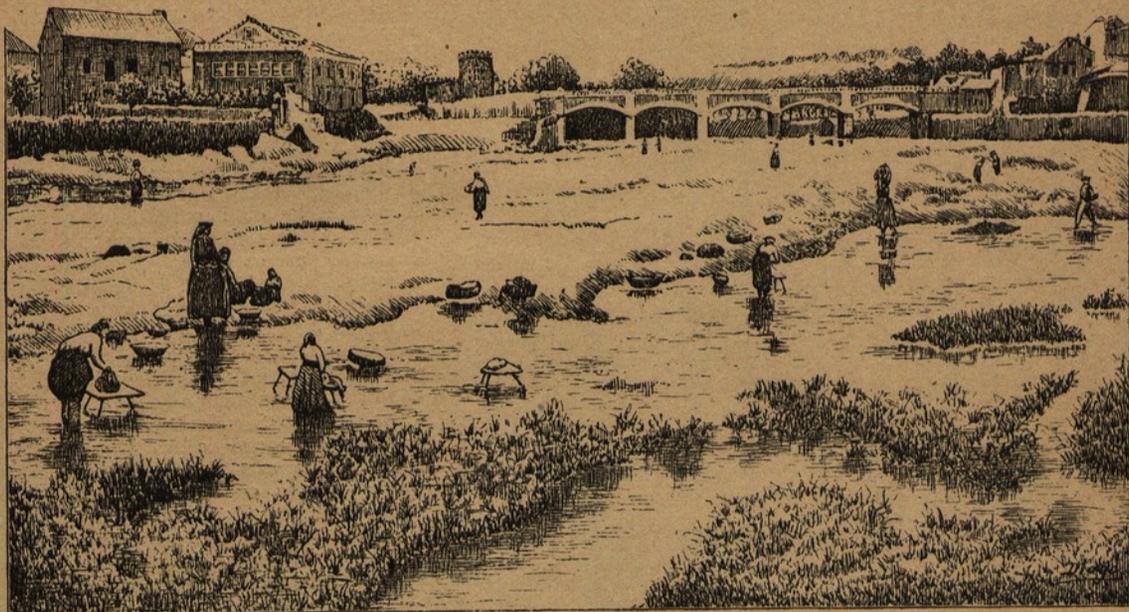


VIAGENS NO PAIZ

(VIII)

A VILLA DE AGUEDA

Por todo esse Portugal além — paiz de novenas e romarias — ha bocados de aldeias, de serras, de campos verdes, que são o vivo encanto das almas namoradas! Quando o Sol e o Luar passam por este cantinho do mundo, o rodar dos seus carros levanta pela estrada-real do Ceu nuvens de oiro e prata, que veem desfazer-se nos ramos das arvores, no pincaro dos oiteiros, no beiral dos moinhos... E, assim, doirado a Sol e prateado a



AGUEDA — LAVADEIRAS NO AREIAL DA PONTE

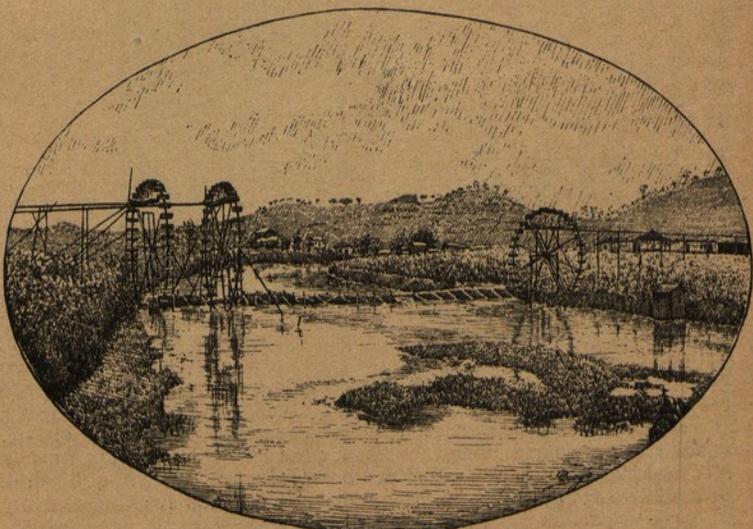
Luar, este lindo pedaço da Terra assume o aspecto romantico d'um paiz de lenda, sonhado nos sonhos de alguma Princesa que uma tarde adormecesse ao colo d'um pastor...

Dos altos montes agrestes aos areas da beira-mar, derrama-se uma luminosa paizagem, cheia de frescura, a qual as aves e os rios vão beijando de retalho a retalho...

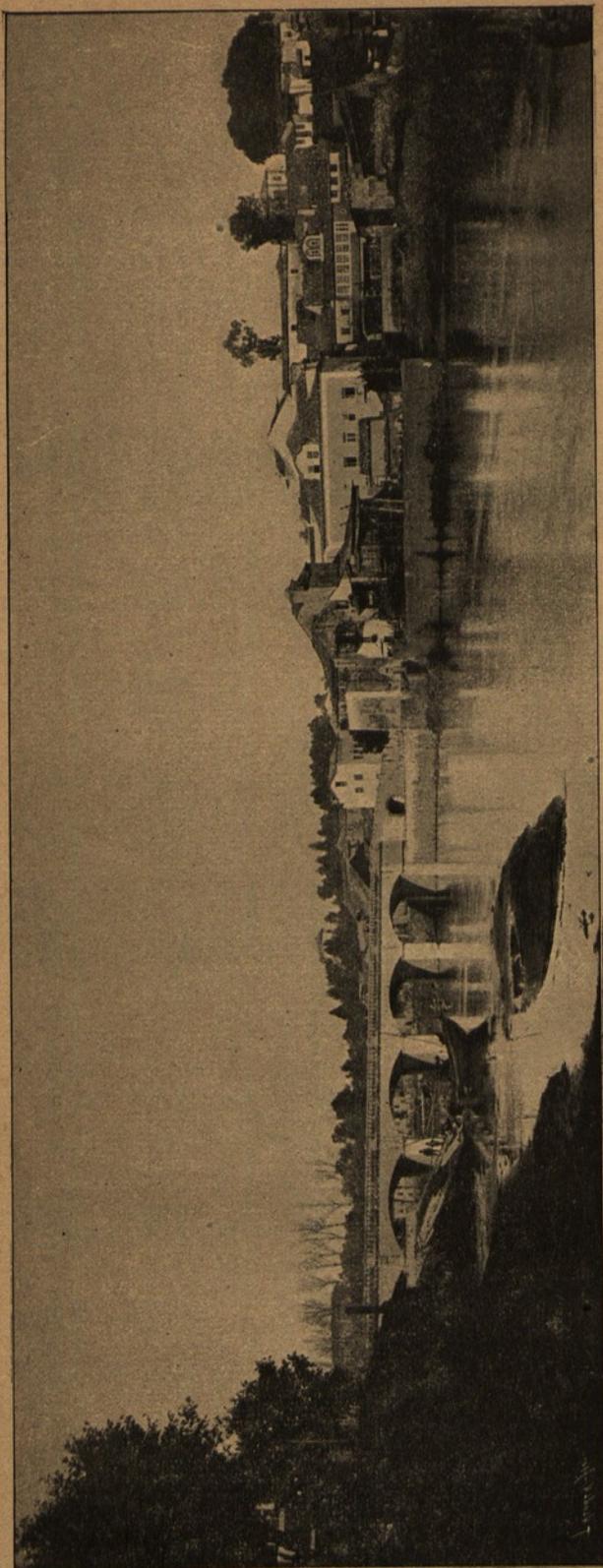
Outrora o Portugal-pastor, quando se quiz fortificar contra os invazores das suas terras, veio pouco a pouco descendo das altas cordilheiras, onde pastoreava os seus rebanhos biblicos, e, erguendo o seu castello de cinco-quinhas, á roda d'elle teceu choupanas, levantou alpendres, arroteou poizios, e eil-o installado na sua aldeia pittoresca. A' beira dos rios, nos plainos ou no môro dos oiteiros, foi elle desfiando um roزاری de villas nobres e privilegiados coitos, com os seus barões, os seus condes e guerreiros, os seus fofraes de nobreza. Rara é a villa e cidade de Portugal que se não ufanem do seu escudo de armas e do seu pergaminho de honra.

Como todas as terras portuguezas, Agueda vae buscar as origens da sua fundação aos papeis velhos da Historia. E mais d'um rebuscador paciente, folheando poentas chronicas, nos falla de Dom Sancho e de meia duzia de Affonsos, dos antigos, como sendo estes graduados senhores quem deu a Agueda o seu nome de villa.

Não iremos até ahi rebuscar-lhe a origem. O trabalho está feito e debatido. Ou ella seja a velha *Eminium* da tradição, ou muito simplesmente o casal da Ti'Agueda, que alli se installou e deu agazalho aos passageiros, durante muitos annos, nós apenas fallaremos por agora dos seus pittorescos aspectos, dos seus costumes, dos seus typos.



NORAS NO RIO AGUEDA



AGUEDA — PONTE (lado nascente)

*

* *

Arrimada á encosta occidental do Caramulo, d'onde o seu rio deriva, murmurozo e claro, Agueda tem o doce aspecto de uma villa tranquilla, adormecida n'um colção de verduras.

Terra de lavradores e marinheiros, o seu viver tem um certo sabor antigo — relhas de arado a luzirem nas lavoiras, velas de barco a voarem rio-acima. Os campos, far'os de milharaes, estendem-se leguas, por ahí além. E, destacando da verdura dos milhos, afloram graciosas aldeias, com os seus telhãos velhos, o seu melancolico campanario, e pombas, ao alto, a voarem. Elle é Recardães, em frente, o velho solar d'um grande senhor das terras, a quem a tradição ainda agora chama Ricardo Vães — hoje velhinha de todo, a dezabar a cada hora. . . Mais abaixo, Espinhel, a formosa aldeia, á beira do rio, quasi á flor d'elle. . . E a Borralha, Assequins, Ameal, o Cazainho, o Casal de Alvaro, e, logo alli ao pé da villa, o Sardão — esse primitivo Sardão, ponto forçado de descanso para os antigos passantes e caminheiros. . . Ainda hoje lá se guardam e se contam, de bocca a bocca, historietas de estudantes de Coimbra, que por alli passavam nas suas alegres cavalgadas, quando iam ou vinham de ferias. . . O visconde de Benalcánfôr falla-nos algures d'uma certa hospedaria que no Sardão havia por esse tempo, e onde, em torno da grande lareira da cozinha, os rapazes de Coimbra abancavam noites inteiras, contando peripecias de jornadas, troças academicas. E' claro que vinha logo Mourisca á conversa — essa Mourisca de gente rude e simples, a siem os estudantes, perguntavam zombeteiramente, ao passar-lhe á porta, pelo destino dos *ossos de Pilatos*. . . E, assim, o *Palito Metrico* perpetuou essa chalaça nos seus curiosos versos: *Si per Mouriscam transiris, non poscas ossa Pilati!*

*

* *

No fundo d'um valle, Agueda, com as suas cazinhas escrupulozamente caiadas, a sua ponte nova, o seu rio claro, os seus areaes, faz lembrar uma aza de gaivota que do alto se despega e viesse colar-se á terra.

A vida do campo, por alli, é sempre embalada em alegres cantorias — a lavoira, o sacho, a rega, o corte dos milhos, a escape-lada, a malha. . . Trabalha-se a cantar! Em resposta, no rio, os barqueiros não sabem bem o que é lavar um barco, pontear uma rede, enrolar a vela, sem que uma cantiga lhe amenize a tarefa. Por sua vez, emfim, as lavadeiras do areial, ao compasso da roupa a bater nas tripeças, vão cantando com elles, vão cantando sempre! . . .

Faz lembrar uma Coimbra pequenina, com as suas cantigas no rio! Choupaes salgueiraes, cheros de agua, a mesma melancolia de paizagem, os mesmos poentes doirados!

Ha apenas duas coizas que faltam em Agueda, para lhe darem absolutamente o aspecto doce d'uma villa religiosa e namorada, como são tantas outras d'este lindo Portugal. Faltam-lhe as ruinas d'um castello e d'um convento, as suas redes de verdes heras, o seu recorte de cantaria grossa, que alguma coiza nos evoquem da poezia dos velhos campanarios e das aprumadas torres de menagem. . .

E assim, em vez de historias de guerras e lendas de freiras, enterradas vivas, Agueda só guarda vagos romances de Moiras e Princezas que a phantazia dos nossos avós derramou á farta por todos os recantos de Portugal.

Por isso ella é, simplesmente, quanto a mim, o modesto cazalinho da Ti'Agueda, a velha hospedeira do Cais da Ponte, onde os passageiros pernoitavam. E os senhores calculam as historias e os contos da Fadas e Cavalleiros que, á roda do lar d'uma Ti'Agueda, de oitenta annos, não se tecerão durante toda uma noite de janeiro. . .

*
* *
* * *

Meia duzia de leguas em redor, Agueda é conhecida pelos seus *judeus*. Vem-lhe esta alcunha pittoresca das suas tradicionaes festas dos Passos — de quando o Cabaço velho, o Crespo alfaiate, o Carapucinha, o João Buço, rigorosamente vestidos com couraças de papelão pintado, assassinas lanças empunhadas, capacetes empanachados de crina, atravessavam toda essa villa, de caras patibulares, a fazer cortejo ao andor dos Passos, quando Christo vai caminho do Calvario.

As semanas santas de Agueda são um manancial de peripecias curiosas. Mas, entre todas, avulta aquella extravagante passagem de quando a confraria do Senhor-Jesus, para honrar a estada da Senhora Dona Maria II em Agueda, lhe offereceu uma Semana Santa em agosto!

O costume picaresco dos judeus desapareceu de todo. A tradiçãõ, porém, ficou, e atravessará mil annos, como um rabo leva de entrudo nas costas de todo o aguedense...

*
* *
* * *

Terra de romarias, alegre, de viola ao peito, todas as vezes que a enxada lhe não carrega ao hombro, Agueda



AGUEDA — SOUTO D'EL-REI

passa uma grande parte do anno em festas constantes : entremezês, desafios de philarmonicas, fogo preso. N'este particular, como diz o outro, ella é um echo do Minho...

E já que, incidentemente, fallei das romarias de Agueda, não passarei adiante sem vos mostrar o altar-mór das suas festas — o Soito do Rio... E' um recanto abençoado ; os seus carvalhos seculares dão lhe uma religiosa sombra, e o rio, ao pé, beija-lhe a verde franja da sua alcatifa de relvas, murmurando deliciado...

Não sei em todo o paiz de bocado de terra que com vantagem se compare ao Soito do Rio, de Agueda — tal é a poesia doce do seu silencio, a melancolia suggestiva da lenda dos Moiros, a frescura das suas arvores tranquillias!

E vejam lá : pode bem dizer-se que não ha alli artificio de homem em todo aquelle Soito. As arvores cresceram á lei da natureza, a relva macia estende-se em tapete, os giستاes doiram-se e perfumam-se cada primavera, sem que mais nada seja preciso para tornar o Soito um lindo arrabalde bucolico, a convidar quem passa...

Ao arraial do Soito, onde apparecem as primeiras cerejas da novidade, seguem se os arraiaes de Santo Antonio de Serem com o seu convento e o seu arremedo do Bussaco, o San João de toda a parte, com fogueiras, repuxos, alcachofras, banhos da meia noite, e, mais tarde, a Senhora das Dores em Recardães, as Febres, e todo um rosario de pittorescas romarias — tanger de violas, cantigas ao despique, botequins, rosmaninhos... E, a meio de todas as danças e descantes festivos, sobresahindo em todas essas alegrias, andam olhos de tricanas, vivos, ardentes, d'uma profundidade de noite cheia de mysterio...

Namorados aos pares — o Manuel do Cazainho e a Berta do Ameal, mais adiante a Mariquitas do Crasto e o João da Corga, e sempre, sempre, a cada passada que a gente dê no meio do arraial, cem Marias e cem Manueis nos apparecem de par em par, sorrindo, cantando, namorando !

*

* *

Ahi tendes essa Agueda linda, que, de cá de longe, entrevejo, a este quente meio-dia de agosto, sonhadora e romantica, á beira da agua, em cujos areiaes a roupa das lavadeiras faz tapete de neve e prata...



AGUEDA — PONTE DO ALFUSQUEIRO

Ahi tendes esse bocadinho de mundo, a cantar e a sonhar como uma fresca rapariga sem cuidados, que vai, ás tardes de amor, encostar se na verdura d'um oiteiro, á espera do Luar e das estrellas.

Sonhai-a pelos aspectos que d'ella vos dei ; amai-a como eu a amo. Por ser pobre de galas, que o vosso coração reparta com ella um pouco da sua bondade e das suas caricias...

ADOLPHO PORTELLA.

Nos Olhos d'Elle

(A Alfredo Braga)

Quando esse olhar ingenuo, eu fito, quando
A vista embebo n'esse olhar mavioso,
Parece que vejo um delicioso
Quadro a meus olhos se desenrolando...

E' n'uma terra em flôr onde, abanando
Ás virações o leque buliçoso,
Viça a palmeira sob um céu radioso,
De agreste aroma os ares perfumando.

Vejo um bosque onde a luz da madrugada
Filtra em fios rarissimos coada
Entre folhas e flôres do arvoredado ;

E sobre um tronco, e descuidados, vejo
Paulo e Virginia desfolhando um beijo
— Ambos amando, e a sós, e ambos sem medo...

Rachel

(A Filinto d'Almeida)

Volvo, saudoso e alegre, a este ermo, de onde
Sahi creança e onde não mais volvera :
A ultima flôr da minha primavera
Morta, sob estas arvores se esconde.

E ainda hoje, tudo que com os olhos sonde,
Arvores, sombra, os muros cheios de hera,
Tudo — lembranças na minha alma gera,
Tudo — a reminiscencias me responde.

Tudo acho o mesmo... Unicamente aquella
Palmeira em cujo dorso o nome d'ella
Tremulamente as minhas mãos gravaram,

Perdeu as letras com o correr dos annos...
E esse nome que os annos lhe apagaram,
Não m'o apagaram da alma os desenganos !

VICENTE DE CARVALHO (Brazileiro).

O NOVO SYSTEMA DE CURAR

DE

L. KUHNE

EXPOSIÇÃO, APRECIÇÃO E GUIA PRÁTICO

POR

J. A. BENTES

1 Volume 400 réis. Pelo correio 420 réis

Livraria do Editor

ANTONIO MARIA PEREIRA

50, 52 — *Rua Augusta* — 52, 54

LISBOA

COISAS UTEIS

O QUE SE DEVE JANTAR

(Vidé n.º 2 e seguintes do nosso Jornal)

SEGUNDA FEIRA. — Sopa de purée de nabos. Fataça á moda bretã. Frango em fricassé com cogumellos. Rosbiffe com croquettes de batatas. Couve recheiada. Doce — Omelette de Rhum.

TERÇA-FEIRA. — Sopa de massa fina. Linguado frito á Colbert. Carne cosida com molho de tomate. Frango assado com salada. Beringellas recheiadas. Doce — Puding de pão á ingleza.

QUARTA-FEIRA — Sopa de purée de abobora. Pastelinhos folhados de carne. Caldeirada de diferentes peixes. Perna de carneiro com batatinhas fritas. Pepinos á Béchamel. Doce — Maçãs á portugueza.

QUINTA-FEIRA. — Sopa de tapioca. Savel cosido e frio, com molho *remoulade*. Frituras de miolos com guarnição de arroz de substancia. Rosbiffe de vitella assada com macarroni em leite. Tomates recheiados. Doce — Rissoles de marmellada de alperches.

SEXTA-FEIRA. — Sopa de purée de lentilhas e azedas.

Frituras de eirós com molho mayonnaise. Lagosta á bordeleza. Pargo assado com purée de batata. Couves-flores tostadas no forno. Doce — Sonhos.

SABBADO. — Purée de grão em caldo de carne. Pastelinhos de peixe. Coelho bravo á caçadora. Perú assado com agriões. Feijões verdes com manteiga. Doce — Creme de limão.

DOMINGO. — Sopa de carne com almondegas. Salmonetes grelhados com molho de manteiga e limão. Lingua de vacca estufada com guarnição jardineira. Codornizes assadas com agriões. Ervilhas á franceza. Doce — Gelado de pecego com biscoutos.

Daremos na proxima semana a receita das *maçãs á portugueza*.

MANUAL DE GYMNASICA

POR

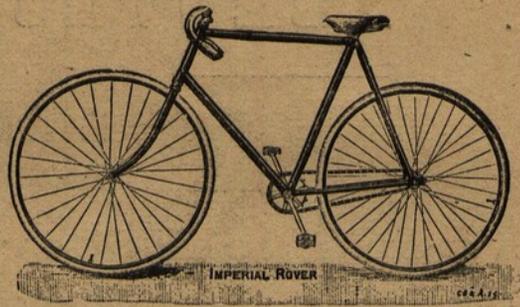
D. MIGUEL DE ALARCÃO

1 Volume com 140 gravuras, br. 800 rs.
Enc. 1\$000 rs.

ROVER CYCLES

OU BOM
OU NADA

11 Primeiros
premios.
6 Segundos
premios



1 Diploma de meda-
lha de ouro.
1 Diploma de meda-
lha de prata.

Na Rover não ha uma unica peça que não seja de superior qualidade.

ESPECIFICAÇÃO

- | | |
|---|--|
| SELLA — brooks N.º B 10. | GARPHO — do melhor tubo Weldless (sem soldadura). |
| QUADRO — (55, 60 e 65 centm.) é do melhor tubo Weldless (sem soldadura). | ALVADO — 12 centm. completamente impermeavel. |
| PEDALEIRO — 12 centm. de largura. | ROLAMENTOS — todas as caixas e rolamentos são feitos do aço DIAMANT, e temperados por um processo particular. |
| RODA DENTADA — desmontavel. | NICKELADOS — sobre cobre. |
| GUIADOR — reduzido. | ACABAMENTO — esmalte extra-brilhante e adherente. |
| PUNHOS — E. H. | MANIVELLAS — quadradas. |
| AROS DAS RODAS — occos Westwood. | PEDAES — Rover, impermeaveis. |
| RAIOS — tangentes, reforçados nas duas extremidades. | CORRENTE — Renold. |
| PNEUMATICOS — da The Dunlop Pneumatic Tyre C.ª Ltd. | |

Com material tão escolhido junto a um acabamento esmerado, obtem o cyclista amador ou profissional uma machina de primeira ordem, tanto para a estrada como para a pista.

DEPOSITO DAS "ROVERS",
CASA FAVORITA
50 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 52
AVENIDA DA LIBERDADE — LISBOA

BRANCO E NEGRO



JESUS E A MULHER ADULTERA, escultura de R. Bernardelli

PREÇO 40 RÉIS

N.º 26

REPRODUÇÕES

DE
 Planos,
 Cartas geographicas,
 Laminas e
 Pergaminhos antigos.
 Desenhos á penna,
 á lapis
 e a carvão.
 Quadros a oleo,
 aguarella, etc.
 Illustrações de toda
 a classe de obras,
 periodicos, etc.

Photogravura
 em todos
 os generos

Photogravura Universal

PERFEIÇÃO,
 RAPIDEZ,
 ECONOMIA

Castelo
 Branco
 &
 Alabem

Lisboa

R. da Bombarda, 48. 1.^o
 N.º Telephonico 313

PHOTOGRAPHIAS

DE
 Estabelecimentos
 e gravuras
 para toda a classe
 de
 annuncios.
 Trabalhos em
 phototypia, autotypia
 photozincographia,
 e
 zincographia.
 Perfeição, rapidez
 e economia.

Secção especial de cromotypographia, "phototypia" e cromotypia para edições de "grande"luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do que se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc. São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante. Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem acrescimo de preço; nas ampliações é que na tabella respectiva soffre determinado augmento. Encarrega se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todos os generos; assim como de quaesquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproduções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-se de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distinctos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc. Executam-se quaesquer trabalhos de zincographia em 5 horas. Representantes: — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º; em Coimbra, Delphim Gomes, Rua Velha.



**PIANOS
 HARMONIUMS
 CORDAS
 REBECAS
 BANDOLINS, ETC.**

**ACCESSORIOS
 PARA TODOS OS
 INSTRUMENTOS**

MUSICA

LAMBERTINI

43, P. DOS RESTAURADORES, 49
LISBOA

CASA LAMBERTINI

ARTIGOS NOVOS

SURDINA para violino, com molla.....	Réis	\$200
RESINA BONN (aceio, economia e qualida- de superior)	"	\$240
RETININA para impedir que as cravelhas es- correguem.....	"	\$200
CAVALLETES de 4 pés, para violino e vio- loncello	"	e 1\$500
TECIDO IMPERMEAVEL , para conser- var as cordas, 15 cent.2.....	"	\$050
PREPARADO «REDIVIVUS» para lavar os arcos e instrumentos, cada frasco	"	e \$200
OLEO «PREMIER» para lustrar instrumen- tos de corda e para as chaves dos instru- mentos de madeira, cada frasco.....	"	e \$300

Estes artigos só se encontram n'esta casa

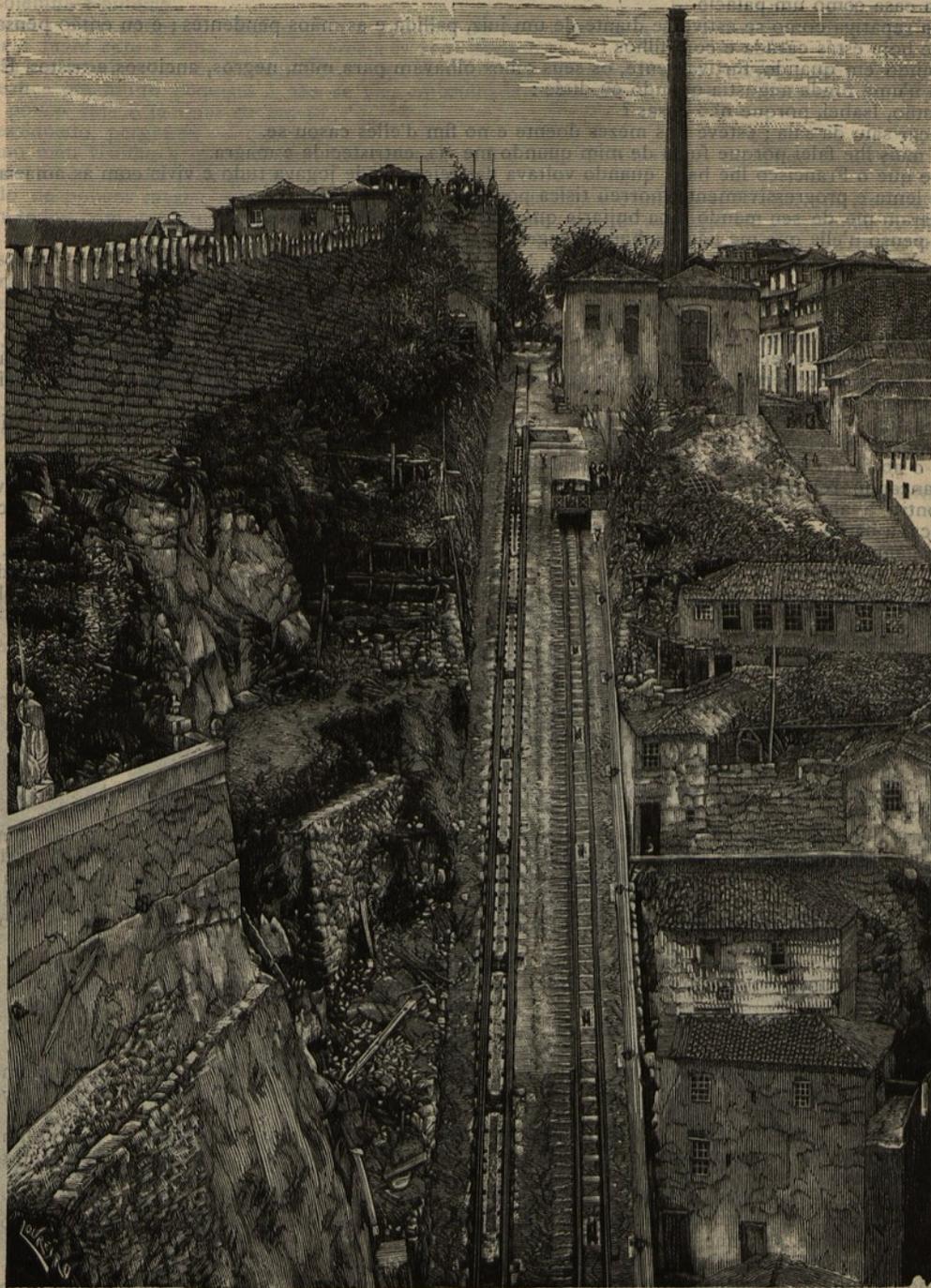
BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 26

LISBOA, 27 DE SETEMBRO DE 1896

1.º ANNO



PORTO — ELEVADOR DOS GUINDAES

LIVRO DE HORAS

(A Ricardo Malheiros)

I

A rapariga mais bonita da nossa aldeia chamava-se Isabel. Nunca penso n'ella que me não venham as lagrimas aos olhos.

Eis porque :

Conhecido desde creanças, brincámos a infancia juntos. Crescemos depois, dedicando-lhe eu muita amizade. Ella tinha por mim um sentimento meigo.

Era filha do nosso caseiro, o tio Antonio Marmota, homem videiro e bem pensante e que tinha alguma coisa de seu. Ao fazer dezoito annos, o pai pensou em casal-a. Pretendia-a um filho de lavrador abastado, estoura-vergas de feira e perdido de amores por ella. Mas ella obstinadamente recusava. E um dia o pai, diante de mim, diz-lhe :

— Porque não queres o Francisco ? cachopa.

E para mim :

— Acho que quer ser freira, a rapariga.

E começou então a pôr para ali todas as qualidades do moço : em morrendo o pai, *bôs* campos, dinheiro em papeis, uma casa como um palacio . . .

Ouvia a rapariga como se estivesse diante de um juiz, pallida e as mãos pendentes ; e eu então pensava em ti, mulher, que hoje estás casada e com filhos !

De quando em quando, furtivamente, os seus olhos olhavam para mim, negros, anciosos e tristes. E toda ella estremeceu n'uma funda angustia quando eu disse :

— E então, Isabel, porque não casas ?

A soluçar saiu da sala ; esteve uns mezes doente e no fim d'elles casou-se.

Nunca mais lhe falei porque fugia de mim quando me via, entristecida e magra.

Dizia-se que o Francisco lhe batia quando voltava das feiras, onde jogava tudo e vivia com as amazias. E consumindo-se lenta e progressivamente morreu tísica por fim.

Entregaram-me de seu mando uma bujiaria que eu lhe dera e uma flor secca.

Nunca penso n'ella que me não venham as lagrimas aos olhos.

II

Oh ! o bello apostolo que encontrei ha pouco na rua ! Baixito, curvado, com um chapéu de romeiro na mão e um cajoado, uma santa cabeça calva, a barba branca, aos hombros uma larga tunica de saragoça, amarellada e rota. Com a cabeça descoberta, a mão estendida, pedia á porta de uma carvoaria, talvez em hebraico, cheio de piedade, humilimo e misericordioso.

Um apostolo cristão como a legenda nol'os pinta, descalço, coberto do pó das longas estradas, pedindo a esmola pelas portas e deixando por toda a parte a benção do Senhor,

Vendo-o ao fundo da rua, perguntei-me qual dos apostolos seria. S. Paulo ? não. Esse devia ser um velho espadado, lançando relampagos de genio pelos olhos, tonante de voz e exigindo a esmola depois de trovejar uma epistola contra a alma resequida de caridade dos gentios. S. Pedro tambem não : é por demais conhecida a sua calva classica, a barba muito cuidada e as duas chaves na mão.

Naturalmente, disse commigo, este humilde apostolo, tão pobre e tão cheio de santidade e velhice. deve ser um d'aquelles companheiros de Jesus, que tiveram muita fé e o amaram muito, e apagados no fundo do grande drama se recolheram obscuramente ao sepulcro, cansados de andarem a sacudir o pó das sandalias pelas portas dos fariseus.

Dei-lhe dez réis.

III

Parámos diante da clara paizagem.

Depois de um momento de silencio, o meu amigo allemão de Hamburgo disse-me :

— Viver aqui era viver *in paradiso*.

— No paraiso, emendei eu.

E pouco depois.

— Sim, no paraiso . . . uma bella e doce mulher e uma janella aberta sobre esta paizagem ! . . .

Ficámos a pensar.

Na alegria luminosa do dia estendia-se diante de nós um simples espaço plano, sem arvores e sem cultura, esmaltado de floritas amarellas e papoilas. Muito ao fundo era um bosque denso, misterioso e cheio de sombra appetecivel. Uma casita branca com as janellas abertas ficava na orla e ao lado ia uma estrada solitaria que logo adiante se embrenhava através das arvores. Junto de nós, á beira d'um campo de centeio, uma oliveira sósinha tinha no alto um tentilhão que cantava. Por cima do arvoredado chegava-nos muito vivo o ar fino e reconfortante do mar que se descobria lá ao longe.

E o meu amigo de Hamburgo, de olhos azues de scismador, a repetir :

— *In paraiso* . . . uma mulher bonita e amante . . . uma janella aberta sobre esta paizagem . . .

IV

Hoje de manhã veio-me á mão um pequeno livro de orações. Na ultima folha tinha escripto a tinta por letra de mulher : em 3 de novembro de 1858 falleceu o Francisco. Minha mãe morreu em 10 de janeiro de 1871. O meu Joaquim morreu em 4 de abril de 1876.

Este livro era de uma velhina companheira da minha infancia. Quando eu tiver tempo, lá para o fim da minha vida, hei de escrever o romance d'esta dóce creatura. E' só o trabalho de o escrever, porque o tenho todo composto no meu coração.

Será orvalhado de lagrimas, de principio a fim. Quanto mais caminho na solidão da vida, mais esta figura de mulher infeliz, sósinha e resignada se poetisa no meu espirito, mais a amo, mais sinto quanto o nosso coração, d'uma epoca para diante, se alimenta das almas mortas.

Perguntei quem era este Francisco de que falava o livro de orações.

Era o noivo, morto repentinamente quando, depois de muitos annos de esperanças, tudo estava prompto para o casamento. Devia ter ella então trinta e oito annos.

Vede vós, no meu romance não havia este episodio.

V

Sentia-me então apaixonado por um fino rosto moreno de mulher, entrevisto n'um templo emquanto o incenso subia vaporoso no ar, e o órgão gemia religiosamente.

Elle ouvia sorrindo e por fim chamou-me sentimental.

A verdade é que o meu conto de amor o emocionara.

Tinha quarenta e oito annos, um farto bigode negro caído aos cantos, rugas e uma face cheia de intelligencia de bondade e de romancismo. Era solteiro, e se não tinha amado uma mulher porque a não encontrara, tinha amado muito as mulheres.

Diante de nós ia um longo jardim florido, em maio. A luz fina do sol quasi morto do fim d'uma tarde illuminava os ultimos ramos das arvores, rebentados de fresco, e da varanda onde estavamos sentados ouvia-se uma cantilena de agua escondida entre o ramalhoso das tilias e lilazes. Por cima das nossas cabeças, recolhido na saliencia d'uma janella, um ninho de andorinhas.

— A paixão, dizia-me elle, é na verdade, a flôr mais bella que nasce no profundo de nossa alma, mas ai! se a colhemos e aspiramos, perturba-nos, entontece e mata. Lenho divino na haste, na mão miseravel carne. A mulher...

E não disse mais nada, porque n'este momento chegava, beijando-se, o par feliz das andorinhas que viviam debaixo da saliencia da sua janella.

VI

Dôr solemne e publica.

Elle vinha pela minha rua abaixo com a pequena ao collo. Dir-se-ia um ebrio que entrou em casa, bateu na mulher e fugiu com o filho, tal elle parecia ir sem destino.

Intensa barba negra, hombros athleticos, sujo, e os olhos, por debaixo das grandes sobranceiras, cheios de agonia.

A creança era muito pequena e não se via, embrulhada em andrajos, apenas pendente uma mãosita, chupada, um pouco suja e já tinta de morte.

Impressionado, perguntei: — que era?

Era um meu visinho a quem tinham ido prevenir que a filha se morria, e, escapado da officina, viera, correndo como louco, acudir á desgraça.

Casado de poucos mezes, a mulher dera aquella filha, entisicara e morrera. E elle, um Hercules capaz de abater um touro com um murro, viu-se sósinho no mundo com aquelle ninguem de existencia. A pequena era doente e sem seio de mãe cada vez mais se enfesinhava. No emtanto quando a creança sorria na forja cantava-se. Mas hoje, á pressa foi chamado, porque a pequena fechara os olhos e não mexia. Toma-a nos braços e volta agora do doutor que brutalmente lhe diz que a creança está a morrer de fome.

Mas ella não quer o peito e sobre a cama não dá accordo, emquanto que elle com as grandes mãos continuamente a apalpa e não quer crer que ella está fria.

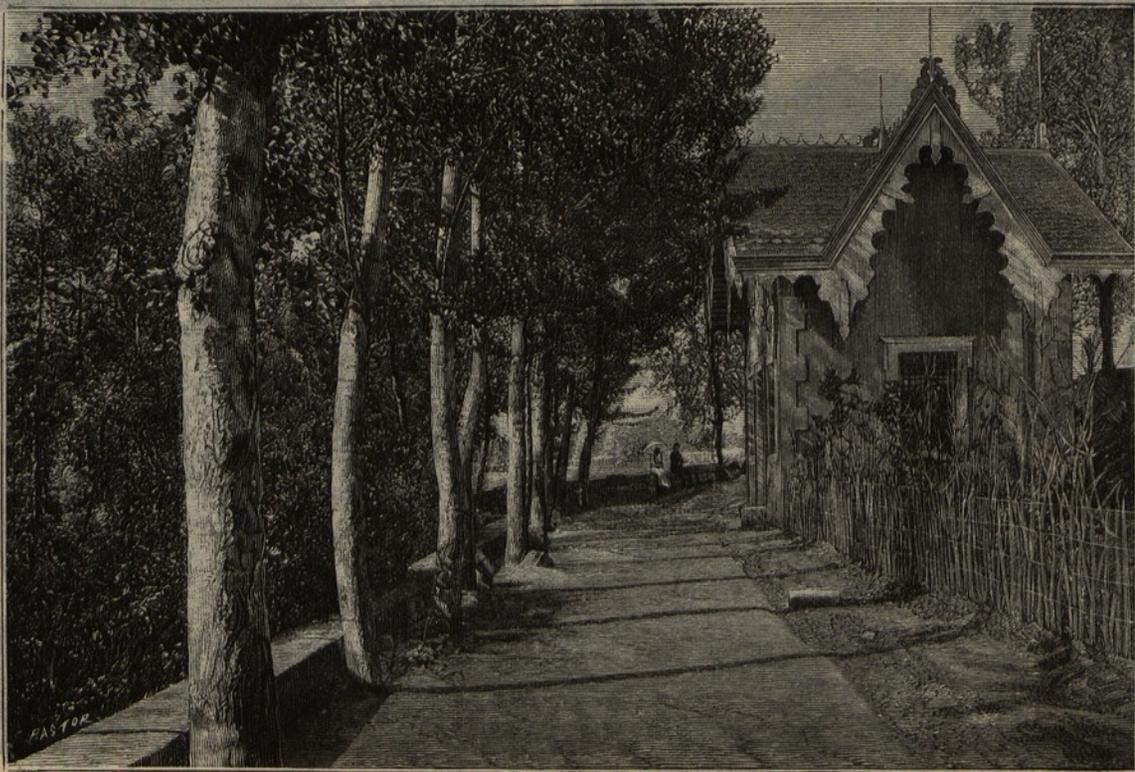
Os visinhos estão alli.

Elle continuamente a apalpa: — Morta! berra por fim, encarando-nos como se fossemos nós que lh'a matassemos.

E o colosso tomba no chão como morto.

E rir se iam se uma alma qualquer de poeta dissesse que viu o anjito todo neve e oiro, com as lagrimas nos olhos, vir voejando beijar esta pobre face de pae, caído para ali, sujo e abandonado.

GUILHERME GAMA.



PEDRAS SALGADAS — Fonte de D. Fernando, segundo photographia de Carlos Relvas



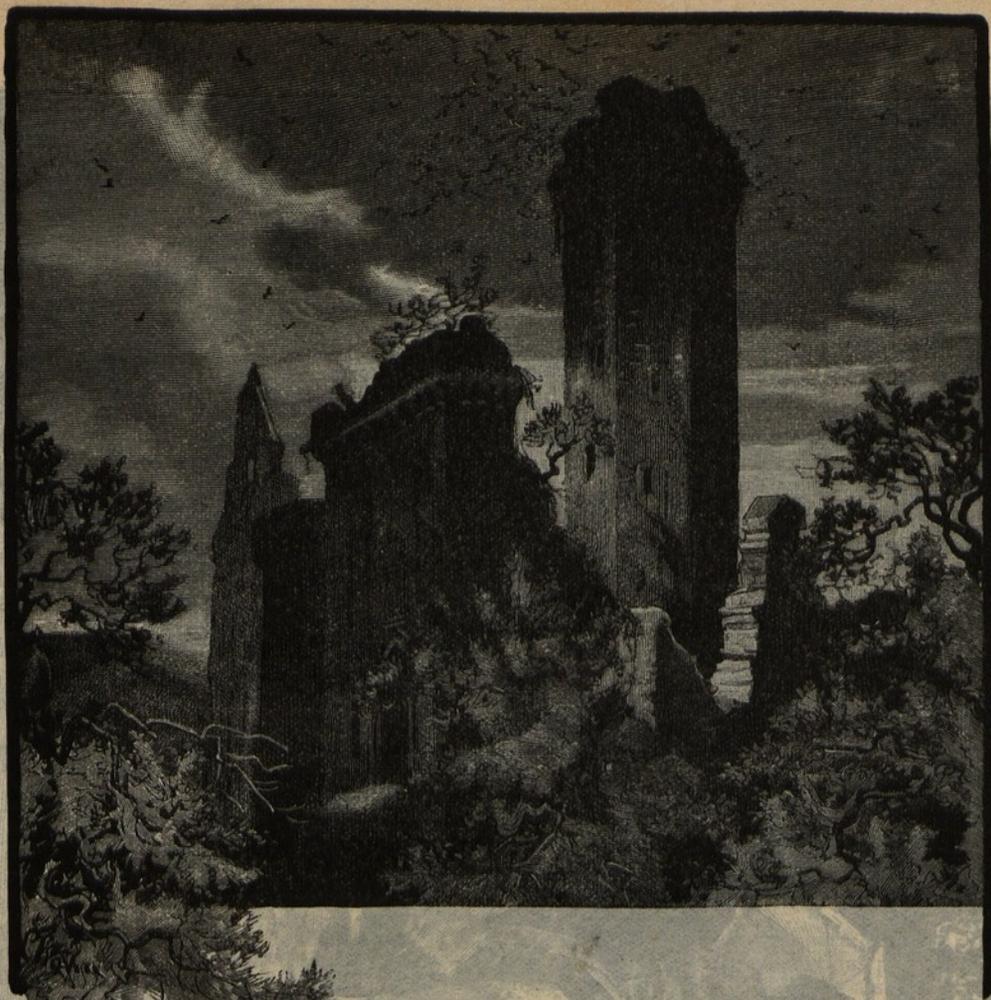
VILLA NOVA DE CONSTANÇA



COSTUMES DA ILHA DA MADEIRA — Os borracheiros

(Vide artigo no numero immediato)

KEPAL



BALADILHAS

Roseiral das rosas de oiro
Quem te alimenta a raiz ?
— São uns certos olhos de oiro,
 Certos olhos,
 Certos olhos,
 Que, ao chorarem,
São bicas de chafariz...

Roseiral, folhas de seda,
Quem te colhe a flor doirada ?
— São certos dedos de seda
 Certos dedos,
 Certos dedos,
 Que, de lindos,
Devem ser de namorada...

Roseiral dos galhos loiros,
Quem te veste de setim ?
— São certos cabellos loiros,
 Uns cabellos,
 Uns cabellos,
 Que, á tardinha,
Vem pentear-se ao pé de mim...

Roseiral da copa de oiro,
Onde tens o teu altar ?
— No setim d'um colo de oiro,
 Certo colo,
 Certo colo,
 Que tem ondas
Como as ondas que ha no mar...

Roseiral, botões vermelhos,
Quem t'os beija a cada hora ?
— São certos labios vermelhos,
 Certos labios,
 Certos labios,
 Que, pelos beijos,
Devem ser de quem namora...

ADOLPHO PORTELLA.



UMA AZINHAGA — (Desenho de E. Casanova)

Brinde de Coelho Netto à Litteratura Portugueza

É infelizmente pouco conhecida entre nós a magnifica floração artistica do Brazil de hoje que possui não só uma ala magnifica de poetas, lyricos e parnasianos, como uma geração de brilhantes prosadores cheios de pittoresco e de magia.

O *Branco e Negro* que já publicou versos do mais extranho e alto genio poetico do Brazil actual, de Luiz Murat, o poeta superior das *On-das*, honra-se de inserir hoje nas suas columnas o magnifico brinde que á colonia portugueza no Brazil e á litteratura lusitana, levantou Coelho Netto, o grande escriptor d'alem mar, o poeta da prosa, o impressionista radioso de tantas paginas de singular encanto.

Alem d'estes excerptos e na intensão de tornar conhecidas entre nós as obras mais intensas da arte nova do Brazil, damos já n'este numero uma esplendida reprodução da notavel escultura de Bernardelli *Christo* e a *Mulher Adultera* e podemos prometter aos nossos leitores, para os proximos numeros não só a reprodução d'um dos mais bellos quadros do grande pintor Amoedo como tambem uma collaboração assidua dos mais notaveis prosadores e poetas d'alem-mar.

Alem d'isto publicará brevemente o nosso jornal um rapido mas profundo estudo sobre a arte nova do Brazil.

O brinde que tenho de fazer, em phrase sobria, deve referir-se aos dous élos fortes que ligam tradicionalmente Portugal e Brazil — o braço e o espirito, mas as minhas palavras estão para a grandeza do assumpto como gottas d'agua para a immensidão do oceano.

Não cabem na estreiteza d'um vallo as aguas assoberbadas d'um caudaloso rio que vem rolando beneficentemente, desde os nossos primeiros momentos historicos, pelo solo verde e fertil da Patria — rio humano que trouxe de roldão ás nossas praias selvagens : a Arvore do Calvario, que produz os fructos da Misericordia, a primeira Lei e o primeiro Altar.

Falar-vos do colono portuguez é, por assim dizer, recapitular a vida do Brazil — é vir do momento do desencanto, quando as galés surgiram, pilotadas pela Providencia, diante da grande Terra vestida de verde. enfeitada de sol, até á hora agoniada do aba dono dos solitarios que tiveram por menagem as embrenhadas florestas, os campos vastos, os montes hispidos, os rios largos, marés e céos ; é lembrar-vos as primeiras marchas dos sertanistas á conquista da Natureza, lutando com a féra. com o homem, com a selva, com a agua e com o Pavor, na solidão casta d'nm mundo virgem ; é falar vos das missões evangelicas, mostrando-vos, ao mesmo tempo, a caçeira da primeira aldeia e a torre da primeira ermida ; mas não tornemos a tão remoto Passado.

D'onde vimos nós com a alma dilatada, cantando fervorosos hymnos ? vimos da Escravidão, d'esse periodo de lucto que o proprio homem escolhido para o soffrimento o trazia na pelle, como se Deus o tivesse marcado, desde o Berço, para a dolorosa missão que lhe estava reservada.

A terra, emquanto a fecundavam os filhos do Nilo, era propicia e fertil, mas a Grande Luz, diffundindo-se, espalhou-se pelas senzalas seccando a Lagrima, que era o adubo, tornando o solo agreste como nos primeiros dias. A selva original, senhora absoluta do campo e do monte, já teria reconquistado o seu terreno se não sahisse a combatel-a, não mais o captivo, o homem-braço, mas o colono, o homem-ambição, o rustico que deixa o vinhal murcho, a cabana gelada da sua aldeia e, transferindo-se com a familia, vem á America viçosa, templo da Primavera celebrar no campo, á grande claridade do sol forte, a festa pacifica da Fertilidade, dando elle o canto da sua alegria dando a Terra as flores dos seus arbustos e os fructos das suas arvores.

A lucta, posto que facil pareça, n'esta região feracissima é a campanha contra a seiva que produzia os assombros nas Idades Primeiras.

O homem, se não se estafa no solo esteril, tem de oppôr comportas á exuberancia para que não repontem das raizes adormecidas, n'uma resurreição violenta, a floresta grande e a herva rasteira abatidas pelos gumes dos ferros da milicia rural. A rega do sol que se derrama copiosamente nos adustos estios cresta a sementeira e mira o terreno — cumpre aproveitar como beneficio o que é assolação oppondo-lhe sombras e frescura d'aguas, e é o que faz o colono que, ao cahir do tepido crepusculo, á hora angelica e tristonha recolhendo ao casal, emquanto o rumor das arvores em flôr manda á noite o seu epitalamio canta, junto á braza domestica, ouvindo a voz da esposa que adormece o filho mais novo, a lyrica campestre que abafa os derradeiros échos da monodia negra.

Na cidade, a colonia e o commercio, é a industria, é a vida activa na terra e nos mares e, quer á beira da matta, quer sob as telhas urbanas, o colono adere á nova patria pelo amor, constituindo a familia — e a arvore transplantada dá sombra e fructo no terreno estranho, e n'elle fica, para o sempre, presa pelas novas raizes nascidas do coração : os filhos.

Que tem elle feito, o colono ? qual é a obra d'esse estrangeiro, que é nosso irmão : — é o celeiro farto, é a escola, é o hospital, é o templo, e mesmo, n'um momento, soffrendo connosco, sahiram a pelejar á sombra da aza verde-loura do nosso pavilhão.

A arvore genealogica da familia brazileira tem, como semente, o luzitano, Tritão nas aguas, Centauro nos campos, fiel á Lei e á sua Crença, e aos ramos não fica bem revoltarem-se contra as raizes d'onde brotaram, nem nos lustraria, em tempos tão claros e justos, o procedimento ingrato que tiveram os de Carthago contra os que lhes defenderam os muros da cidade.

O sangue humano, depois da primeira redempção sobre as aguas, decorre do coração de Noé — é o mesmo nas veias do barbaro e nas do homem civilisado, e porque havemos nós de accender a revolta ridicula de uma gotta contra o estuario universal ? A humanidade é uma grande familia acolhida sob a tenda azul de Deus, que é o céo : o principio da constituição universal, da Paz, é a Fraternidade Humana. Amemo-nos.

Para a ligação espiritual temos o élo indestructivel da lingua sonora e rica, que é uma doce e correntia ribeira derivada da fonte classica que cantava á sombra das collinas de Roma, na qual se foram abeberar as musas immortaes de Ovidio e de Virgilio.

Em Portugal, nos tempos modernos, quantos mestres a têm polido, limpando, por assim dizer, o leito da corrente para que flúa limpida e serena, essa encantadora herança que, passando por entre as margens do tempo, nos vem cantando os feitos dos maiores e recitando epinicos e eglogas, estrophes de epopéas e quadras meigas de idyllios.

Camillo Castello Branco que, evocando á beira dos tumulos do Passado os archaismos os trouxe á vida com surpresa para quantos viram apparecer esses vocabulos espectros, rebrilhando á Luz do novo Seculo, enriquecendo o glossario moderno como o thesouro d'um avaro que a Fortuna houvesse deparado ao lavrador, n'um campo. Nãs mãos d'esse abastecido mestre, encarnação da lingua portugueza, o vernaculo ora é suave, ora é violento, tem meiguices de rouxinoleios e repercussões de frêmitos, acaricia como uma pluma e fere como um dardo, é hymno uma vez e logo irrompe como invectiva. Em cada um dos seus livros a gente cuida ver desfilar o cortejo do Idioma desde o vocabulo rude e forte contemporaneo de Viriato até a expressão flexivel e delicada dos modernos, polida pelo roçar constante dos seculos activos.

Latino Coelho, o atico, que a temperou com o mel perfumado da collina do Hymetto dando-lhe doçura e graça e uma sonoridade activa de musica divina.

Herculano, o solitario de Val de Lobos, o homem da natureza e da simplicidade, amigo do camponio, asylado na paz rural á sombra dos velhos carvalhos, dá lhe uma vez a expressão piedosa d'uma prece quando pede pelas freiras de Lorvão. unge-a d'um espirito propheticamente n'um pamphletó que parece vir do velho tempo biblico, annunciador e lastimoso, gemendo sobre o descalabro da Patria ; torna-a sobria e forte na Historia e amenisa-a na lyrica. A linguagem do stoico é austera e grave, não tem grandes ardores, é de escassos ornamentos exprimindo bem o estado d'alma do misanthropo e a serenidade do meio de silencio e virtude em que vivia.

Vejamol-a tratada pela penna amavel de Julio Diniz ; canta e exhala fragantemente — é toda ideal e sentimento. Nos periodos ha um fresco e perenne murmúrio d'aguas, um doce zumbir de abelhas, echos melancolicos

de cantilenas, luz branda de sóes de outono, alvos luars, e as figuras que passam tão simples, tão humildes, tão felizes na paizagem têm uma tal expressão de realidade que, lendo os seus livros, cuida a gente estar transportada pelo seu periodo, ás repousadas aldeias, acolhidas sob os ramos altos dos castanheiros, ouvindo melros e cotovias. A linguagem do campezino apparece nos como uma pastora.

Quental, o poeta-philosopho, torna-a discreta e pensadora, dá-lhe azas, e faz com que ella ascenda ás regiões altissimas do Absoluto, concentra-a, e os seus sonetos decorrem lentamente, recolhidamente carregados de dividas, a caminho do Mystério. Vêde a sua expressão verbal como é perfeitamente caracteristica de sua alma; — nem um termo de mais, são todos os necessarios e sombrios.

João Penha, deus impassível d'agua limpida da Castalia na qual se foram desalterar todos os parnasianos, os grandes plasticos, os mestres buriladores desde o nosso amado Crespo até Eugenio de Castro. Guilherme Braga, o sentimental, que fez da lingua portugueza uma ancilla d'alma. Junqueiro que a tornou terrivel como a rede d'um retiriario. Thomaz Ribeiro que d'ella fez a Veronica da Patria n'ella mostrando a figura do velho D. Martinho que é o proprio Portugal amado, antigo e venerado.

João de Deus, o candido, rimando sentimentos, abeberando a musa no proprio coração, dá-lhe simpleza e naturalidade. Oliveira Martins, o incansavel trabalhador que explorou todas as provincias do saber humano com rara felicidade, deu-lhe todos os tons e todas as cores, revestindo as sciencias de uma forma amena e grandiosa por vezes, até que, n'um assomo de amor patrio, abeirou se dos tumulos dos grandes patriarchas da gloria portugueza e invocou os, trazendo-os á vida nas paginas lapidarias dos seus livros, que são outros tantos monumentos erigidos a Portugal e á lingua portugueza.

Ortigão, o *touriste*, deu-lhe a alegría saltitante d'uma faceira rapariga estroina, insaciada de maravilhas, correndo sempre ao novo e contando garrula e pittorescamente o que viu pelo mundo, o que sentiu, quanto gozou, as decepções que teve, sempre com um sorriso ironico nos labios. Eça de Queiroz, finalmente, o Cellini, o mestre maximo.

Para os que têm, como eu, um grande amor á fórma é esse o senhor do sceptro da litteratura portugueza actual. Nunca a lingua portugueza teve tanta melodia, tanta frescura, tanto colorido, tanta precisão como sahindo da penna magnifica d'esse maravilhoso artista que seria universalmente amado e admirado se um explorador da mais bella e difficil das artes, a da palavra escripta, já se houvesse, atrevido a penetrar a lingua portugueza tão bella e tão esquecida, escondendo esplendores, seggregada do mundo, por assim dizer, como a princeza dormente do conto; um explorador como Melchior de Vogué, que, galgando os gelos da Russia trouxe, para maravilhar o Occidente, as riquezas não sabidas da litteratura slava

Cada um dos livros do auctor da *Reliquia* é um modelo perfeito de composição, cada um dos seus periodos é um diamante de lapidação torturada e as suas paginas, de um desusado brilho, offuscam muitas vezes, fazendo com que a acção desapareça sob a claridade irradiante da fórma.

O seu poder descriptivo assombra e dá a illusão da verdade. O sol que elle nos mostra ganhando o céu arde e alumia; a sua paizagem tem murmúrios d'arvores e prantos d'aguas; ouve-se o canto do pastor, ouve-se o balar da ovelha, sente-se o aroma dos fenos frescos e vê-se ir subindo do tecto baixo do casal o fino fio de fumo do fogão domestico. As suas tardes cahem melancolicamente e a vida no campo, como na cidade, passa n'um flagrante de verdade paginas a fóra, triumphalmente levadas ao rythmo da forma altissima e poderosissima do mestre inimitavel.

Esse é o perfeito artista e, brindando o, brinco n'elle toda a Arte nova de Portugal, tão querida no Brazil, não esquecendo a imprensa, que é o ninho d'onde sahem, para a gloria das litteraturas e do mundo, os principes da palavra.

COELHO NETTO.



GUERRA DE CUBA: MÁS NOVAS



CUIDADOS DE MAE

MARGARITA

(A Domingos Guimarães)

II

Eu via a Margarita, a camponeza
 Mais linda do logar, ir do sol posto
 À socegada fonte da deveza,
 Pelas tardes purissimas d'agosto.

Mas nos olhos dolentes de princeza,
 Em vez do fogo que anuviava o rosto,
 Tinha uma vaga nuvem de tristeza,
 Um vago tom de limpido desgosto...

Da mão direita o cantaro pendente;
 A outra erguia a saia levemente,
 Deixando ver os folhos das anagoas.

Um dia passei lá, e, silenciosa,
 Vi-a juncto da fonte lacrimosa,
 Olhando a azul inexpressão das aguas.

Como era bella assim, áquella hora

Em que fumegam os casaes da aldeia.

Enamorada nympha tentadora

Ao pé da fita d'agua que serpeia...

Que infindo olhar que me inundou de aurora!

— Alva róla no azul a lua cheia —

Eu disse : Chora, Margarita, chora,

Que és tam bonita assim...

— A ceara ondeia...

O que é que te atormenta tam creança ?

Talvez a verde barca da esperança,

Que se perde no grande mar das maguas...

E ella fugindo a confessar-m'o, esquiva,

Baixou o olhar, — uma esmeralda viva,

Olhando a azul inexpressão das aguas...

JULIO BRANDAO.

SEBASTIÃO PEREIRA DA CUNHA



QUANDO em Lisboa correu a nova de que era á morte Sebastião Pereira, como tanta vez em casos semelhantes, á dôr, que a muitos pungia, para que mais se afundasse o punhal na ferida aberta, juntava-se o espanto pelo inesperado da desventura

Arrebatou-o para essas regiões desconhecidas, mas que elle, atravez a sua fé, sempre avistou luminosas, uma d'essas tísicas galopantes, que tanto gostam dos homens fortes, como o raio na floresta prefere os robles gigantes.

Sebastião Pereira da Cunha parecia dever ter uma vida longa, tão fortemente pensavamos ser constituido aquelle corpo, aliás tão fragil e ora morto. Quem o via passar alegre de cabeça erguida, os olhos sorridentes, o bigode marcialmente levantado, o chapéu alto um pouco inclinado sobre a orelha direita, quantas vezes pensaria que era bem de molde aquella formosura mascula para abrigo das qualidades brilhantes, força, energia, honradez inquebrantavel d'aquella alma immortal.

A morte, porém, senhora de nós todos, diverte-se por vezes a mostrar-nos o seu despotismo.

Vivo, sympathico, insinuante, no mais insignificante gesto, na maneira de andar, no falar brando, na forma elegante e simples dos cumprimentos, na modelação d'uma pequenina phrase cerimoniosa, revelava um perfume, hoje quasi desconhecido, de velha fidalguia. A sua virtude acariciou quantos com elle tiveram trato por momentos, tanto despresava aquella rigidez exterior, mascara estúpida dos hypocritas.

Filho de Antonio Pereira da Cunha e da sr.^a D. Marianna Machado Castello Branco, da casa dos condes da Figueira, constantemente pelos olhos lhe passaram os mais enternecedores quadros de amor de familia, d'esse amor tão fecundo em virtudes e de que todas derivaram que lhe foram exemplo. Nem uma sombra n'aquelle quadro que parecia desenhado por mãos angelicas com as tintas da aurora e onde elle por tantos annos poude embevecer seus olhos! Assim o viu desde que soltou, ao entrar na vida, o primeiro grito, que Deus quiz pôr tão perto do ultimo, para mais uma vez provar a fé, a constancia, a resignação da desgraçada mãe, hoje viuva, e ainda ha pouco, ferida no mais sensível da sua alma pela morte de uma filha querida.

O seu feitio moral, sua alma pensante, seu coração sensível, eram d'uma tempera diferente da dos homens d'hoje. O ser rijo como ferro não o impedia de ser malleavel como o aço. Por isso elle vivia n'este seculo de decadencias, alegre, feliz, inquebrantavel em suas crenças, cheio de fé em seus ideaes, acreditando ainda nos homens.

Tudo n'elle era logico. Nem uma discordia entre o feitio moral e o feitio artistico. Um e outro pareciam os de um velho portuguez arreigado ás tradições, levando sempre comsigo no campo azul do lyrismo traços vermelhos de epopea.

Occupando um alto lugar na direcção do partido miguelista, em que já fôra dos primeiros pelo talento e tacto politico o sr. Antonio Pereira da Cunha, seu pae, ahi poude decerto revelar a firmeza na fé que herdára, em que fôra educado e pela qual combatia.

Alma de crente era seu lemma *Deus e Patria*. Por elle trabalhava com aquella segurança de quem põe, mais do que a razão ou interesse, o coração, abrigo da fé, ao serviço de seus ideaes.

Em todas as suas poesias, que são muitas e de primeira ordem, são sempre essas as idéas predominantes. As luctas do christianismo contra os mahometanos, a repulsão definitiva dos moiros da peninsula foram motivo do poema *A Conquista de Granada*. O amor patrio inspirou-lhe as bellas estrophes do *Alcaide do Castello de Faria* e o drama historico em verso *O Saio de Malha*.

Filho de grande poeta e de quem tão admiravelmente conheceu segredos da metrificacção portugueza, Sebastião Pereira da Cunha cedo se revelou digno discipulo de tão carinhoso mestre.

Vivendo quasi sempre retirado no seu castello do Valle do Lima, quasi sempre com os homens rudes do campo, cujas naturezas simplesmente poeticas e francamente boas o encantavam e lhe davam maior confiança em sonhos de futuro, ali deixava expandir a alma, ensinando-lhe o caminho, que, por misericordia de Deus, agora tomou finalmente.

Tendo sido casado com a sr.^a D. Maria Amalia de Almada, sua prima, deixa um rancho de filhos, seu unico orgulho em vida, a quem legou os exemplos herdados, os grandes exemplos da fé, da honra e do trabalho.

JOÃO DA CAMARA.

Para dar aos nossos leitores ideia da poesia de Sebastião Pereira da Cunha, romantica muito embora, mas sempre quente da emoção mais viva e perfumada, de um doce encanto lyrico, cheia de fé e de impeto, escolhemos a poesia *A Hespanha Arabe* proemio do poema *A Cidade Vermelha*, por ser aquella que melhor traduz o forte temperamento artistico do mallogrado poeta.

A HESPAÑHA ARABE

Da Hespanha ao meio, em pé, o throno audaz dos arabes
Levantava-se ovante, e ornado de laureis.
Por toldo, um ceu azul, por ba-e, trinta leguas,
E em torno duas mil aldeias infeis.

Era arvore possante, e florescente e rigida;
Nunca ousara banhar-lhe a fronte a agua lustral;
E crescia, e medrava ha perto de oito seculos,
Desafiando o raio, o tempo e o vendaval.

Quem a plantara ? Um crime ! Um pae, que vende a patria
E uma filha, que vende as graças e o pudor.
O Conde Juliano, e a Cava, a mulher lubrica,
Um orgulho offendido, e um malogrado amor.

E crescia, e medrava. As rúmuras vergonteadas,
Que lançava ao chegar o quente mez de abril,
Chamavam-se Sevilha, e Cadiz, Murcia, e Córdova,
Alicante, e Granada, a moira do Xenil.

Beijava-lhe a raiz o mar mediterraneo,
Perfumavam-lhe a fronde as virações do sul;
Serviam-lhe de encosto os iriçados pincaros
Da montanha de Elvira e as cristas do Padul.

Formando-lhe um collar de rosas de alvas pétalas,
Abraçavam-lhe o seio as sultanas gentis;
A esbelta Lindaraxa, a jardineira eximia,
E Fatima e Zoraida, as divinaes houris.

Como um vaso gigante, e rubro qual scentelha,
Palacio colossal lhe circumdava o pé;
Esse vaso era a Alhambra, a Cidade Vermelha,
O sonho do Propheta, e relicario, a fé !

Andavam-lhe em redor os regios castelhanos,
E diziam, mostrando a insignia de Jesus :
«Deve a espada christã, no fim de tantos annos,
Decepar esse tronco, e transformal-o em cruz !»

Dom Fernando terceiro aponta-lhe o montante;
Fundo golpe lhe abriu, golpe de lidador !
Allah voltou a face, afflicta e lacrimante,
E Sevilha curvou-se á cruz e ao vencedor !

Murcia tambem cahiu. Prostrou-a o mesmo braço
Do castelhano ousado, a queda foi fatal.
Debalde Mahomet a quiz suster, no espaço
Deixa o turbante de oiro e a purpura real !

Cadiz, filha do mar, moira, feita de espuma,
Uma tarde brincava ao pôr do sol, no cáes;
Sibilou pelo ar a ponta de uma ascúma,
Ergueu-a pela trança, e não a viram mais !

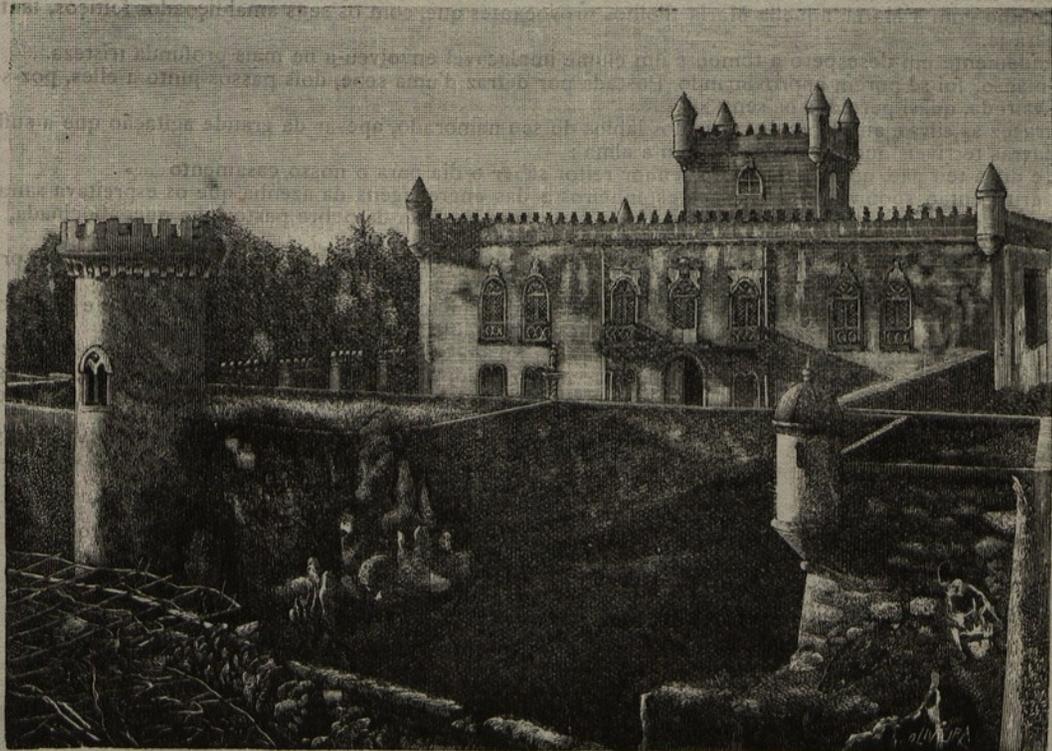
Alicante quiz ir regar as suas flores,
E, á meia noite, entrou no verde lanajal;
Cordova foi tambem, cantando os seus amores
Ao céo da Andaluzia, alegre e festival.

Tontas pelo perfume inebriante e quente
Da lorangeira em flôr rolaram pelo chão;
E adormeceram logo, em longo abraço ardente,
Sem resarem sequer as preces do Alkorão !

Castigou-as Allah. Os reprobos chamando,
Vestiu-lhes dos christãos a cota e os murriões;
E as duas sensuaes sentiram, soluçando,
Sobre os seus braços nús o peso dos grilhões !

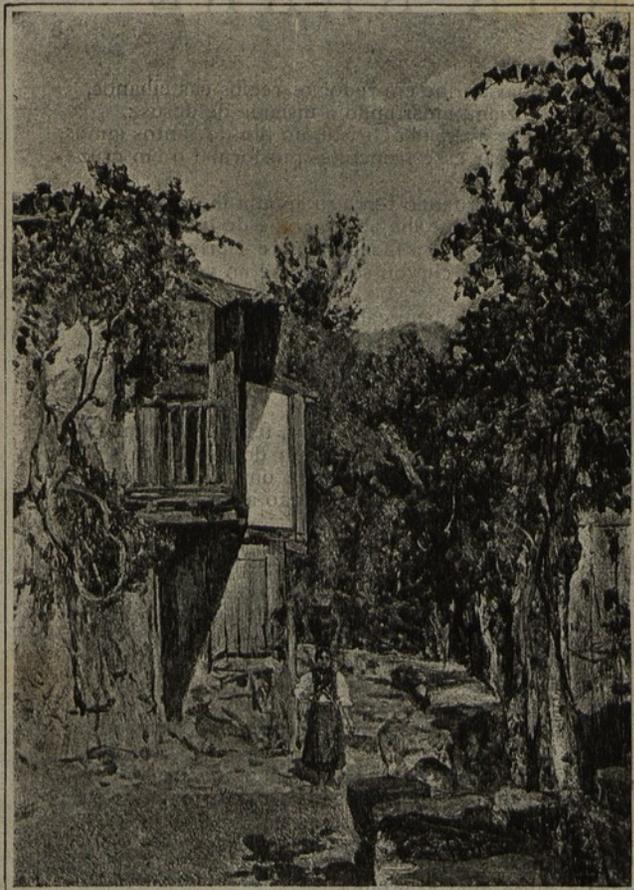
Só restava Granada; e rubro qual scentelha,
Um vaso colossal a circumdar-lhe o pé;
Esse vaso era a Alhambra, a Cidade Vermelha,
O sonho do Propheta, o relicario, a fé !

SEBASTIÃO PEREIRA DA CUNHA.



PALACIO DE SEBASTIÃO PEREIRA DA CUNHA, EM PORTOZELLO

Quadro Amoroso



Ao som alegre da azenha, n'uma tarde fresca de Abril foi que elles se viram a primeira vez.

Desde então no seu rodar cantante, a azenha tem sido a confidente unica dos seus segredos e promessas e a testemunha presente dos seus beijos e caricias.

Entre dois montes elevados d'onde não se enxerga a minima paisagem verdejante e por onde o rio passa limpido e sereno, a azenha lá se destaca eternamente alegre pelo girar estrepitoso dos rodísios. E ahí, foi que nasceu o amor que os prende e que lhes suavisava a vida n'um bem estar de incomprehen-sível doçura.

As primeiras promessas amorosas irrompidas de seus labios expandiram-se ante essa azenha que os espreitava, invejosa de os ver muito unidos, presos d'um amor unico, emballados pela mesma esperança.

Para elles a vida decifrava-se em bem pouco e unicamente seus pensamentos abrangiam os doirados sonhos do amor, do amor unico e incomparavel.

Levados n'um sorrir de venturas, amavam-se loucamente enquanto atravez os pinheiros ouviam o cantar alegre da passarada, d'essa passarada esturdia que mal apparece a primavera toda se irriça de amores.

E elles ahí passavam o melhor da sua vida, sem esse bulicio fastidioso das multidões, sosinhos apenas, muito socegados e alegres, cheios de um religioso e commovido amor.

E que bellas figuras os dois ! Ella, muito docil e meiga, d'um moreno encantador e uma languidez d'olhos dulcissima — tal uma enamora a Cloë rustica ; elle, um soberbo ra-

paz, alegre como nenhum e d'uma alma muito doce e repleta da mais santa bondade.

Todas as tardes se viam. Descendo pelo carreirito que conduz á azenha, enquanto o rebanho pastava no monte em frente, ella ia ter com elle, que já a esperava lá em baixo na margem da levada, ante o cantar festivo das engrenagens. Uma tarde porém, sentiu a magua mais intensa que pode ferir um coração de mulher, e a razão foi, que, no mesmo sitio onde costumavam realizar-se os seus idyllios avistou ella, um pouco de longe, o seu namorado, em intimo colloquio com a Maria, aquella Maria d'olhos provocantes que, com os seus amaldiçoados feitiços, tantos moços perdera já.

Seguidamente um desespero a tomou e um ciume implacavel envolveu-a na mais profunda tristeza.

De manso, foi-se porem approximando. Postada por detraz d'uma sebe, dois passos junto a elles, poz-se á es-cuta, desvairada, quasi perdidos os sentidos.

E atravez as silvas, ainda poude ouvir dos labios do seu namorado, apesar da grande agitação que a suffocava a estas palavras terriveis que lhe despedaçaram a alma :

«... e diz a teu pae, que vá a casa do senhor reitor saber o dia para o nosso casamento...»

Um grito, então, soou vindo de traz dos espinheiros e das engrenagens da azenha que os espreitava saíram uns guinchos plangentes que pareciam chorar a ultima esperança desfeita da pobre pastorinha que, allucinada, á agua se lançara e no pego jazia morta !

E, na realidade, ella lá estava morta, a Cloë d'olhos tão candidos que veio acabar ali onde sentia as primeiras commoções do amor, d'esse profundo amor que dias antes a tornava louca de ventura.

Desde então a azenha, áquella hora nunca mais deixou de amaciar os seus guinchos estridulos e de em brandos gemidos, tão ternos e chorosos, prantear a pastorinha d'olhos dulcissimos e encantados.

Tambem elle a chora agora, o pobre moço, magro e ralado com saudades. Mas por mais que a sua voz enrouqueça de chamal-a, por mais que as cordas da sua viola tremam de pedil-a aos verdes limos, ás fugidias aguas da corrente, nunca mais elle a verá, nunca mais — com o seu riso honesto e com os seus olhos tão limpídos como esmeraldas molhadas.

Valle Maior, maio de 96.

FERNANDO GUIMARÃES.

SONETO

As ondas de luar que poisam leves
Nos hombros teus, tão brancos e tão nús,
E de entre as trevas fazem que te elevés
Como radiante auréola de luz ;

Esse luar que inunda o firmamento
E cae, apóz, tranquillo sobre o mundo,
Não tem do teu olhar o luzimento :
— O teu olhar é muito mais profundo !

Sim ! Teu olhar é flamula de Deus ;
Vejo-o fulgir, esplendido clarão,
No esmalte ideal da abobada dos ceus...

O luar empallidece se tu choras ;
Quando sorris fulge uma irradiação,
Mulher feita dos risos das auroras !

Porto

MOREIRA LOPES.



PAYSAGEM DE VIZELLA, gravura de Armando Pedroso, segundo uma photographia de Carlos Relvas



HISTORIAS PARA CRIANÇAS

O BURRO E O ROUXINOL

(Concluido do numero anterior)

A dona da casa que ouviu estas discussões pensou que, se o rouxinol defendia assim as bellas-artes é porque possuia algum talento.

— O senhor é musico ? perguntou ella com delicadeza.

— Alguma coisa, minha senhora respondeu o rouxinol, fingindo-se modesto; nós outros poetas, gostamos todos da musica.

— Ah! tambem é poeta ?

Esta pergunta encantou o nosso rouxinol; julgava-se despresado portanto foi uma consolação ver que era apenas um desconhecido.

— Seria muito amavel se nos declamasse alguma coisa, exclamou uma gorda mulher, mãe de nove filhas.

O rouxinol fez-se rogado no tempo conveniente, depois poz-se a cantar com tanta mais força de voz quanto era certo que havia muito descancara de cantar.

Cantou maravilhosamente, mas ouviram no a frio.

— Musica de pouco valor, disse baixinho um pombo a um collega.

— Voz de falsete, disse um pato ao seu amigo.

Quanto ao gallo esse não ouviu nada.

Entretanto a dona da casa, que tinha tacto e um grande habito do mundo, exgottava-se em elogios de convenção e em phrases benevolentes ? Deve estar muito cançado, disse ella. — Quer tomar alguma coisa. — A sua voz é tão breve como flexivel ! Que de estudos lhe não foram precisos para chegar a cantar assim.

Apesar d'ella o gabar muito o rouxinol bem via que não era comprehendido, lisongeavam-lhe as pretenções mas não comprehendiam o seu talento !

Se uma pessoa não nos estima muito dizemos : é fria ; mas se ella estima outrem clamamos que é injustiça.

Foi o que fez o nosso poeta, quando o gallo se poz a cantar ; a voz ruidosa echoava em todo o pateo e foi um concerto d'applausos.

Que methodo admiravel ! que bellos sons ! Quanto aos versos achavam-nos excellentes !

O rouxinol não podia estar mais tempo alli : aquella voz aspera fazia ranger os dentes ; aquelles elogios revoltavam-no ; estava n'um supplicio e, aproveitando-se do momento em que todos rodeavam o seu rival, para o felicitarem, pegou na bengala e no chapéu e voou desesperado.

* * *

Viajou alguns dias indeciso, não sabendo em que asylo refugiar-se ; a sêde, que tinha de brilhar fazia-o fugir dos semelhantes, os que tinham tanto talento como elle ; o desespero de não ser comprehendido fazia-o fugir dos seus inferiores. Não sabia que fazer.

Triste e descontente, foi empoleirar-se n'uma arvore que ensombrava um pavilhão elegante ;ahi se demorou algumas horas a meditar nas vicissitudes.

Debaixo d'esta arvore descansava um philosopho para ahi attrahido por uma sympathica melancolia.

Este philosopho era o nosso burro. Estendido sobre a herva florida pensava... ah ! Outr'ora pastava, mas as illusões tinham passado.

Ambos, burro e rouxinol, experimentavam um equal gráu de tristeza, equal aborrecimento, equal desanimo, creio mesmo que tivessem encarado o suicidio sem horror, tal o seu *splee* era horrivel.

Comquanto que assim se lamentavam, appareceu um rapasito seguido d'uma linda rapariga.

— Minha irmã ! exclamou elle córando de prazer, olha um burro !...

E, ao mesmo tempo, correu para o philosopho, ao qual acariciou ternamente.

— Não tem dono, continuou a criança ; se nós o levassemos ! Parece doente ! nós cuidaremos d'elle ! Oh ! era tão feliz se tivesse um burro meu !

— Levemol-o, disse a rapariga ; se o dono o reclamar entregál-o-hemos.

A criança, muito contente tomou o burro pela redea ; beijou-lhe as orelhas ternamente, essas orelhas objecto de mofa e de desespero, saltou-lhe para a garupa, e affastou-se todo orgulhoso da sua conquista.

Apenas dera alguns passos, quando o rouxinol invejoso do successó que um burro obtinha, fez ouvir a sua voz suave.

— Meu irmão! exclamou por sua vez a rapariga, olha um rouxinol!... é ella tambem còrou de prazer.

— Voltou para perto da arvore e o rouxinol desceu de ramo em ramo até junto d'ella.

— Tem uma patinha ferida, disse ella com compaixão, não poderá fugir e os gaviões comêl o-hão. Vou levá-lo e metto-o n'uma gaiola e d'elle hei de tratar muito bem. Ouve-o, meu irmão? Que voz deliciosa.

O pequeno todo entregue ao seu burro nada ouviu; nada valia mais do que um burro. Que lhe importava a elle os melodiosos cantos do rouxinol! o menor galope valia mais do que todos os trinadoes de Philomela e os rouxinoes não galopam!

A rapariga, com mão trémula, apoderou-se do rouxinol que não fez resistencia alguma; deu-se pressa em ir ter com o irmão; e ambos caminharam alegremente, felicitando-se pelo seu dia.

— Que boa ideia tivemos em vir passar para este lado! dizia o rapasito. Tu, que gostas tanto de rouxinoes, encontraste um; e eu tenho um burro que ha tanto tempo desejava! Oh! tomara já chegar a casa para dizer á mamã, que tenho um burro! Os dois captivos não pareciam menos satisfeitos pela sua aventura: o burro ia tão contente, de ser acariado que já se não sentia nem triste, nem doente; o rouxinol ia tão satisfeito pela importancia que lhe ligavam que se apaixonou pela sua juvenil dona e jurava nunca a abandonar.

Chegaram ao castello; installaram-nos a ambos acharam-se tão bem que passaram ahi o resto dos seus dias amado e bem tractado (isto é para o burro), escutado e festejado (isto para o poeta).

Depois de tantos aborrecimentos, desgostos e tormentos, tinham enfim a felicidade; ambos tinham encontrado a sociedade que lhes convinha, porque, para se ser feliz, meus filhos, é preciso viver com pessoas que nos estimem e a quem possamos ser uteis, ou antes com as pessoas superiores, as de espirito, que apreciem o nosso talento.

(Trad.)

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.

UM TRECHO

(de Domingos Guimarães)

Em setembro, pelo tempo das vindimas: A terra cantava rythms de verduras ineditas, ao sol forte das manhãs. Certos recantos de paisagem havia tão molhados na luz, resaltando do fundo azul e macio do céu em tão violentos destaques e escuros rhembrantescos, que era uma doçura d'alma contemplar-os de largo e extasiar-se a gente de vê-los, tão vaporosa immaterialidade d'elles se emanava. Toda a aldeia era uma delicada bucolica com ceus hyalinos, tristezas doces de poentes, aguas de rega abundantes, e nostalgicas evocativas de pinheiraes. As manhãs então, eram um deslumbramento. Gritavam nóras pelo campo fóra; o mugir do gado nas pastagens tinha uma virgem melancholia errante, e nos milharas verdes havia uma saude forte de batalhadores juvenis, na gloria triumphante do sol. As desgarradas, cantadas por gargantas novas, tinham, algumas, um desalento manso e cheio de piedade; e outras eram d'uma côr tão sadia e fresca, que me lembravam os ramilhetes de cravos. Por uma tarde macia, o tio João do Casal, cantava pela estrada fóra a traz do burrico carregado de farinha, que pinchava pelo macdam luminoso de poeira e de sol, n'uma cadencia doce. De caminho, ia o tio João ouvindo os ralhinhos das freguezas, que o esperavam á porta dos casaes, fiando linho:

— Eh! lá, salve-a Deus ti' Roza.

— Deus o salve, ó ti' João. Sempre uma d'estas, não se fazia, home. A saber o rancho que eu tenho e sem mi-galha em casa!

— Vem agora, mulher, ainda é tempo. A gente não se pôde partir. Vocês cuidam?... E' cá uma coisa.

— Quer não!... Olhe que eu preciso mais c'ás mais. Bem no sabe vocemecê, home!

— Ora!... Não lh' ha-de faltar uma hora p'ra morrer... Adeus, adeus.

— Olhe que p'ra semana cá o espero, hein?

— Sim, sim; por cá darei uma volta.

E mais adiante, n'um casal meio esboroado, tressoando uma grande pobreza, foi uma velhota dobando linho quem acudiu toda risonha:

— Ora viva! Então que me conta?

— Conto-lhe que aqui tem a su' farinha.

— E não é sem tempo, ora ande.

— Tamem você se agora morresse, olhe que já não era sem tempo, não. A essa idade já eu não boto — disse o tio João continuando o caminho.

— Sume-te, inimigo. Olha o ruim! Não, primeiro ha-de você ir a mai'l'o burro.

E enquanto o tio João dobrava uma esquina, a velha, fazendo cantar a dobadeira, dizia por entre um riso doce:

— Démo d'home! Sempre tem coisas, este João!... Já fóra da aldeia, n'uma casa de lavrador abastado, foi uma moça nova que se lhe atravessou adiante e fazendo-se muito zangado, lhe disse:

— O que vocemecê precisava era d'uma terçan.

— Longe vá o agoiro... Tambem tu precisavas de noivo, minha espevitada.

— E ainda caçôa, este yelho d'uma figa! Olhe que falo sérial!

— Pois tamem eu. N'estas coisas d'amores nunca caçôo.

A moça ria se n'uma alegria franca, enquanto o tio João desatava da carga um enorme sacco de farinha.

— E o que lhes parece o diabo do home, hein? O' ti' João, olhe que já se podia deixar de ser tão tolo — dizia ella segurando o sacco á cabeça.

— Tumarias-me tu, minha gaiteira.

De dentro do alpendre, uma voz forte d'home, gritou então:

— Eh! lá, João? Olha que se me fazes a cabeça tola á cachopa, quebro-te uma costella, hein?

— Tamem tu, Ferrabraz? Guarda lá as tuas furias a mai'l'a Maria, home. Moças novas não me faltam.

— Ai lá por essa!... Olha, se queres um coposio, entra.

— Nada, que me não posso demorar. Tenho de dar uma grande volta, Adeu, adeus!

— Como quizeres. Olha que é de boa mente.

— Bem no sei, mas agora não pôde ser.

E o moleiro, seguiu pela estrada fóra, toda cheia de arvores e aguas palmeiras, cantando muito alegre:

Coração, não andes triste,
Anda alegre se quizeres...
Ai lá ri lá ri lô lê,
Anda alegre se quizeres...

Era quasi noute, quando elle passou pelo solar da fidalga. A sombra caia pardacenta e solemne, como um

canto religioso. O poente resplandecia, n'uma vaga claridade cõr de rosa. Uma ternura biblica saía das grandes arvores copadas abrindo no ar como guarda-sóes enormes; e toda a terra adormecia, ainda morna do calor forte do dia. Iam-se diluindo em tintas indefinidas os vagos contornos das coisas. A *silhouette* do burrico, galopando pela estrada, já alliviado da carga, dava a impressão intensa d'um pedaço de sombra que se movesse. Aldeões voltavam da faina do campo, a passo lento e pesado, falando de gados e de colheitas.

— O campo do Manel dá-lhe este anno p'ra riba de seis moios. Bom trugal.

— Lá isso dá. E vamos, que as colheitas, este anno, não foram más, louvões a Deus.

E, ao passarem pelo tio João, tinham sempre um dito amigo, uma graça inoffensiva, com que o pobre velho se ria a perder.

— Ora guarde-o Deus ao ti' João.

— Venham de lá com Deus. Então este anno as tulhas ficam cheinhas, han?

— P'ra você nos roubar, seu patife d'uma figa. Não, olhe que você tem grandes contas a dar a Deus.

— Pois isso nem de graça nem vendido. Tenho grandes contas a dar, de vos ter aturado a vocês todos, cambada.

O tio João do Casal conhecia aquella boa gente, d'indole doce e pacata, pela larga convivência de muitos annos. Tinha vindo servir para a azenha de que elle era hoje proprietario, muito novo ainda. O tio Manoel Moleiro fôra-se afeiçoando ao rapaz de tal sorte, que mais tarde lhe dera a filha unica em casamento, encantado pelas boas qualidades e genio trabalhador do rapaz. N'esse tempo, era elle um moço espadão e forte, como um mangoal. Tangia a viola d'uma tal maneira, que trazia encantadas todas as moças do povoado. De espirito evocativo e sonhador, muitas tardes, emquanto a cabrada relvava no aido, elle se deitava ao pé da agua da levada, que, em cachões d'espuma, cantava na roda velha da azenha, fazendo-lhe gemer não sei que macias canções do passado. E estas virginaes melancholias da sua mocidade floriavam-lhe a alma de rosas brancas, deram-lhe a placidez dos lagos, nas luminosas tardes de verão. Na edade viril, quando o seu coração começou a sentir coisas estranhas pelos dias fóra e a suggerir vultos esgarçados de visões encantadas, pelos religiosos horizontes dos crepusculos, elle lá se ia a mais a viola, deitar-se perto da levada como nas tardes loiras de em menino, e uma vez ali, arrancava ás cordas rythmos tão doces e improvisava d'uma maneira tão expontanea e pittoresca, que não havia fugir-lhe á fascinação. A poesia d'aquella boa alma resentia-se das verduras e da cantilena fresca das aguas. Tinha-se formado ali pelo campo, entre o cheiro acre do feno e o sadio perfume do trevo. A vida passada cobriu-lhe a almatoda como as flôres rosadas, cobrem as macieiras na primavera; a sua velhice cheia de claridades virginaes, ainda hoje cheirava á mocidade das hervas e á resina dos pinheirões. Com a felicidade do casamento, nasceu-lhe aquelle modo folgazão, que é o perfume das almas felizes.

— Bom tempo, bom tempo, dizia o tio João ás vezes.

Era uma alegria grande para elle, se nas esfolhadas ao luar d'agosto, ou nas romarias, moças novas vinham pedir-lhe para tocar a ribaldeira.

— O ti' João é que sabe d'isto.

— Ai nada, nada. Inda se fosse no meu tempo de rapaz! mas agora, contas e borraça.

— Mas não se faça rogado, ó ti' João. Ora não ha!

E davam-lhe abraços, amimavam-n'o, com grande ciueme dos namorados que invejavam a boa felicidade do velho. Elle então, n'uma allucinação, agarrava a viola, fazia-lhe gemer as cordas, saltava de contente e vinham então aquellos devaneios candidos d'outro tempo, estranhos, gemedores, escurrendo a consoladora saudade, de que se sentia toda a vida do tio João, naturalmente por ser engeitado. Uma voz fresca levantava-se no meio da dança em crescendo suaves, como as canções d'agua pelas rechans esboroadas:

«O' alecrim rei das hervas

«O' oiro rei dos metaes.

E o tio João com um luar de mocidade a rosar-lhe a face:

— E vá lá uma... e duas... e siga de roda!

JOÃO GRAVE.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Têm-nos sido enviadas ultimamente as seguintes que muito agradecemos:

Iris, livro de versos de Alfredo Nunes Correia, Porto, 1 vol. in-8.º de II-174 paginas. — E' uma estreia, em que se revela um talento promettedor. Saudando o novo poeta, esperamos ter proximoamente ensejo de tratar mais detidamente do seu livro.

Stabilimenti Gio. Ansaldo & C. — Estrattó della «Revista Industriale e Commerciale di Genova e provincia.» E' a historia d'este importante estabelecimento de construcções navaes, em um formoso volume, adornado de soberbas illustrações.

Almanach do Jardineiro para 1896, dedicado a S. Magestade a Rainha D. Amelia, por um amator, Lisboa, 1896, 1 vol. de VIII-106 pag. Dizendo-se que este modesto pseudonymo occulta o nome do sr. Paulo de Moraes, o distinctissimo agronomo, e porventura a nossa primeira auctoridade em assumptos agricolas, commettemos, é certo uma indiscreção mas fazemos ao livro o melhor elogio e a melhor das recommendações.

O parteiro, romance naturalista de Oscar Leal, Lisboa, 1896, 1 vol. in-8.º de 110 pag. O sr. Oscar Leal, director do jornal *A Madrugada*, é já sufficientemente conhecido do publico portuguez e brasileiro pelos seus livros, que já hoje formam uma bagagem litteraria muito apreciavel. D'entre elles devemos destacar a *Viagem a um paiz de selvagens*, livro que foi lisongeiramente acolhido e que é de veras notavel.

A redacção do *Branco e Negro* agradece reconhecida as amáveis distincções com que na quinta de Monserrate e por occasião do festival das creanças lady e sir Cook honraram o seu collaborador Arnaldo Fonseca, que ali foi tirar as photographias que demos no nosso ultimo numero.

O NOVO SYSTEMA DE CURAR

DE

L. KUHNE

EXPOSIÇÃO, APRECIÇÃO E GUIA PRÁTICO

POR

J. A. BENTES

1 Volume 400 réis. Pelo correio 420 réis

Livraria do Editor

ANTONIO MARIA PEREIRA

50, 52 — *Rua Augusta* — 52, 54

LISBOA

COISAS UTEIS

MAÇÃS A PORTUGUEZA

Tomam-se tantas maçãs, quantas possam caber na torreira empregada, tira se-lhes o coração com um instrumento de folha, que qualquer funileiro vende, e pellam-se no caso de terem a pelle mais consistente. Tem se o cuidado, ao fazer estes preparos, de não lhes tirar o feitiço ou partil-as. Cortam se fatias de miollo de pão duro, do tamanho das maçãs. Unta-se de manteiga a torreira, põe-se-lhe o pão em cima e as maçãs sobre o pão. Enche-se o vasio de cada maçã com assucar e um pouco de manteiga fresca.

Põe-se a torreira no forno com lume brando e vae se renovando o assucar e a manteiga á proporção que a vão desfazendo e embebendo no pão. — Quando as maçãs estão quasi assadas, põe-se um pouco de marmellada de qualquer fructa no lugar onde se lhe tinha posto até ali a manteiga e o assucar. — E' preciso que o fogo seja muito brando para que as maçãs conservem o seu feitiço e o pão se não queime, e devem servir-se bem quentes sobre o pão e regadas com o suco que ellas teem deixado. No caso de se lhes não querer empregar a marmellada, pôde continuar a pôr-se-lhes a manteiga e o assucar até estarem promptas e são tambem excellentes assim.

MANUAL

DE

ESGRIMA

PELO PROFESSOR

A. D. PINTO MARTINS

1 Volume com 65 desenhos de Bordalo Pinheiro. broch. 800 rs. Enc. 15000 rs.

MANUAL

DE

GYMNASTICA

POR

D. MIGUEL DE ALARCÃO

1 Volume com 140 gravuras. br. 800 rs. Enc. 15000 rs.

SANTO ANTONIO

NOTAVEL DISCURSO DE

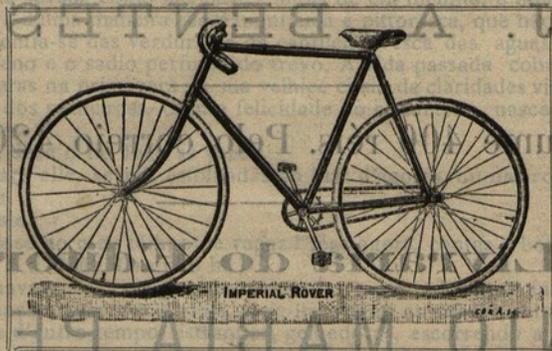
ALVES MENDES

Preço 300 réis. — Editor, Antonio Maria Pereira.

ROVER CYCLES

OU BOM
OU NADA

11 Primeiros
premios.
6 Segundos
premios



1 Diploma de meda-
lha de ouro.
1 Diploma de meda-
lha de prata.

Na Rover não ha uma unica peça que não seja de superior qualidade.

ESPECIFICAÇÃO

SELLA — brooks N.º B 10.

QUADRO — (55, 60 e 65 centm.) é do me-
lhor tubo Weldless (sem soldadura).

PEDALEIRO — 12 centm. de largura.

RODA DENTADA — desmontavel.

GUIADOR — reduzido.

PUNHOS — E. H.

AROS DAS RODAS — occos Westwood.

RAIOS — tangentes, reforçados nas duas ex-
tremidades.

PNEUMATICOS — da The Dunlop Pneu-
matic Tyre C.ª Ltd.

GARPHO — do melhor tubo Weldless (sem
soldadura).

ALVADO — 12 centm. completamente imper-
meavel.

ROLAMENTOS — todas as caixas e rola-
mentos são feitos do aço DIAMANT, e
temperados por um processo particular.

NICKELADOS — sobre cobre.

ACABAMENTO — esmalte extra-brilhante e
aderente.

MANIVELLAS — quadradas.

PEDAES — Rover, impermeaveis.

CORRENTE — Renold.

Com material tão escolhido junto a um acabamento esmerado, obtem o
cyclista amador ou profissional uma machina de primeira ordem, tanto
para a estrada como para a pista.

DEPOSITO DAS "ROVERS"
CASA FAVORITA

50 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 52

AVENIDA DA LIBERDADE — LISBOA

Typographia e Stereotypia MODERNA — Apostolos, 11, 1.º, LISBOA